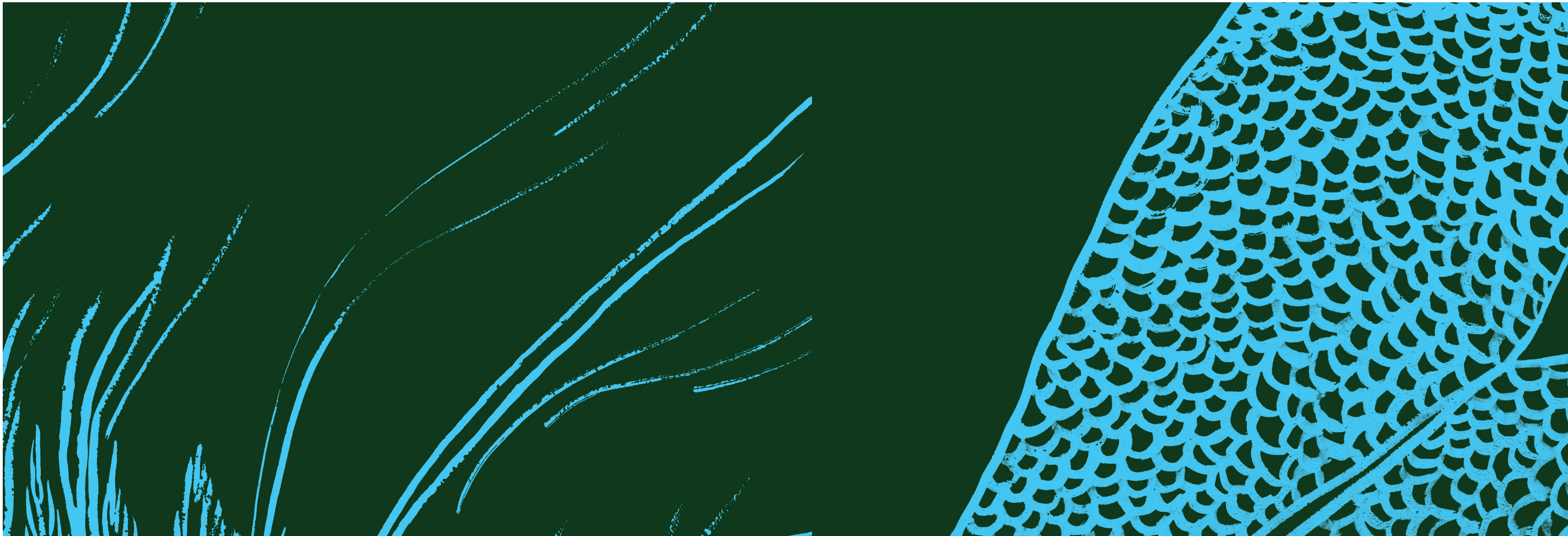








CRIANÇAS DE UM PLANETA CHAMADO COMBU

ADRIELE CRISTINE SILVA DA SILVA



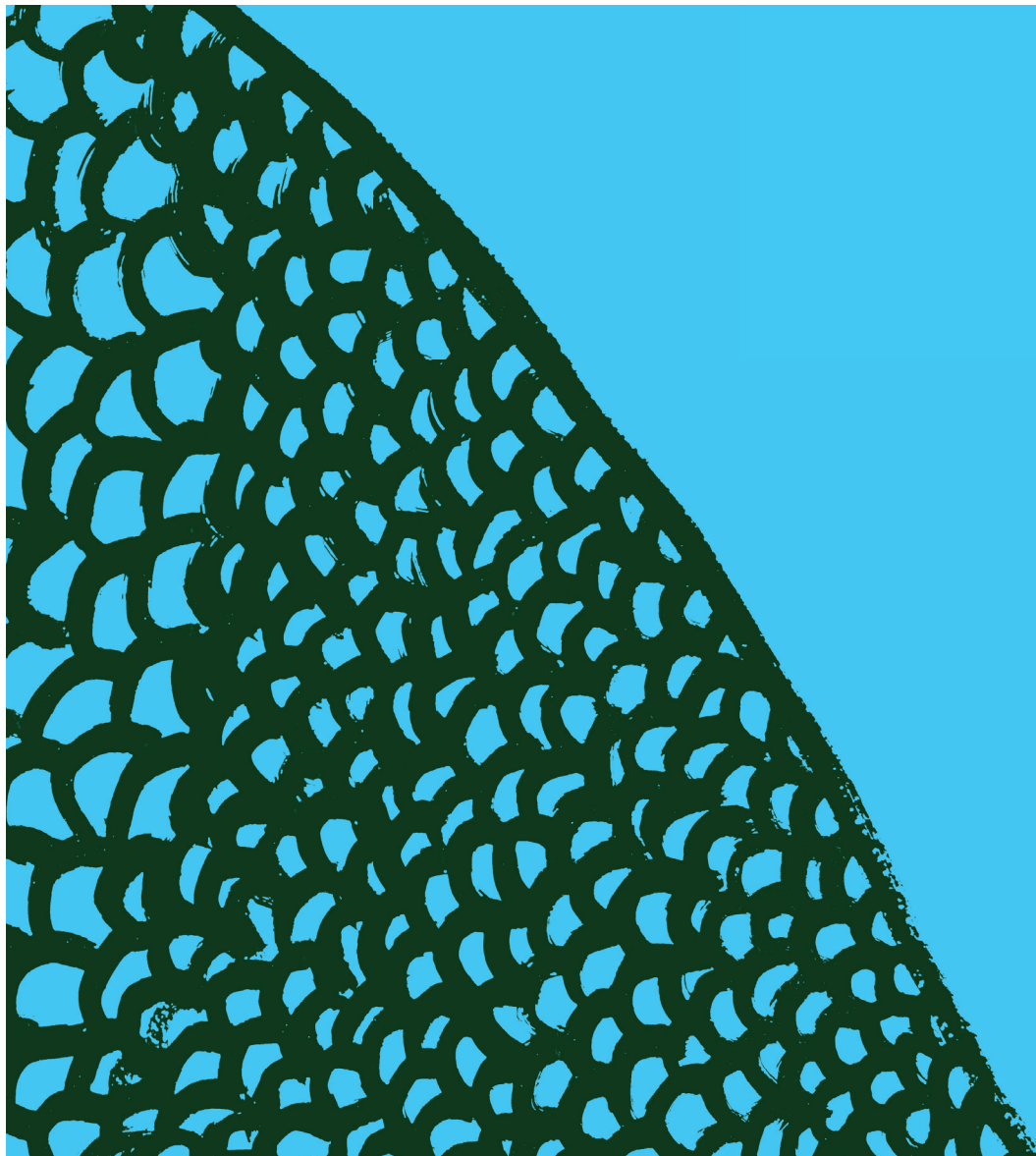


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES – PPGARTES

ADRIELE CRISTINE SILVA DA SILVA
CRIANÇAS DE UM PLANETA CHAMADO COMBU

Belém, 2018



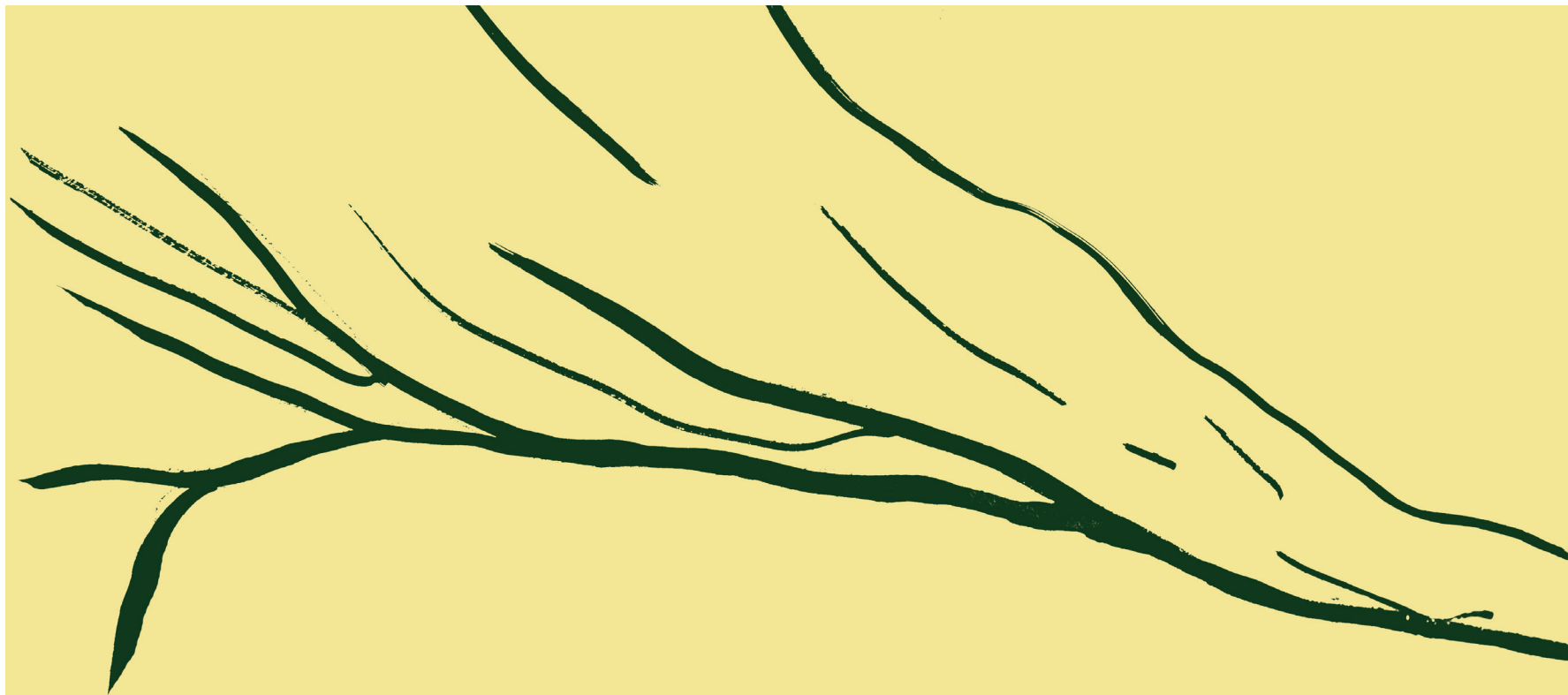


*Dissertação apresentada ao
programa de Pós-Graduação em
Artes do Instituto de Ciências da
Arte da Universidade Federal do
Pará na linha de pesquisa Teorias
e Interfaces Epistêmicas em Artes
como requisito para obtenção do
título de Mestre em Artes.*

*Orientadora Professora Doutora
Ana Claudia do Amaral Leão*

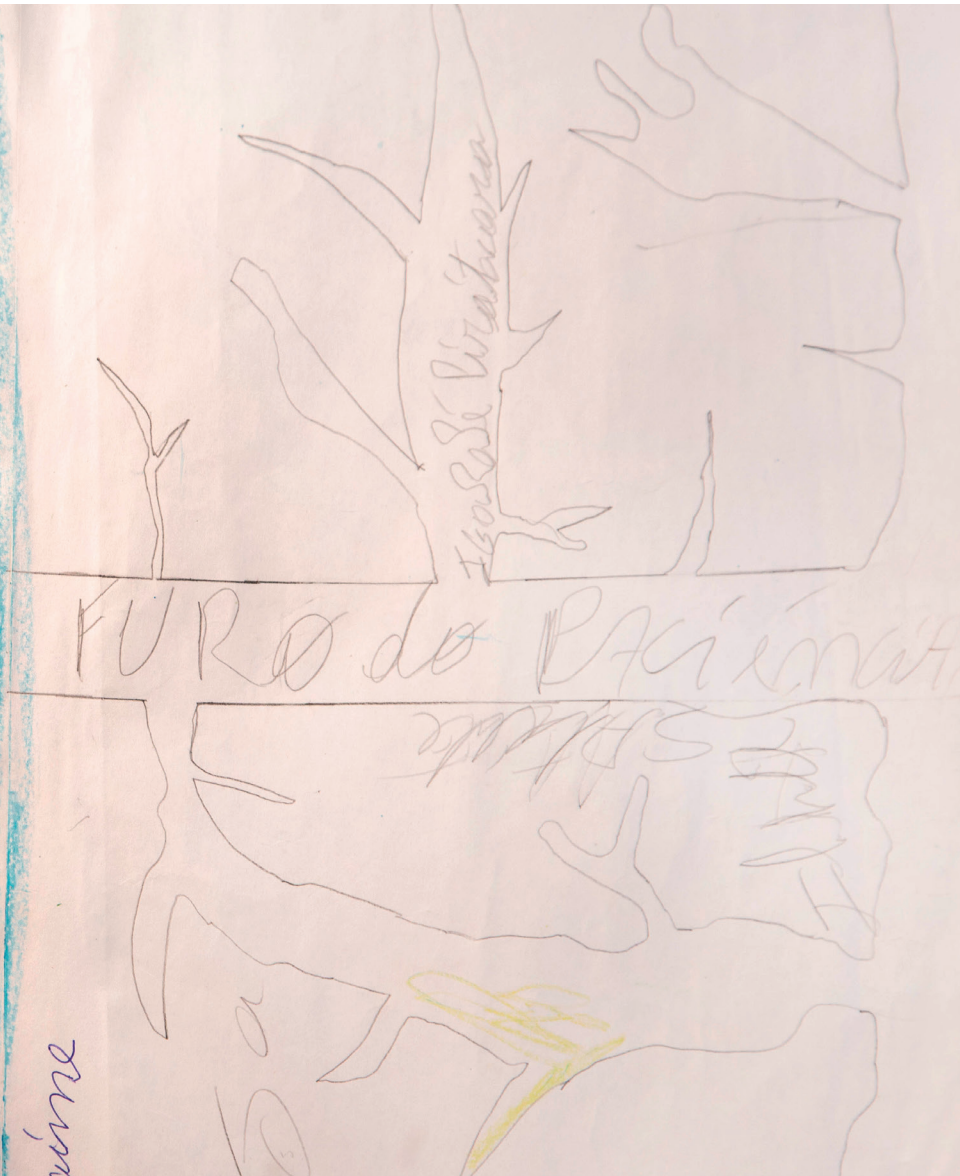






*Às pequenas e pequenos do Igarapé Perequitaquara
À toda a família Trindade e especialmente à Giselle e Socorro
À Lúcia e Augusto por sempre estarem ao meu lado
À Inercita in memoria*







GRATIDÃO

Agradecer em trabalhos acadêmicos pra mim se tornam quase prosas poéticas. Pois não basta agradecer simplesmente, é preciso dizer o porque. Então para iniciar a história preciso contar que quando cheguei a região das ilhas sul de Belém, antes de ser acolhida pelas crianças em si, fui acolhida por mulheres fortes e lindas por inteiro. Elas cuidavam da comida, da limpeza, do cuidado com as crianças, da transição de gestões, etc. Foram e são ou foram o coração de cada uma das escolas por onde tive oportunidade de estar. Elas sempre me renovaram a crença no trabalho e no amor. São elas: dona Simone, dona Quinha, dona Iracema, dona Ivan, dona Rose, dona Lídia. E ao redor existem ainda outras muitas mulheres importantes, pois me abriram as portas de seus corações para adentrar suas casas como dona Rosalina, a dona Maria, dona Gracina, dona Rosinha, a Ingrith, a Geisa, a Dona Socorro, a Giselle, dona Maria, a Rosa, dona Creuza, a dona Nete, etc. A força dessas mulheres e muitas outras está exatamente na gentileza.





Gratidão a minha “orientatriz” Claudia Leão que antes disso já era, e continua sendo, uma grande e sensível amiga. E na junção dessas duas posturas me tomou pela mão e de sua maneira lúdica de ver e levar a vida me ensinou sobre a importância do amor, das coisas que escolhemos fazer, dos prazos sofridos e necessários, do risco implicado na liberdade.

Gratidão a banca de mulheres lindas, determinadas e organizadas composta pelas professoras Maria dos Remédios e Rosângela Britto que com generosidade apontaram coisas fundamentais na qualificação e apostaram com amor na pesquisa. A Nathália Queiróz que desenvolveu todo projeto gráfico da versão final da dissertação. Ela que com seus ouvidos atentos e mãos certeiras materializou em um objeto impresso toda forma e conteúdo de pesquisa. A revisão carinhosa e atenta da Jéssica Vieira.

Ao amigo querido Pedro Clash que me aturou em uma tensa crise de vida, de pesquisa, de identidade pelas estradas sulinas ao longo de um mês entre estudos, passeios e muitas risadas.

Aos amigos Paulo Souza e Raymundo Oliveira cada um a seu modo estiveram ao meu lado me ajudando ora com a pesquisa em suas leituras dedicadas e ora com a vida que se apresentou em meio a um processo com tantas novas possibilidades profissionais.

As amigas lindas e poderosas Amanda Carvalho, Nailana Thiely e Giselle Trindade que de forma muito carinhosa me acolheram em momentos de sofrimento e de alegrias partilhando e integrando como só as mulheres de energia sagrada são





capazes. O amor delas irradia a quem quer que se aproxime, e eu tive/tenho esse privilégio.

Gratidão a família Fotoativa que quando eu mais precisei me apoiaram mesmo que isso significasse uma sobrecarga de trabalho para uma ou outra pessoa. São elas: Camila Fialho, Irene Almeida, Débora Flor, Sandra Machado, Paula Vanessa, Mireille Pic e Anne Dias. São eles: Jorge Ramos, Natan Garcia, José Vianna e Miguel Chikaoka.

Gratidão a minha linda família que sempre esteve ao meu lado para realização de meus projetos, e nesse caso cuidaram tantas vezes de mim, da minha casa e dos meus amores bichanos, pois passava mais tempo pra ilha que em casa. Ariel, minha princesa, que segurou a onda da alimentação dos bichanos e me salvou algumas vezes entregando documentos quando eu não podia estar presente. A minha mamys Lúcia que na maternidade me acolheu sempre que precisei de colo, aconchego ou uma conversa descontraída. A Milena e Miguel que sempre encheram de vida e presença minha rotina com seus seres criança em momentos de muita correria, contação de histórias, criação de desenhos ou cenas. Adam, Pâmela e Nice que geraram e criam as crianças da família com todo amor e dedicação que compartilhamos serem necessários e possíveis no diálogo. Aos meus bichanos Scott Joaquim e Cora Coralina que me ensinaram a parar tantas vezes para simplesmente brincar e estar com eles para além daquele corpo em frente ao computador. De forma muito especial ao Augusto, meu lindo pai, que tantas vezes me levou ao porto, me convidou a tomar açaí quando só estava estudando e sem hora certa pra comer, me abençoou por





todos os caminhos de terra e de rios que até então percorri como forma de estar presente com seu amor silencioso. E a *Inercita (in memorian)*, minha avó/mãe, que me deu a oportunidade de uma despedida suave, de uma tarde de conversa, café quente, cheirinhos no pescoço e a fala carinhosa ao dizer “Minha filha, tire muitas fotos! Elas são um jeito de partilhar conosco a sua viagem”. Ela não teve tempo de ver as fotos, mas com certeza foi abençoada pela partida sem sofrimento e com suas missões cumpridas, como ela mesma havia planejado.

E gratidão a toda equipe do PPGARTES que compreenderam minhas fragilidades e permitiram a prorrogação do prazo de entrega dessa dissertação. Gratidão também a Secretaria Municipal de Educação que concedeu a licença curso, nove meses após seu início, que viabilizou a realização desse mestrado em plenitude de tempo dedicado ao estudo.

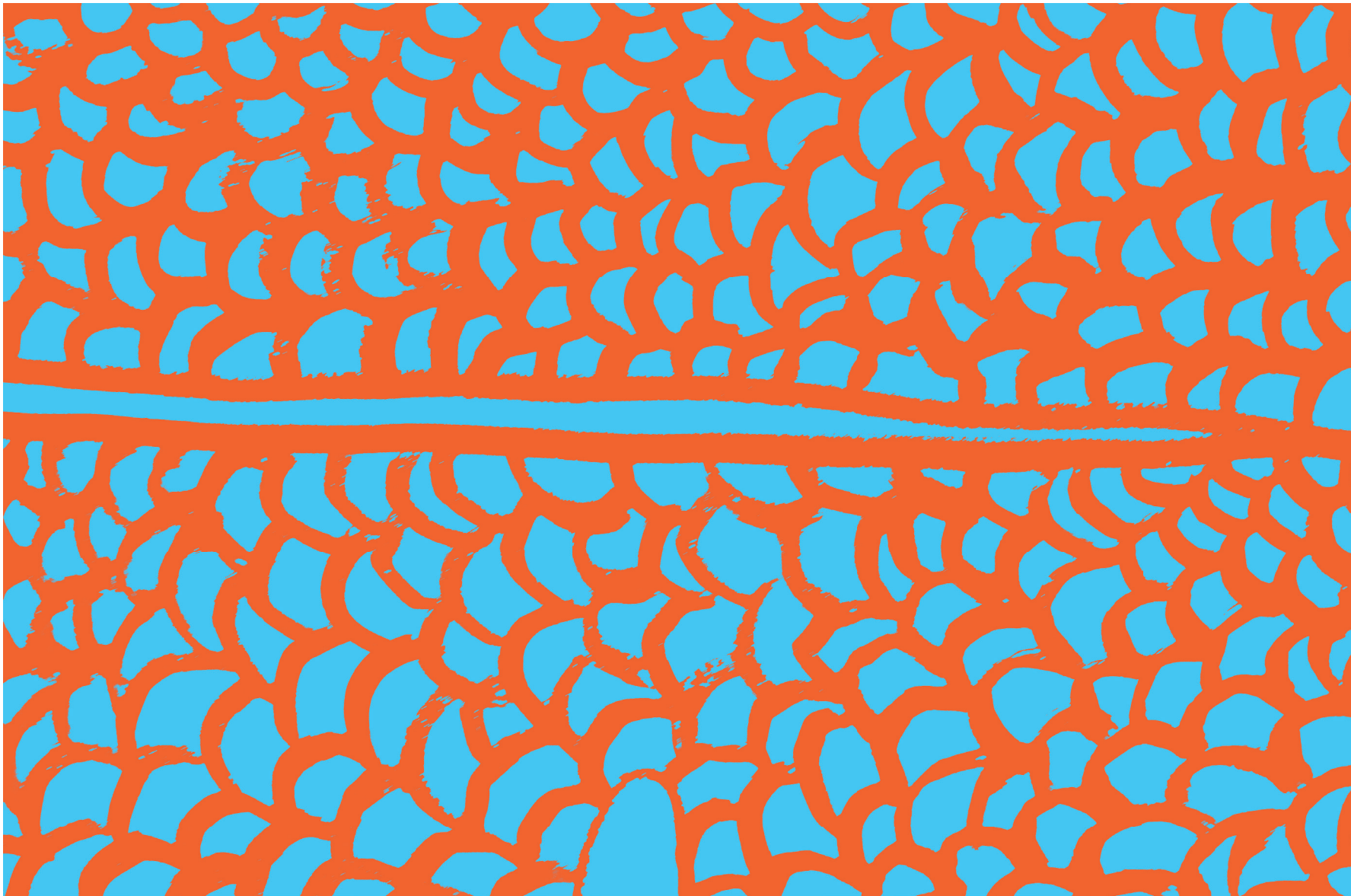
À todas, à todos, ao divino minha mais profunda gratidão nesse processo de construção de um pensamento e ação diante de tanta vida pulsante nessa imensa Amazônia.

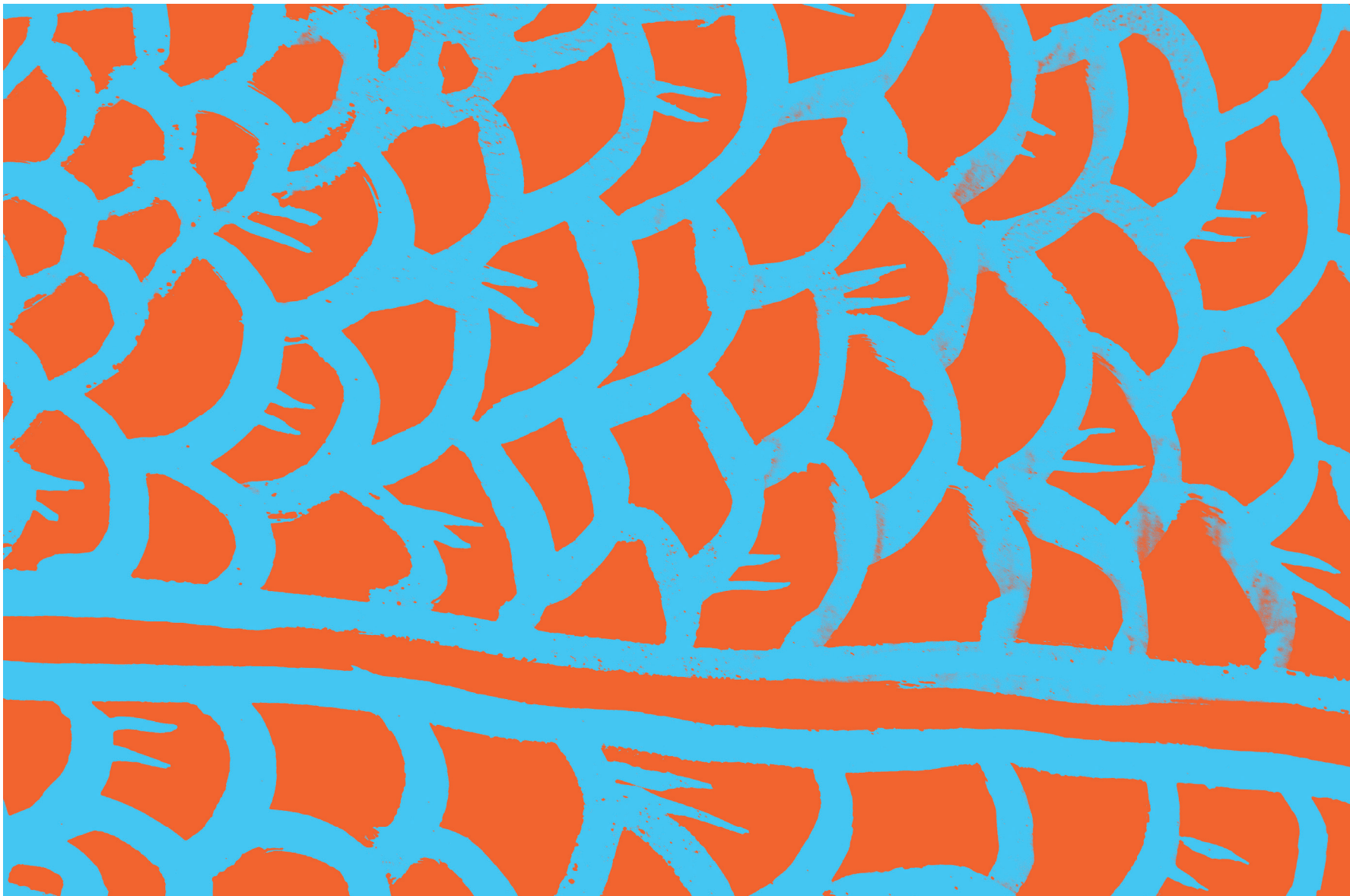
20 de julho de 2017

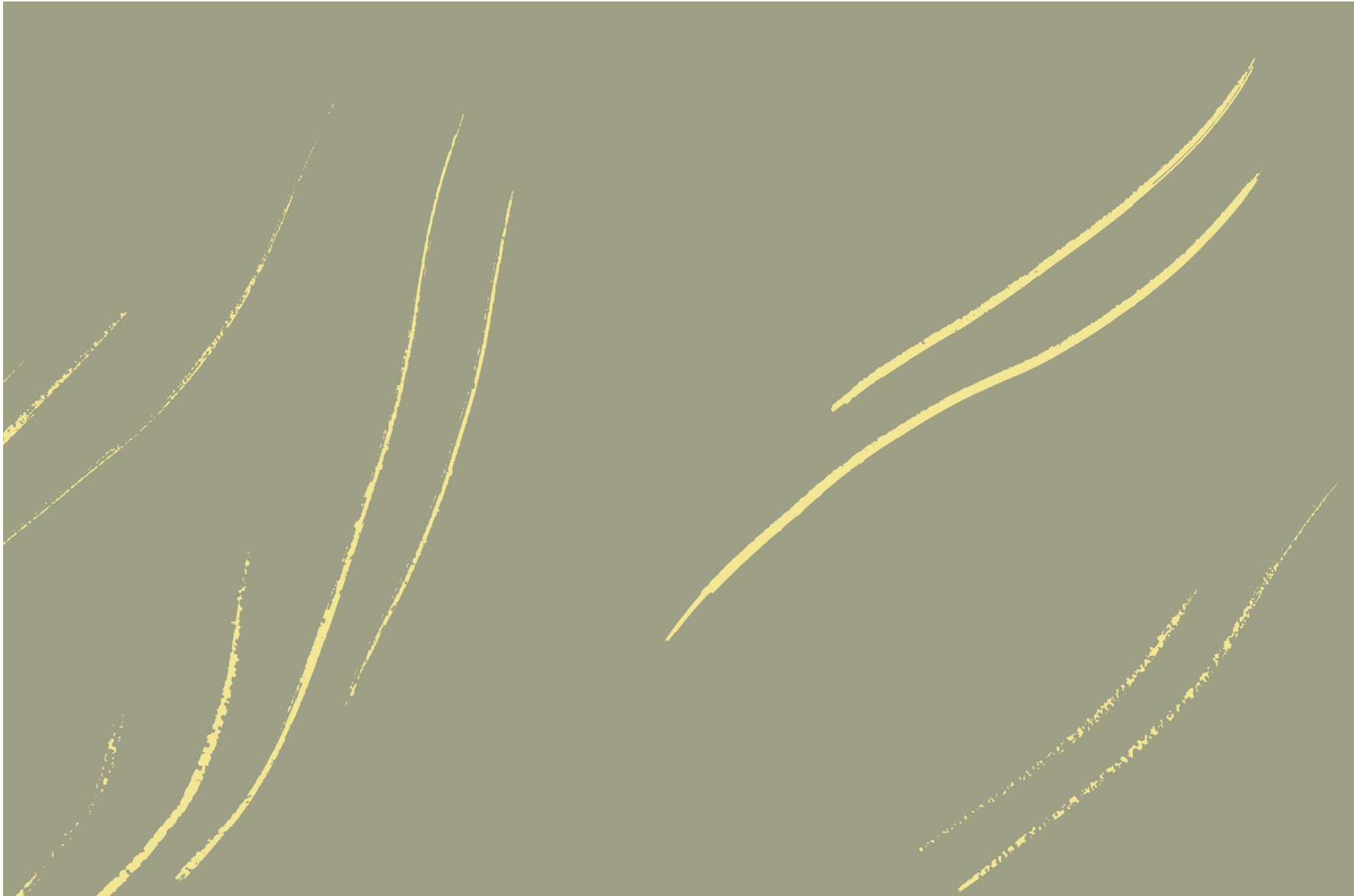




*Como bichos na noite
Com(o) homx que somos
Bicho homem Bicho mulher
Palpamos com dedos longos a raiz de nos_otros
Bichos da noite
Sonhos da noite
A canoa avança
[c]alma
O espelho da noite é água.*









*Aquilo que Gide procurava na infância
não se podia encontrar nela. Revolve o
seu chão como um desesperado, mas o
tesouro não se encontra aí, nem mesmo
a felicidade pode ser encontrada, apenas
a sua descrição para o observador que
saiba a seu respeito.*
Walter Benjamin (2002, 52)





RESUMEN

La investigación es una escucha cuidadosa y una interlocución visual y de palabras que hice con un grupo de niños en la Isla del Combu, en el año 2015, cuando estaba como docente de artes en las tres clases del Anexo Escolar Santo Antônio que se encuentra en el Igarapé Perequitaquara . Ao largo de un año escolar desarrollamos diversas actividades que resultaron en la construcción de mapas, imágenes y textos de ellos, los niños, y de un planeta llamado Combu. La investigación se sitúa en el territorio insular sur, de la Isla del Combu, en el Igarapé Perequitaquara, en Belém. Conecté el conocimiento de autores como Tetsuro Watsuji (2016), João Dergan (2006), Jocilete Ribeiro (2010) y Arjun Appadurai (1996) articulando diferentes disciplinas en igualdad con el habla de la población del Periquitaquara para hablar de ese territorio. En la escritura del texto dialogué con Ana Mae Barbosa (1998), Jorge Larrosa (2017), Walter Benjamin (2002), Mirian Celeste Martins (2012) para describir algunos modos de hacer en artes describiendo actividades y mi metodología en las clases. Y finalmente encontré con Ailton Krenak (2015), Paulo Freire (2003), Rosilene Pereira Holiparkorhó (2013) para ver y oír con ojos y oídos atentos quienes son los niños del Igarapé Periquitaquara a partir de ellos y de sus producciones escritas, visuales, sus palabras, sus cuerpos y de toda la poesía que son.

SILVA DA SILVA, Adriele. NIÑOS DE UN PLANETA LLAMADO COMBU. 2018. 103 fls. Disertación (Maestría en Artes) - Programa de Postgrado en Artes, UFPA, Belém.

PALABRAS CLAVE

Isla del Combu
Igarapé
Perequitaquara
Belém
Territorialidad
Niño
Educación Artística





RESUMO

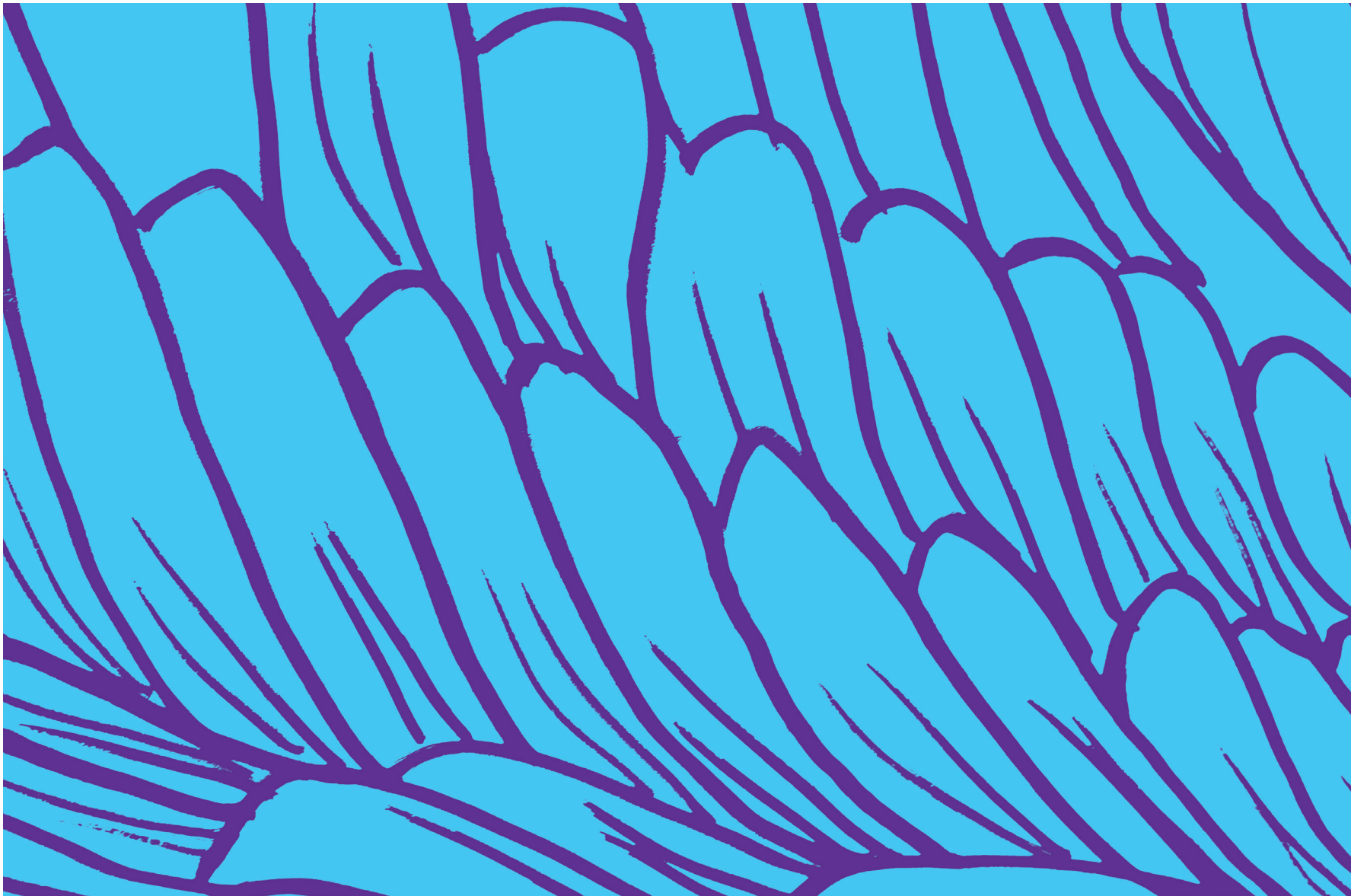
SILVA DA SILVA, Adriele. CRIANÇAS
DE UM PLANETA CHAMADO
COMBU. 2018. 103 fls. Dissertação
(Mestrado em Artes) – Programa
de Pós-Graduação em Artes, UFPA,
Belém.

PALAVRAS-CHAVE

Ilha do Combu
Igarapé Perequitaquara Belém
Territorialidade
Criança
Ensino da Arte

Esta pesquisa é uma escuta cuidadosa e uma interlocução visual e de palavras que realizei com um grupo de crianças na Ilha do Combu, no ano de 2015, quando estava como docente de artes nas três turmas do Anexo Escolar Santo Antônio que fica localizado no Igarapé Perequitaquara. Ao longo de um ano letivo desenvolvemos diversas atividades que resultaram na construção de mapas, imagens e textos delas, as crianças, e de um planeta chamado Combu. A pesquisa se situa no território insular sul, da Ilha do Combu, no Igarapé Perequitaquara, em Belém. Conectei o conhecimento de autores como Tetsuro Watsuji (2016), João Dergan (2006), Jocilete Ribeiro (2010) e Arjun Appadurai (1996) articulando diferentes disciplinas em igualdade com a fala de moradoras e moradores do Periquitaquara para falar desse território. Na escritura do texto dialoguei com Ana Mae Barbosa (1998), Jorge Larrosa (2017), Walter Benjamin (2002), Mirian Celeste Martins (2012) para descrever alguns modos de fazer em artes descrevendo atividades e minha metodologia em sala de aula. E finalmente encontrei com Ailton Krenak (2015), Paulo Freire (2003), Rosilene Pereira Holiparkorhó (2013) para ver e ouvir com olhos e ouvidos atentos quem são as crianças do Igarapé Periquitaquara a partir delas e de suas produções escritas, visuais, de suas falas, seus corpos e de toda poesia que são.







SUMÁRIO

Serão os primeiros encontros ou uma introdução _ 23

*Atravess[ar]
dá*

(ou exercícios de descrição de territorialidades) _ 37

- . Para chegar até a ilha é preciso atravessar _ 37
- . No Igarapé do Periquitaquara _ 50
- . Tanta história, tanta água _ 58

*cri. cri. cri...
criar. criança.
o grilo que escuto, não vejo
e também sou...
cri, cri, cri...
(ou das teorias com crianças)*

- . Há! Unidade Pedagógica Santo Antônio _ 69
- . Sobre modos de fazer em artes _ 72
- . Constelação de desejos _ 74
- . Lanterna Mágica _ 79

- . Sentimentos trocados no ar _ 84
- . Visitar e ouvir _ 95
- . Bingo dos sonhos _ 101
- . Câmera Obscura _ 107
- . Mini-livro _ 113

3. Des[con/s]truir

Tu_Ir

Foi

(ou mapas de um planeta chamado Combu) _ 138

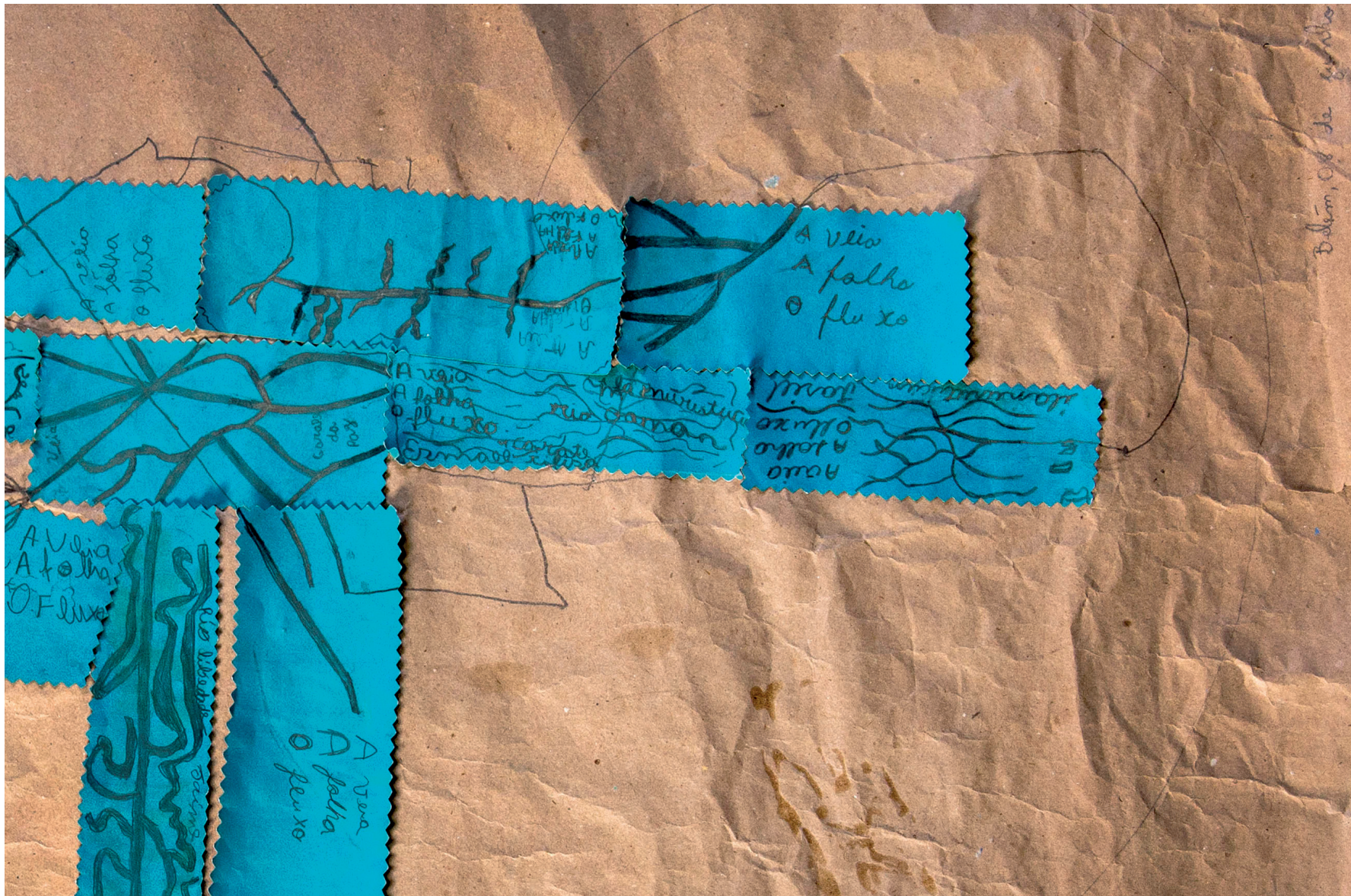
- . Experiência, infância múltipla e criança _ 140
- . As crianças do Periquitaquara _ 145
- . A veia, a folha, o fluxo _ 153
- . De beira à beira tem um planeta chamado Combu _ 157

*1ª carta
por existências preciosas ou considerações possíveis _ 174*

*Referências _ 188
Anexos*











SERÃO OS PRIMEIROS ENCONTROS OU UMA INTRODUÇÃO

Alianças afetivas são feitas com base em outros princípios: identidade, conhecimento, respeito mútuo, amizade e uma profunda compreensão do outro. Isso é a aliança para nós.
(Krenak, 2015, 104)

O sábio Ailton Krenak, em 1989, durante uma entrevista, falou claramente da relação entre afetividade e respeito na criação de alianças. Eu, em 2018, para escritura dessa dissertação, falo da mesma relação, de encontro, de acolhimento, de amor, de escuta, de apredizagem, de criação em arte, de interlocução, de paisagem, em uma aliança entre crianças e adultos para o desenvolvimento de trabalhos em sala de aula e para além dela. Esta pesquisa é sobre encontros com diferentes sujeitos e sujeitas, crianças, de parte do território das ilhas sul de Belém, mais exatamente, do Igarapé Periquitaquara, na Ilha do Combu.

Nessa ilha, no Igarapé Periquitaquara, pude aprender com cada uma das crianças





que ali vivem e com as histórias de vida de suas moradoras e moradores, que os sentidos que damos aos fatos podem ser revistos sempre. Revisar dependerá das partes de um fato que estarei considerando e das partes de mim mesma que estão dispostas ao diálogo. O teórico da história Georg Simmel (2011, 40) em seus últimos ensaios escreveu que

A compreensão histórica só se produz manifestadamente, como tal, quando esses momentos descontínuos, que o observador compreende de maneira descontínua em sua intemporalidade, são atravessados por uma corrente vital contínua que estabelece vínculos entre eles, abre-os uns sobre os outros e faz com que sintam as pulsações de uma vida que se desenvolve no tempo. [...] A história não é passado, ela é uma forma ou uma soma de formas pelas quais o espírito, por meio da observação e da síntese, domina a matéria e percebe seu sentido.

É sobre nossa própria pulsação vital que toda a história se escreve, sobre uma vida que se desenvolve no tempo e no espaço que habita e é habitada. Nesse sentido, antes mesmo de apresentar as crianças do Periquitaquara, vou narrar acerca de mim e de minha chegada a esse território que tem haver com a minha relação com a cidade de Belém, de uma sensação que tenho guardada na memória da primeira vez que me dei conta da grandiosidade dos rios que furam a capital paraense. Eu estava fazendo um curso em uma instituição a beira do rio. Lembro de ter chegado mais cedo que o horário determinado e ter tido a coragem/curiosidade de andar pela edificação. Nunca me senti





uma pessoa muito corajosa, e em situações como essa, quando ainda era uma menina, meus medos eram ainda maiores. Eu seguia as regras sem questionar, por puro medo. Então, quando aprendi o caminho e o tempo que levava para chegar até a instituição criei o hábito de pegar o ônibus no mesmo lugar e no mesmo horário para chegar na hora exata do início da oficina. Mas, nesse dia havia pego o ônibus com meia hora de antecipação, fato que me deu um tempo a mais na instituição sem uma sala que pudesse entrar. Foi então que descobri que estava na beira do rio e que ali havia uma ponte para dentro do mesmo, uma árvore gigantesca, um barranco cheio de pequenos furos e sararas que ali habitavam e o sentimento de pequenezza diante da natureza. Tudo aquilo no quintal de uma instituição cuja a edificação se desvendava aos meus sentidos naquele momento de sorte.

Os anos se passaram e eu nunca me preocupei com esse episódio. Nunca havia nem parado para pensar o quão poderoso havia sido aquele momento. Poderoso pelas pequenas coisas que estavam ali fecundadas, pelas sensações geradas pela luz, pela dança curiosa dos sararás, pelo som suave das folhas da árvore balançando com o vento, pelo banho de esplendor que foi olhar aquele rio gigante e com horizonte de mar.

Foi na Universidade, tempos depois, já aluna do curso de Artes, que lembrei desse episódio. Eu participava de um grupo de estudos que se propunha a ler e ver a cidade para então propor ações poéticas nela. Um de nossos colegas levou para a roda uma matéria que falava sobre os projetos iniciais de macrodrenagem da pavimentação da Estrada Nova. Nesse momento, descobri o quão problemático poderia ser um projeto que estava nascendo na expectativa de “abrir as janelas para rio”, pois começava ali a





difusão de uma compreensão¹ que a cidade havia nascido de costas para o rio. Como o arquiteto e urbanista Juliano Ponte (2007, 085.02) bem aponta

Curiosamente, nos últimos tempos surge uma série de retóricas acerca da “retomada” das águas na cidade e seu entorno, inclusive como afirmativas intrigantes sobre a cidade ter crescido “de costas para o rio”. Isto é contraditório se considerarmos a estruturação da cidade na história, mas é expressivo na construção simbólica, cultural, da ideia de quem deve de fato reocupar e retomar as margens fluviais da região de Belém/PA. Ou de quais usos são considerados mais adequados para esse processo de uso e apropriação destas águas.

Sem nenhuma certeza da abrangência ou significado daquilo, eu compreendia apenas que era um problema, pois a diversidade e quantidade de portos (mesmo que particulares) a beira dos rios é fundamental para o lado continental, uma vez que por eles navegam, saem e chegam pessoas e produtos que são a base da alimentação, de parte do comércio, de mão de obra e da cultura da cidade de Belém. Essas águas condicionaram ao longo da história diferentes “formas de aproveitamento econômico e soluções de territorialização” (PONTE, 2015, 42) do município em questão.

Dentro do percurso universitário estudei sobre globalização e as então relações de centro e periferia do ponto de vista da produção artística e do que chamei, na ocasião, de processos de cuidado² dentro da Galeria Teodoro Braga, que disseram de territorialidades, ou seja, de relações de poder dentro desse espaço público para construção de exposições

¹ Até hoje compreende-se dessa forma, o projeto que era apenas uma ideia naquela época tem sido executado, modificado e questionado sobre “para quem efetivamente ele serve?”. A primeira etapa foi entregue com o nome “Portal da Amazônia”, a segunda etapa foi amplamente modificada e recentemente foi inaugurada, é o trecho entre a Avenida José Bonifácio e Augusto Correia. A terceira e última etapa está em andamento.

² Ver SILVA, A. C. S. A Margem de um Território de Cuidado: processos de cuidado na Galeria Teodoro Braga (1986-2012). Monografia de Conclusão de Curso de Artes Visuais - Bacharelado, Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Arte, Faculdade de Artes Visuais (2012).





³Foi lá na FotoAtiva que ouvi e vi os relatos referentes ao projeto chamado “Clic das ilhas” que aconteceu em diversas unidades municipais de ensino de Belém no ano de 2007.

antes do profissional em curadoria se consolidar na cidade de Belém.

Até então eu só me detinha sobre estudos e vivências muito restritas ao universo da arte, da fotografia e da curadoria. Não me dava conta que, mesmo habitando a periferia, somente consumia, vivia e desejava culturalmente um centro da cidade que através de diferentes estratégias, criadas por mim, me acolhia na maior parte das horas tanto para o lazer quanto para o trabalho, ignorando e quase rejeitando inconscientemente meu próprio lugar.

No final do ano de 2009, como parte de uma disciplina, fui conhecer a Associação FotoAtiva, para assistir uma fala somente. Pouco tempo depois trabalhando no setor educativo do Museu da Universidade Federal do Pará – o MUFPA – tive oportunidade de fazer uma oficina de fotografia com o fotógrafo e educador Miguel Chikaoka, sócio fundador da FotoAtiva. No fim das atividades da oficina ele me convidou a conhecer o trabalho que era desenvolvido pelo Ponto de Cultura Olhos de Ver Belém na mesma associação. A partir daquele convite fui conhecendo e trabalhando em projetos que tem em seu cerne a busca pela valorização do bairro em que está sediada a FotoAtiva e/ou da comunidade que esteja sendo atendida, quando é o caso, por projetos³ ou membros da associação. Lá pude conhecer e me envolver com a realidade do Ver-O-Peso e toda a sua vibração com o rio. Vibração que há muito tempo é fonte de interesses diversos, como afirma o arquiteto e urbanista Juliano Ponte (2007, 085.02), justamente porque ali justapõe-se uma

qualidade “diferenciada” da porção central da cidade de Belém é aqui avaliada, diga-se, sempre em termos relativos; no contexto





da disponibilidade e efetividade do acesso aos serviços públicos, urbanos, à infra-estrutura e as características do ambiente urbano nas variadas regiões do município.

As águas barrentas que circulam pela cidade de Belém foram me entranhando de tal forma que quando dei por mim já havia montado essa narrativa com forma de compreender minha relação com essas águas que depois, em 2013, pude conhecer de forma mais intensa quando cheguei à região insular sul como docente de artes visuais em três Unidades Pedagógicas, dentre elas a Unidade Pedagógica Santo Antônio, *lócus* dessa pesquisa.

No ano de 2011 foi lançado o edital da Prefeitura Municipal de Belém para concurso público nas mais variadas funções, dentre elas havia a vaga para Licenciados Plenos em Artes. Naquele momento, talvez, mais por um incentivo familiar, fiz minha inscrição e passei a estudar para o certame, mesmo que estivesse em fase conclusiva na graduação. Equilibrava na ocasião os estudos para conclusão do bacharelado e os preparativos para a prova pública que em poucos meses aconteceria. Fiz a prova e segui estudando. Quando o resultado saiu, em meados de 2012, eu estava recém formada pelo bacharelado e iniciando a pesquisa da licenciatura. Para minha surpresa, eu havia passado dentro das primeiras colocações para as vagas que pleiteava, mas somente assumiria se apresentasse o diploma de licenciatura. A convocação de posse aconteceu no mês de Agosto de 2012, quando eu ainda estava escrevendo minha monografia de conclusão de curso. Fui atrás das saídas legais para de um lado prorrogar a posse e de outro antecipar minha defesa.





⁴ Estimativa do IBGE para o ano de 2017 no site <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/belem/panorama> acessado em 12 de dezembro de 2017.

Em três meses as coisas se encaminharam a medida que consegui concluir e defender o TCC de licenciatura, assim como prorrogar minha posse por 120 dias. Daí, quando finalmente fui fazer minha lotação, tinha quatro metas em mente: 1) queria um lugar que já tivesse alguma referência de trabalhos significativos para a educação e a arte; 2) queria turmas pequenas; 3) queria um lugar “próximo” a minha casa para não passar a maior parte do meu dia no trânsito da cidade; 4) queria minha carga horária mensal básica de 100h, para que pudesse seguir desenvolvendo outras atividades que não estivessem diretamente ligadas a docência.

Talvez, por um punhado de sorte, consegui alcançar todas metas almeçadas. Fui lotada em três das seis Unidades Pedagógicas da região das Ilhas Sul de Belém com um total de 11 turmas, em que a de maior numerosidade de alunos contava com 16 crianças. O porto de embarque ficava a 7 minutos de carro da minha casa, sabia que eram escolas que haviam participado de projetos que eu conhecia e tinha minha carga horária mensal básica, que me possibilitou trabalhar nas escolas durante três dias semanais e os demais poderia dispor da forma que melhor me conviesse.

Foram ao todo quatro anos de trabalho na região insular sul de Belém com o ensino de artes para crianças entre 6 e 10 anos em Unidades Pedagógicas Municipais, sendo elas: Unidade Pedagógica Combu (na qual fiquei apenas 1 ano), Unidade Pedagógica Santo Antônio, Unidade Pedagógica São José e Unidade Pedagógica Nazaré. Quatro anos para perceber algumas complexidades próprias das comunidades ribeirinhas de Belém, que mesmo possuindo 65,64%⁴ do seu território composto por ilhas e cercado, furado, impregnado por águas, vive, ainda hoje, ensimesmado ao redor de poucos bairros centrais





na região continental, de forma que muitas vezes não tem qualquer dimensão das vidas que habitam o outro lado dos rios. Além disso, quando a maior parte das pessoas de Belém e de fora da cidade percebe essa região⁵, se dando conta da sua proximidade com o lado continental, da sua exuberância de paisagem, usam esse território, na maioria das vezes, para o lazer, a gastronomia, o turismo, etc, sem efetivamente atentarem-se as vidas que a habitam.

O desenho e poesia da artista Nailana Thiely trazem todo esse sentimento a tona quando nos questiona “Quanto de suor ribeirinho custa um mergulho no combu pra você postar no instagram?”. É por fotos e tardes agradáveis que a maior parte das pessoas vê e usa a ilha do Combu.

Eu nasci e me criei do lado continental, mas os quatro anos de trabalho na região insular sul de Belém me renderam uma acolhida que exige de mim uma atitude de interlocução entre a minha própria voz e a voz delas e deles que habitam uma das beiras do Rio Guamá a partir da Ilha do Combu. Ver, ouvir, registrar acontecimento das pessoas e das crianças da outra beira do rio é o ponto chave. E essa construção só se faz com o respeito à origem amazônica da ilha que é, por natureza e profundidade, poética e política. Nesse ponto, falo com as pessoas do Igarapé Periquitaquara, assumindo que esse território só existe devido a existência dessas pessoas que são o próprio Periquitaquara, ouço suas histórias, vejo suas relações com as águas, de forma que o primeiro capítulo todo esteja entranhado com essa necessidade de atravessar para essa outra beira acompanhada dos filósofos Tetsuro Watsuji (2016) e Georges Didi-Huberman (2016), do historiador João Marcelo Dergan (2006), do antropólogo Arjun Appadurai (1996), das pesquisadoras do

⁵ Atualmente vivemos um investimento na imagem da região como ponto turístico, paisagístico gastronômico e de lazer que pode ser facilmente identificado na propaganda dos órgãos do governo bem como na propaganda da própria Secretaria de Educação do Município que tem transformado as escolas da região em vitrine de sua atuação.





Foto e desenho
NAILANA THIELY





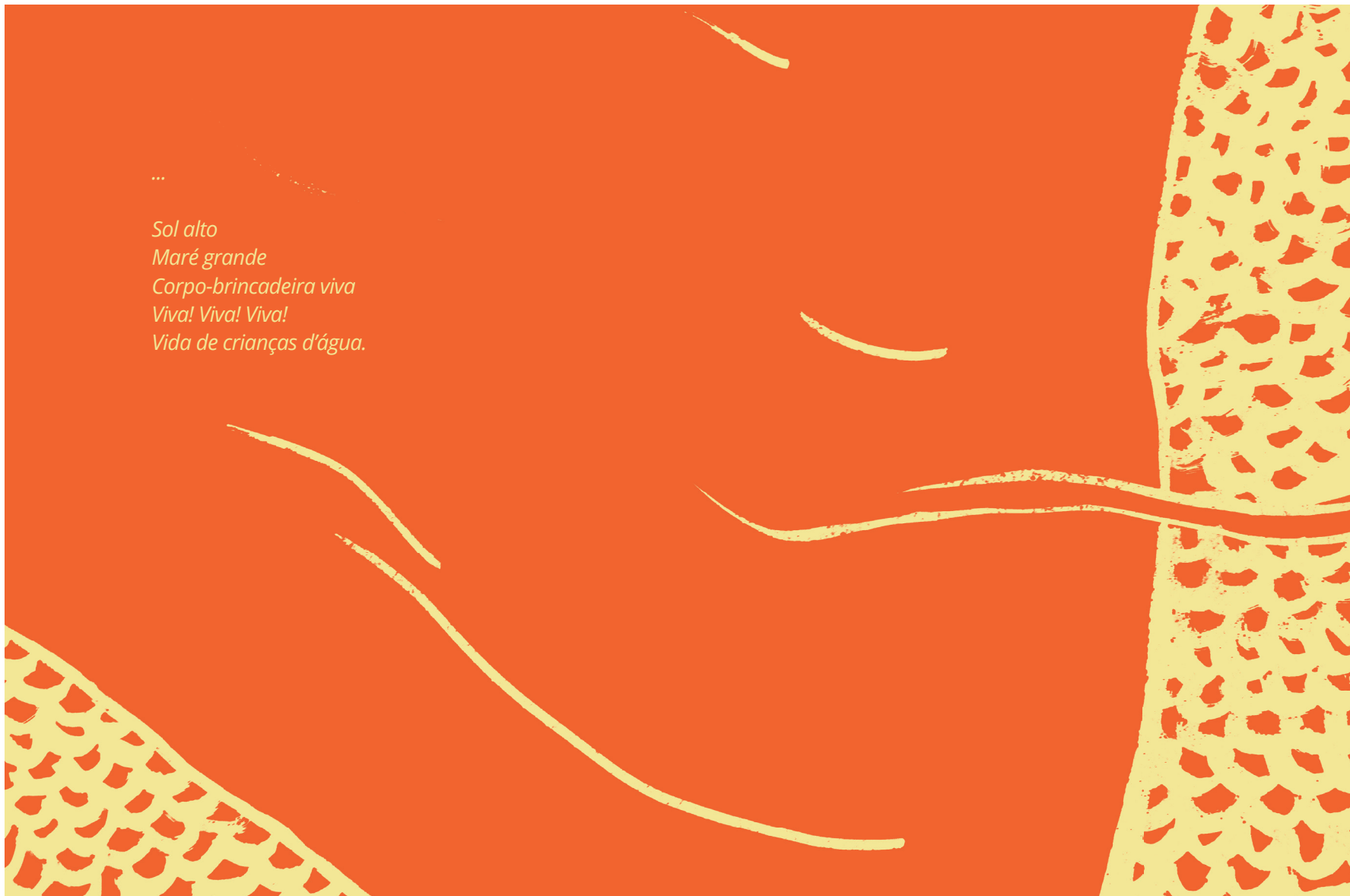
Núcleo de Altos Estudos da Amazônia (NAEA) Regina Célia Ferreira (2011) e Brenda Batista Cirilo (2013), e da pesquisadora do Núcleo de Meio Ambiente (NUMA) Jocilete de Almeida Ribeiro (2010).

No segundo capítulo me concentrei em descrever o ambiente pedagógico da Unidade Pedagógica Santo Antônio, suas turmas, número de crianças, perfis de aprendizagem. Dentro desse ambiente pedagógico desenvolvi a escritura dos modos de fazer em artes que fui aplicando ao longo do ano letivo de 2015 nas mais variadas atividades que permitiram desde o planejamento até as experimentações lúdicas de objetos óticos e audição e criação de histórias. As beiras desse processo foram visitadas pelas arte-educadoras Ana Mae Barbosa (1998) e Mirian Celeste Martins (2012), pela artista Grada Kilomba (2018), pelo fotógrafo Milton Guran (2013), e pelos filósofos Jorge Larrosa (2017), Walter Benjamin (2002), Peter Sloterdijk (2016), James Hillman (2013) e Vilén Flusser (2002).

No terceiro e último capítulo pude deitar e me embalar nas redes de cada desenho criado pelas crianças do Igarapé Periquitaquara, que a partir de suas experiências foram significando cada veio de rio, cada folha de árvore caída em seu leito, para falar da grandeza de seu planeta chamado Combu. Os fluxos dessa escritura foram acompanhados pelos indígenas Ailton Krenak (2015) e Rosilene Pereira HoliparKorhó (2013), pelos educadores e educadoras Paulo Freire (2003), Gabriela Meireles, Marilda Pedrosa, Roney de Castro (2012) e Eugênio Tadeu Pereira (2009).

E nesse movimento de águas barrentas do Rio Guamá que convido cada leitora ou leitor a brincar, poetizar, misturar tudo, pois todas estamos juntas embaixo desse...





...

*Sol alto
Maré grande
Corpo-brincadeira viva
Viva! Viva! Viva!
Vida de crianças d'água.*











ATRAVESS[AR] DÁ OU SOBRE TERRITORIALIDADES

PARA CHEGAR ATÉ A ILHA É PRECISO ATRAVESSAR Um sonho me acompanhou por longos anos, era o mesmo sonho. Quando começava em vez de ar havia água e todos os seres viviam juntos: pássaros-peixes, humanos-peixes, peixes, arraías, baleias e monstros. Os veículos eram como submarinos. A sensação inicial que guardo em mim é de admiração e contemplação. A medida que ia andando tudo parecia mais e mais encantador. Até o momento que começava a encontrar pessoas conhecidas e a caminhada seguia. (dessa parte não lembro ao certo – se o caminho era rumo ao compromisso ou era um caminho errante.) Mas depois disso é que o sonho se transformava em pesadelo. Nesse momento a sensação de perigo pairava pelas águas do sonho. Começava aí uma fuga desesperada. Em meio a fuga já não sabia mais se estava sozinha ou acompanhada, mas fugia desesperada com medo não sei do quê. Entro em uma caverna de luzes coloridas. Fora da caverna as luzes são de tons amarelos e azuis brilhantes. Algumas bolhas vez ou outra surgem flutuantes. Mas voltando a caverna, lá a luz era mais baixa, o que não



significa que era escuro. Haviam tons de azul escuro em alguns pontos em outros de verde escuro. As texturas todas eram de medo. Algumas pegajosas, outras líquidas e geladas, outras densas e marrom, como lama barrenta. E em tudo havia medo. Da admiração e claridade do lado de fora passava pro medo e baixas luzes do lado de dentro. E em meio ao desespero eu acordava suada, com a respiração e o coração agitados. Lembranças d'água que compartilho no âmbito da pesquisa que começa exatamente como o sonho.

Lembro aqui das palavras do filósofo japonês Tetsuro Watsuji (2016, 34) quando fala da relação que possuímos com a história dos lugares que habitamos, são marcas que vão ficando em nossos corpos mesmo que não sejam evidentes a primeira vista.

Tal es el lugar en que se revela la ambientalidad y se percibe que el ser humano no es solamente portador del pasado en general, sino que acarrea en su cuerpo un pasado determinado por el clima y el paisaje.

Eu moro no município Belém, que está dentro do estado do Pará (ou, como acho mais bonito chamar, Grão Pará), e por sua vez integra a Amazônia. Daqui é que reverberam as principais marcas que carrego dessa imensidão de águas que nos percorre o corpo, os pensamentos, o ambiente, se impondo como natureza.

Aqui até me lembro de uma música do grupo infantil Palavra Cantada, chamada “Quando eu era um peixinho”, a qual gosto muito e em oportunidades diversas compartilhei com as crianças nas escolas por onde passei. Sempre pensei na potência dessa música que, em sua simplicidade, fala das dimensões entre o eu, o outro e a paisagem.





⁶ Estimativa do IBGE para o ano de 2017 no site <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/belem/panorama> acessado em 12 de dezembro de 2017.

⁷ João Marcelo Dergan, 2006, 104.

Água tá dentro do coco, lá no alto do coqueiro/ Água tá no tanque d'água, lá do carro do bombeiro/ Água tá em todo lugar/ E também voa pelo ar/ Água nasce na nascente/ Água tá dentro da gente (Paulo Tatit e Zé Tatit, 2013)

Essa água que está dentro de nós é a mesma água que atravessei do rio Guamá, a mesma que vi em anos atrás naquele quintal, a mesma que me inquietou quando ouvi de seus projetos, a mesma água de meus sonhos por tantos anos repetidos.

Acidade de Belém é, atualmente, uma cidade com população de aproximadamente 1.452,275 de habitantes⁶ segundo estimativa do IBGE em 2017. Possuindo uma área territorial de 190.451 km², das quais 64,65% em área insular e 35,35% em área continental, como podemos ver no mapa 1 e podemos sentir/ acessar por quase todos os lados do município.

Entretanto, quando olho para esse mapa me surpreendo com a grandiosidade da área insular e me surpreendo mais ainda com o fato de que eu desconhecia essas dimensões até ir trabalhar em duas das trinta e nove ilhas do Município de Belém. Eu estava inserida em “um mundo de concreto que parece estar longe do mundo das águas no qual as ilhas estão inseridas.”⁷ Porém, como o mapa literalmente desenha, os números demonstram e a vivência enraíza, a região insular de Belém é composta por um agrupamento de ilhas ao Norte, outro ao Centro Leste, um no extremo Oeste e, finalmente, o agrupamento ao Sul.

Tendo esse preâmbulo vou começar aqui a apresentar a Ilha do Combu, a partir de seus aspectos históricos e geográficos. Essa será nossa morada ao longo dessa narrativa,





pois tudo gira, chega ou sai de sua territorialidade lamacenta.

A Ilha do Combu fica localizada ao sul da cidade de Belém, em linha reta a uma distância de 1,5 km da área continental, para frente do Rio Guamá e ladeada pelos Rio São Benedito e Furo do Paciência, na desembocadura para a Baía do Guajará. Essa ilha possui uma área territorial de 15.057,2 km² de solo de *várzea*⁸ e é a quarta maior do Município de Belém. Porém, nem sempre foi assim. A Ilha do Combu foi incorporada ao município de fato na década de 1990. Os moradores e moradoras dizem que durante muito tempo tudo que se referia a ela era resolvido no Acará, mais especificamente da região do Baixo Acará⁹, que geograficamente é muito próxima, como podemos ver no mapa 2.

Essas moradoras e moradores se referem sempre ao fato deles e delas terem conseguido se organizar em centros comunitários. A criação dos centros comunitários na Ilha do Combu apontam uma importante perspectiva de atuação política da comunidade, pois esse movimento indica que quem apresenta a demanda por acesso a itens básicos de exercício de cidadania é a comunidade e não o poder público, tendo em vista que o início dessa articulação comunitária se dá na década anterior (1980) ao início de uma atuação legalizada do poder público municipal. Justamente quando as comunidades, que a frente falarei mais detalhadamente, iniciam os movimentos de criação de associações de barqueiros e moradores em prol de benefícios que estas poderiam trazer a própria comunidade.

Segundo o historiador social João Marcelo Dergan (2006, 100) podemos perceber que ao longo das décadas de 1930 e 1940 esse limite territorial foi estudado e definido legalmente

⁸ Várzea é um tipo de solo naturalmente pantanoso, alagável.

⁹ João Marcelo Dergan (2006) possui uma ampla pesquisa sobre a constituição histórica da Ilha do Combu unindo tanto a fala de moradores quanto a sua análise documental.





¹⁰ Ver capítulo 3.3 da dissertação de mestrado de RIBEIRO, Jocilete de Almeida. Área de proteção ambiental da Ilha do Combu, Belém/PA: desafios de implantação e de gestão de uma unidade de conservação (2010) sobre o Processo Histórico de Ocupação da Ilha do Combu.

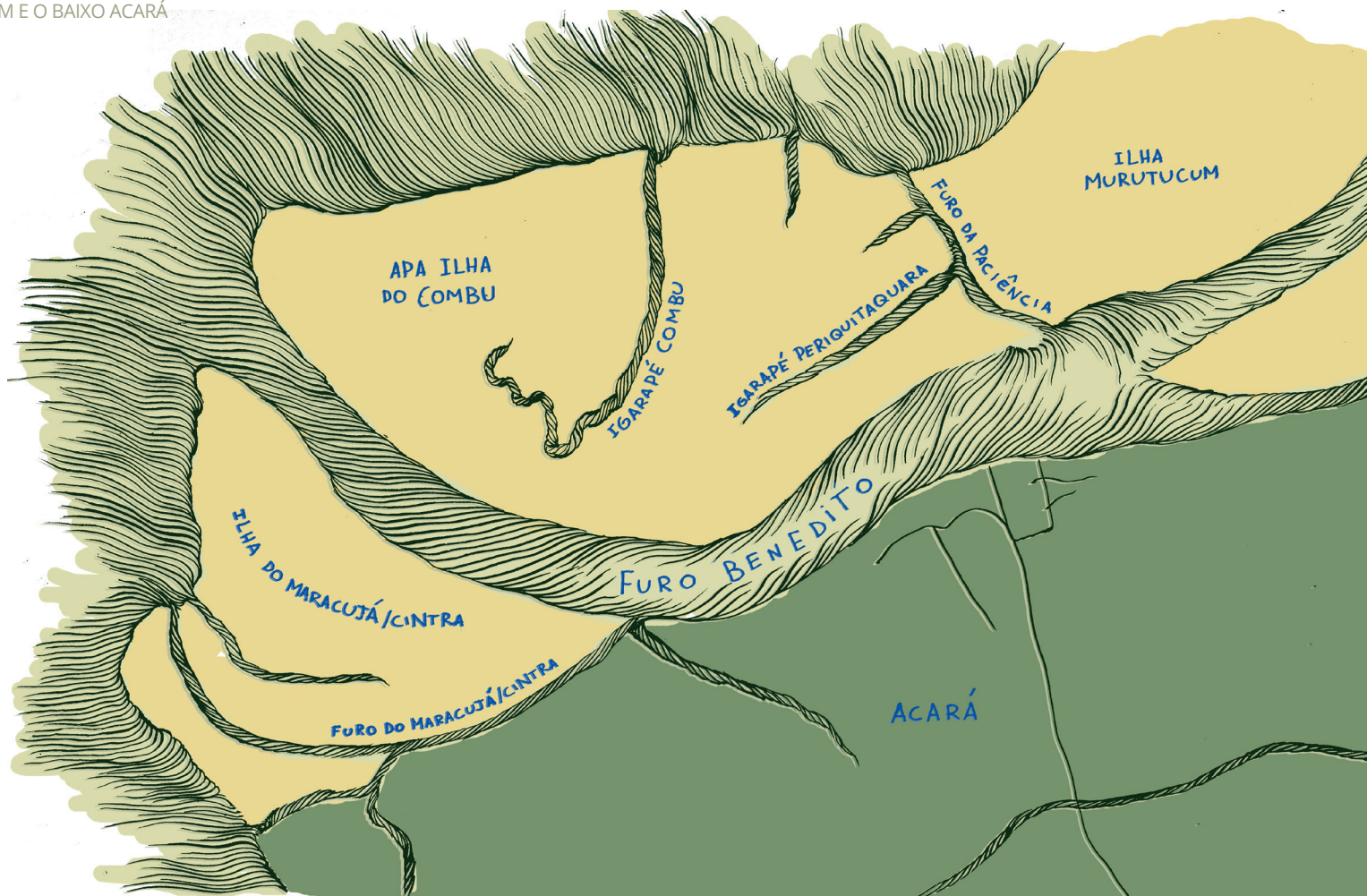
... a ilha do Combu estava inserida na área de Guajará-Mery, não pertencendo à Belém. Porém, em 1938, depois de longo período de criterioso estudo dos motivos históricos, geográficos e econômicos, uma comissão paraense delimita os limites territoriais dos municípios do estado do Pará, publicado no Decreto-Lei Nacional n. 3.131. Neste, os limites municipais de Belém, com relação ao município de Acará, começa no ponto em que o meridiano em prolongamento do limite ocidental da Colônia Benevides – Santa Izabel encontra o Rio Guamá; atravessa este rio e segue pela sua margem esquerda e pelo canal São Benedito que separa do continente todas as ilhas situadas na foz do dito Guamá, as quais ficam para o município de Belém, até a embocadura do Rio Mojú, (...), a ilha do Combu, ainda que não pareça nominalmente no Decreto-Lei, pertence oficialmente a cidade de Belém. Esta decisão foi referendada através da Lei nº 158, de 31 de dezembro de 1948 ao estabelecer os limites municipais de Belém.

Porém, essa definição legal não simboliza de imediato a ação do município frente a esse território. Apenas em 13 de janeiro de 1993, quando entrou em vigor a Lei Municipal nº 7.603, que trata do Plano Diretor Urbano do Município de Belém (PDU), mostrando no Art. 152 § 2º que as ilhas e Belém, a exceção das ilhas de Mosqueiro e Caratateua, eram enquadradas como zona rural. Tanto nesse documento quanto em outros não há citação direta a ilha do Combu, mas aos arredores de Belém ou as ilhas de Belém¹⁰. O PDU do Município de Belém é considerado por especialista um dos mais avançados do país, muito embora sua exequibilidade é desde 1993 criticada, no sentido de conseguir tirar





Mapa 2:
PROXIMIDADE ENTRE AS ILHAS
SUL DE BELÉM E O BAIXO ACARÁ

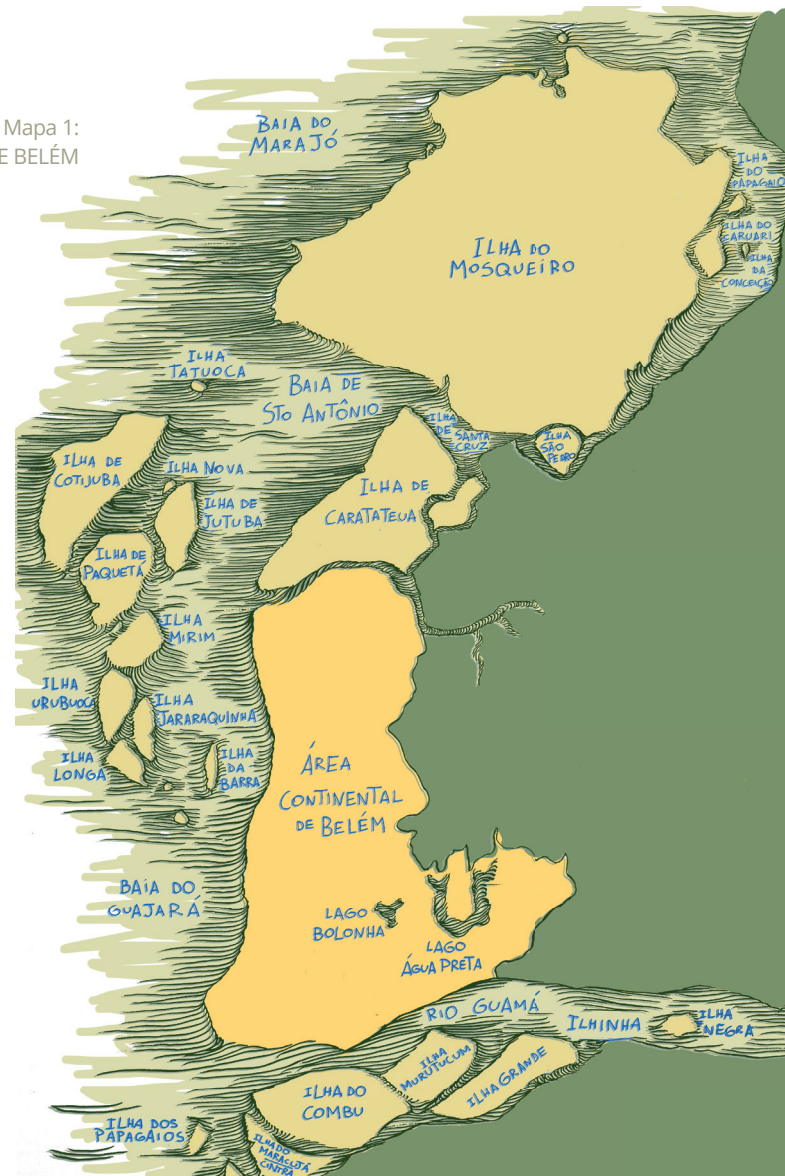


Mapa 1:
MAPA DA CIDADE DE BELÉM

do papel o planejamento proposto em forma de lei, tornando-o também uma referência de ações em benefício das moradoras e dos moradores de Belém.

Em 05 de Janeiro de 1994 entra em vigor a Lei 7.682 que dispõe sobre regionalização administrativa do Município de Belém, como forma de delimitar os espaços territoriais em distritos administrativos, a fim de organizar um planejamento integrado em ações conjuntas para a execução de serviços públicos de interesse comum de cada distrito. Essa legalização dos distritos inclui a região insular da cidade de Belém. Ao todo são estruturados, nessa ocasião, 8 (oito) Distritos Administrativos como podemos ver no Mapa 3.

Os distritos insulares estão divididos em duas grandes áreas, sendo elas DAMOS – Distrito Administrativo de Mosqueiro que é composto pelas ilhas de Mosqueiro, São Pedro, do Maracujá, das Pombas, do Papagaio, Curuaru, da Conceição, do Maruim I, do Maruim II e mais 4 (quatro) sem denominação; e DAOUT - Distrito Administrativo de Outeiro que é composto pelas ilhas de Outeiro, Santa Cruz, Jutuba, Coroinha, Urubuoca ou Paquetá ou Paquetá-Açu, Sem Denominação, Sem Denominação, Cotijuba, Sem Denominação, Tatuoca, dos Papagaios ou Urubuoca ou Jararaca, da Barra ou Patos ou Jararaquinha, Redonda ou





Jararaca ou Longa, dos Patos ou Nova ou Mirim, Cruzador, Fortinho, do Fortim ou Barra, Sem Denominação, Sem Denominação, dos Patos, do Cintra ou Maracujá, Marineira ou Combu, Murutura ou Murutucum, Paulo da Cunha ou Grande, Poticarvônia ou Ilhinha e Negra.

As ilhas sul apesar de estarem do lado oposto da DAOUT estão vinculadas a ela. Essa distância não facilita em nada pequenas e grandes situações que passam pelo posto de saúde, assistência social, conselho tutelar, segurança pública, etc. A pesquisadora do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Regina Célia Ferreira (2011, 58), em sua tese faz uma análise dos circuitos de produção, reprodução e subsistência do transporte hidroviário de passageiros das ilhas da região metropolitana de Belém e diz que a

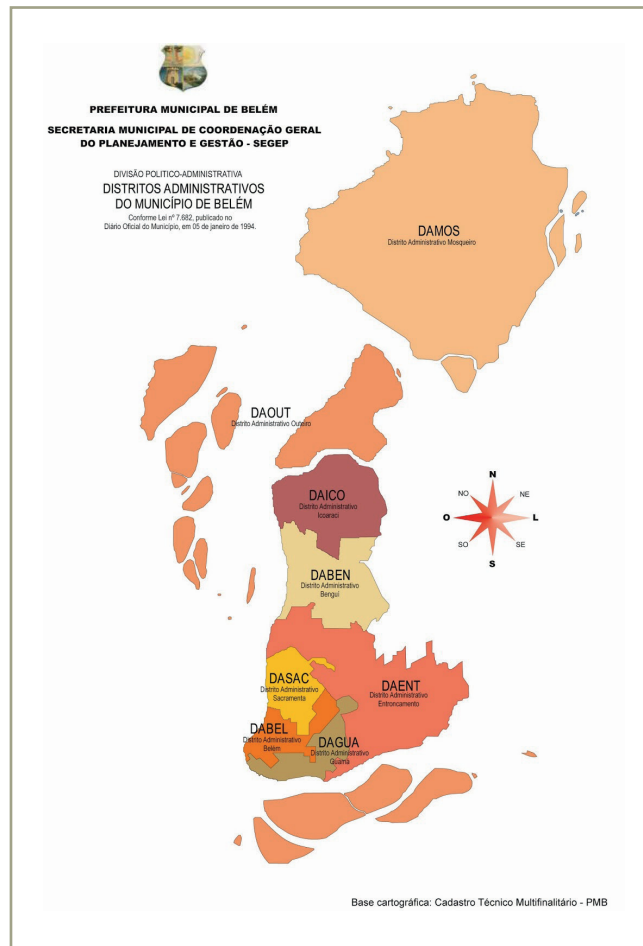
FADESP e SUDAM (2001), ao diagnosticar que fisicamente parece inadequada, pelas distâncias que as separam desses centros de comando, tornando até certo ponto impraticável a adoção de ações efetivas na gestão daquelas ilhas, principalmente no que se refere ao sistema de transporte fluvial. Esse é o caso das ilhas do setor Sul (Combu, Grande, Murutucum), que estando mais próximas do Distrito Administrativo do Guamá, vêm-se ligadas ao Distrito Administrativo de Outeiro, o que dificulta uma permanente sintonia entre o poder municipal e os problemas vividos pelas populações lá residentes. A consequência prática dessa situação se traduz na atração natural dos habitantes da parte sul dessas ilhas pelo município de Acará, que lhes é próximo.

Na sequência da legalização da Ilha do Combu como território de Belém, no ano de 1999, dentro do primeiro mandato na prefeitura municipal de Belém, o professor e arquiteto,





Mapa 3:
MAPA DA DIVISÃO
POLÍTICO-ADMINISTRATIVA
DO MUNICÍPIO DE BELÉM.





Edmilson Rodrigues, inaugura a primeira e única Unidade de Saúde Básica do Combu (USB Combu) que atualmente atende oficialmente a uma média de 2 mil pessoas das ilhas do Combu, Murucutum, Grande e dos Papagaios. Ao contrário do que escreve a Assessoria de Comunicação (ASCOM) da atual administração municipal, sob o comando de Zenaldo Coutinho, a USB Combu foi uma demanda das comunidades para a administração pública, que se encontravam e articulavam diretamente com a Universidade Federal do Pará desde o ano de 1996, momento em que as lideranças comunitárias efetivaram a doação de parte do terreno da família Quaresma para construção da Escola e do Posto de Saúde. A diretora da Faculdade de Medicina da UFPA, Tânia Costa, afirma que “Primeiro, começamos os atendimentos aos ribeirinhos e fomos ampliando. Começamos com um prédio pequeno”¹¹.

As comunidades de forma recorrente apontam que os principais problemas vinculados a USB Combu são de falta de remédios e de profissionais, como confirma a pesquisadora do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Brenda Batista Cirilo (2013, 49) “A principal queixa dos entrevistados em relação à saúde é a ausência de um médico que fique constantemente no posto, além da falta de remédios.” Tal fato leva a maior parte dessas pessoas a tomarem outras providências como aponta Cirilo (2013, 50) “40% da população procura os hospitais em Belém, 28% recorre à automedicação e aproximadamente 32% utiliza-se de medicina popular para o tratamento, como benzedadeiras, compressas e chá de plantas medicinais.” Contudo, a criação da USB Combu demonstra ,até hoje, a força comunitária presente na Ilha, quando relacionam a atuação pública a um bem comum.

Dentro da perspectiva de legalizações da Ilha do Combu, entrou em vigor 4 (quatro) anos depois do PDU, e 3 (três) anos depois da divisão político-administrativa do município de

¹¹ COSTA, Tânia. Entrevista de Dedé Mesquita. Data da Entrevista: 26/09/2017. Belém. SEMEC. Ilha do Combu. Disponível em: <http://www.belem.pa.gov.br/semec/site/?p=130> Acessado em: 12/07/2018.





Belém, em 13 de novembro de 1997, a Lei Estadual nº 6.083 que elevou esse território para a categoria de Área de Proteção Ambiental (APA Combu) a fim de

proteger e restaurar a diversidade biológica, os recursos genéticos, as espécies ameaçadas de extinção, bem como a promover o desenvolvimento sustentável, através do ordenamento dos recursos naturais e da melhoria da qualidade de vida da comunidade local. (Instituto de Desenvolvimento Florestal e da Biodiversidade do Estado do Pará – Ideflor-bio, acessado em 13/07/2018)

De modo geral, a criação da APA Combu sofre críticas de um lado por não deixar claro aos moradores a necessidade de sua criação, pois para eles, segundo a pesquisadora do Núcleo de Meio Ambiente da Universidade Federal do Pará, Jocilete de Almeida Ribeiro (2010,148), “A criação da APA não teve muito significado para o cotidiano da sua população porque nenhuma mudança foi percebida desde a sua criação.” E, por outro lado, também é criticada por não ter sido uma demanda da comunidade a sua criação, fato que dificulta a exploração dos recursos naturais da Ilha do Combu por seus próprios moradores, uma vez que cria uma burocratização de processos que apenas os moradores mais insistentes conseguem superar, porque seus negócios aliam o manejo dos recursos naturais e a exploração turística.

A APA Combu possui uma flora exuberante caracterizada pela predominância do bioma florestal. O Açaí é sua principal árvore, podendo ser encontrado por toda a ilha, além de ser considerada a principal fonte extrativista das comunidades em suas safras. Lá também encontramos árvores frutíferas como jambo, cacau, ingá e pupunha. Existem outras tantas,





mas que não são tão presentes no cotidiano das famílias como as citadas anteriormente.

Considero nesse ponto que a natureza do bioma amazônico influi diretamente no modo de vida das pessoas que residem no Combu. Em certos aspectos o fato de acordar cedo se assemelha muito ao ritmo de qualquer zona rural, mas a sazonalidade, por exemplo, desses frutos da floresta, condiciona, consequentemente, o período de consumo de cada uma dessas. Há uma frase escutada com frequência no verão amazônico dentro da Ilha do Combu que diz “não tem bebe azedo em tempo de seca”. A frase significa que com a fartura do fruto no verão, esse açaí batido, que acompanha o jantar das pessoas, é sempre tirado na hora, ou seja, está sempre fresco. Sai da árvore para o debulhe, do debulhe para a panela de água quente, da água quente para a máquina, da máquina para a mesa de jantar. E sortuda a pessoa que estiver na vez de bater os frutos, pois esta quase sempre fica com a primeira batida, a mais consistente do processo, a que tem a poupa mais limpa e concentrada.

A Ilha do Combu, como já apontei, está cercada pelas águas do Rio Guamá e seus afluentes. Com o tempo entendi que essas águas podem ser identificadas a partir de vários nomes. Quando diz respeito a seus muitos caminhos são chamadas de furos, igarapés, braços ou baixos. Quando diz respeito ao movimento da maré esta pode estar de quebra, de lance, de quarto crescente ou quarto minguante. Quando se refere a influências das chuvas ou do mar ela pode ser considerada salobra ou suja/barrenta. Além do mais, quando é necessário limpar a água do rio para o banho, para a lavagem de roupa ou outro serviço doméstico as pessoas que residem na Ilha do Combu são verdadeiras mestras em química, dominando o uso do cloro, do sulfeto de alumínio, do álcool, etc.

Pude observar, com isso, que outra ambientalidade que é determinante para o modo



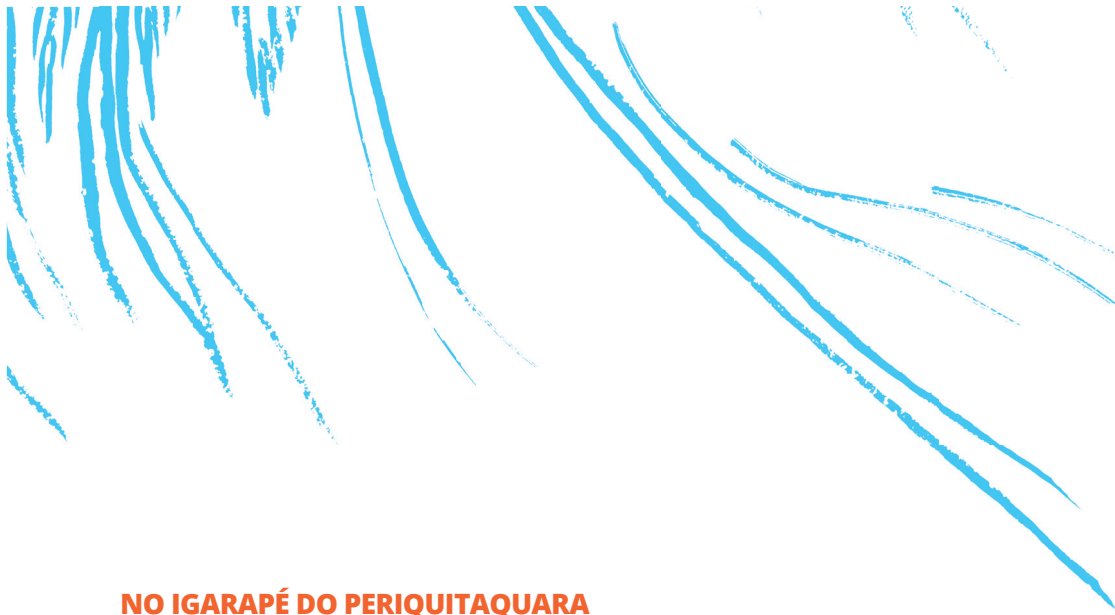


de ser das pessoas que vivem na Ilha do Combu está relacionada a água. Na verdade, essa é a primeira grande visão que temos ao chegar a beira do rio Guamá para atravessar, a imensidão de água, o rio caudaloso e barrento. Essa presença inteira e constante que a cada seis horas enche ou seca cada uma duas vezes ao dia e que dependendo da lua e dos ventos lança sua força por todos os lados e depois quebra essa ferocidade pela tranquilidade de águas que permitem o içar dos camarões em armadilhas de simples feitura e manutenção.

Os caminhos de água navegáveis e mais conhecidos da Ilha do Combu são o Rio Guamá, o Furo do Paciência, o Igarapé Periquitaquara, o Rio São Benedito ou Furo do Benedito, e o Igarapé do Combu como podemos visualizar no Mapa 4, a seguir, que aponta visualmente esses principais caminhos de rios e oferecem uma primeira visão aérea da Ilha do Combu e seu entorno, ou seja, o lado continental de Belém, a ilha vizinha e o território do Município do Acará.

Do meu ponto de vista alguns nomes dados a esses curso de água são curiosos pela construção de suas palavras ou pelo seu significado. Vou destacar aqui a palavra Furo. Se pesquisarmos em dicionários é comum aparecer como nome masculino que é sinônimo de buraco, orifício, abertura. Em alguns usos coloquiais encontramos como sinônimo de esvaziamento, de novidade, de tempo livre. Mas aqui, na Amazônia, é comum ouvir nas regiões que possuem um grande uso de suas vias aquáticas, como a Ilha do Combu, a palavra Furo como significado de uma passagem entre dois rios que geralmente são margeadas por duas extensões de terra. No caso da ilha do Combu um dos mais importantes é o Furo do Paciência. Ele é tanto limítrofe entre a Ilha do Combu e a Ilha do Murutucum quanto via fluvial de acesso ao Igarapé Periquitaquara.





NO IGARAPÉ DO PERIQUITAQUARA

O oceano e o igarapé – O oceano é enorme e o igarapé é um pouco pequeno. A diferença do igarapé pro oceano é que eu moro em um igarapé e ele se chama Igarapé Periquitaquara. Para chegar no Igarapé Periquitaquara tem que passar pelo Rio Guamá e pelo Furo do Paciência. Aqui a água tem cor de barro.
(John Nascimento)

Quero começar com esse texto do estudante John Nascimento que diz muito sobre a grandiosidade desse lugar que só é diferente do oceano porque ele mora lá. John é sua própria referência para o mundo. Nessa ocasião ele tinha dez anos de idade. O texto foi escrito no dia 24 de agosto de 2015, ano de concentração do fazer pedagógico em artes que depois se transformou em pesquisa.





O Igarapé do Periquitaquara está localizado na Ilha do Combu e seu acesso se dá principalmente de barco desde o Furo do Paciência. Nesse igarapé “a água não falha” na maior parte de sua extensão. “Só falha lá pra cima” como dizem seus moradores ao descreverem a navegabilidade do curso d’água, pois, independente da maré está de enchente ou de vazante, sempre é possível chegar ou sair. A parte mais interna do Igarapé do Periquitaquara é conhecida como “lá em cima”, pois o movimento das marés indica que lá seja um pouco mais alto que a primeira parte do igarapé que também é sua parte mais larga.

Posso identificar que no Periquitaquara, atualmente, desde a sua beirada direita indo para cima do igarapé até o fim e dando a volta pela sua beirada esquerda, residem grandes grupos familiares que se formaram a partir de casamentos entre eles. Esses grupos familiares construíram suas residências dividindo os terrenos entre os filhos e filhas. Por isso, é comum caminhar por um terreno grande que pertence a uma mesma família de diferentes gerações. Essas famílias são de forma geral a Trindade, a Osmarino Nascimento, a Costa, a Conceição Trindade, a Nascimento, a Santos e a Carneiro. Mas quando contei as famílias por número de casas identifiquei as seguintes: Tio Bebê e Tia Gracina Trindade, Neide Trindade, Rosilda Trindade, Karina Trindade, Kamila Trindade, Kássia Trindade, Regina Trindade, Geisa Trindade, Jorgete Trindade, Vó Rosita Trindade, Dona Socorro e Giselle Trindade, Joelson Trindade, Francisca e Ricardo Nascimento, Nair e Osmarino (*in memorian*) Nascimento, Joana Nascimento, Janete Nascimento, Cléia e Zezinho Nascimento, Nima e Diquinho (*in memorian*), Elane, João e Neth Nascimento, Ivaneide e João, Iracema e Charles Teles, Rosa e Roni Costa, Alcino e Dona Geralda, Maria





e Tio Rato Costa, Sofia Costa, Ingrith e Pelado Costa, Denise e Isaias, Manoel e Darcir, Dona Tomásia, Adenildo e Wadila, Alex e Larissa, Aline e Malto, Bebezinho e Helena, Andrinho e Analice, Eliel e Dani, Dona Ivan e Roberto (*in memorian*), Danúbia e Cleiton, Daniele e Tiago, Eli e Dona Dilce, Gerson Filho e Vanessa, Chico e Rose, Cleber e Cibebe, Paulinho, Dona Creuza e Paulo, Ronaldo e Andrea, Ney, Nilza e Boaventura Carneiro, totalizando 48 casas dentro Igarapé do Periquitaquara.

Narrar sobre essas pessoas, suas relações parentais, contar quantas casas existem atualmente no Periquitaquara, só foi possível graças a interlocução que consegui fazer com essas famílias ao longo dos anos de convivência. Uma das principais vozes presentes nesse período é de Giselle Trindade, uma mulher negra de 36 anos que foi uma das primeiras a fazer um curso superior e permanecer na comunidade. Ela cursou Pedagogia na Universidade Estadual do Pará (UEPA) e antes de se formar já trabalhava na escola localizada no Igarapé Periquitaquara. Sua força e vicissitude estão presentes não apenas em sua história de vida, mas também na forma como está envolvida com as pessoas ao seu redor. Ela me concedeu uma conversa gravada no dia 21 de outubro de 2017 em que, quando questionada sobre como foi crescer ali, respondeu-me com a certeza de quem hoje sabe e se orgulha do chão que pisa e das muitas águas que continuam a passar no Periquitaquara.

Onde eu cresci... Crescer lá pra mim foi...é tudo! Enquanto eu era criança eu sonhava em sair de lá porque não tinha energia. Aí chegava a noite, como eu sempre fui uma pessoa muito corajosa (risos), que morria de medo do escuro, de certa forma, era interessante morar na cidade, mas





¹² Ver especialmente o capítulo 3 que discorre sobre a Área de Proteção Ambiental Combu (APA Combu) desde a sua contextualização, passa pela ocupação e depois vem falar sobre cada uma das comunidades.

fora isso, crescer lá foi muito sadio. Eu vejo hoje a minha infância como muito bacana. Um rio teu, o rio grandão, ter meus brinquedos. Meus brinquedos: minhas latinhas de leite pra fazer as comidinhas que eu apanhava as flores da vovó, pra fazer a nossa gororoba, ter a canoa (que a gente pegava cascudo porque a gente fugia pra pegar a canoa) pra brincar no rio, pra pegar seringa, pra brincar de peteca.
(Giselle)

Essas águas barrentas, que vêm do Rio Guamá, passam pelo Furo do Paciência e sobem o Igarapé do Periquitaquara, marcam o cotidiano de todas as pessoas que passam por lá. Essas beiras continuamente me lançam a novas descobertas, não só sobre coisas, mas sobre pessoas, sobre sentimentos, sobre emoções que me movem e me transformam (apud DIDI-HUBERMAN, 2016).

Aliada a constituição da APA Combu é que as primeiras famílias conseguem os Termos de Concessão de Uso (TCU) de seus terrenos que já eram efetivamente ocupados, segundo Jocilete Almeida Ribeiro (2010), desde o início do século XX¹². É importante ressaltar que o Igarapé do Periquitaquara, bem como toda a ilha do Combu, está localizado dentro de algo que é chamado oficialmente de Terreno de Marinha. Estes terrenos foram demarcados no ano de 1946 através do Decreto-Lei 9.760/46 em que define nos artigos 2º

Art. 2º São terrenos de marinha, em uma profundidade de 33 (trinta e três) metros, medidos horizontalmente, para a parte da terra, da posição da linha do preamar-médio de 1831:





- a) os situados no continente, na costa marítima e nas margens dos rios e lagoas, até onde se faça sentir a influência das marés;
 - b) os que contornam as ilhas situadas em zona onde se faça sentir a influência das marés.
- Parágrafo único. Para os efeitos dêste artigo a influência das marés é caracterizada pela oscilação periódica de 5 (cinco) centímetros pelo menos, do nível das águas, que ocorra em qualquer época do ano.

Passadas, até o momento, seis Constituições da República, a sua última modificação realizada no ano 1988, legítima, no artigo 20, VII, que trata de definir os bens da União, os terrenos de marinha, onde no caso específico do Município de Belém inclui a maior parte da sua área insular.

Art. 20. São bens da União:

- I - os que atualmente lhe pertencem e os que lhe vierem a ser atribuídos;
- (...)
- VII - os terrenos de marinha e seus acrescidos;

Dita essa longa observação sobre os aspectos legais do Igarapé Periquitaquara e da Ilha do Combu, ou vice-versa, volto a ressaltar que antes de conhecer de legalidade meu interesse foi por pessoas, pela inteireza das crianças que, como o John e a Giselle, vivem suas vidas sendo elas próprias os referenciais de seu universo quente e úmido.

Seguindo com essa narrativa, também antes de me interessar por transformar a





13. Conversa concedida em 18 de
Junho de 2018.

experiência pedagógica em arte e a vivência na comunidade em possibilidade de pesquisa acadêmica, tive a curiosidade de saber acerca da origem do nome Periquitaquara. Muitas são as histórias, diferentes versões, sobre a origem desse nome, uma delas contada pelo Sr. Bebezinho¹³, a qual podemos ler abaixo

Uma vez veio umas universitária aqui e me perguntaro o nome desse Igarapé. Porque o pessoal fica incrível com o nome desse igarapé que é Periquitaquara. Aí eu sei porque que é o nome, mas só que eu não sei se posso dizê né!? Aí na época, as pessoas era tudo mais atrasado que agora, o pessoal daqui, os pouco moradores que tinha aqui quase num iam em Belém. Um dia veio um cidadão, como vocês viero agora. Aí foi dá uma volta, queria conhecer o lugar. Daí ele entrô e dá aquela empolgação no pessoal. Aí chegaro numa casa que ele tinha uma filha moça, o senhor tinha uma filha moça. Aí o senhor que veio de Belém disse: - Olha, me leve até no fim desse Igarapé que eu quero conhece tudo praí. Aí a moça toda empolgada no rapaz que veio de Belém né!? Ela tava lavando roupa. Então antigamente, as lavadera aqui do interior elas faziam aquele girau grande e botava umas folhas, aí elas expremiam a roupa e deixavam a roupa com sabão e deixavam tudinho naquele girau grande que era pra quará. Aí aquele girau chamava quarador. Aí estendiam a roupa, quando a roupa não ficava no sereno, ficavam no sol pra amolecê aquele sujo na roupa cheia de sabão. Aí a moça tava lavando roupa, mas quando ela viu o rapaz ela começou a ficar toda empregada daí o pai dela saiu pra mostra o igarapé lá pra cima





aí ela pra se amostrá tirou a roupa. A roupa dela ela tirou aí se deitou em cima do quarador. Aí pra se mostrá pro rapaz pensando que ele ia ficá empolgado, o Belenense né!? Aí quando eles voltaro de lá o pai dela com o rapaz de Belém. Aí o rapaz perguntou: - Escute aí? Esse girau que tem aí todo cheio de roupa como é o nome? Aí o senhor disse: - É quarador. Aí ele disse: - Então vem cá? E periquita quara? Ela tava deitada de peito pra cima. Foi por isso que ficou esse nome: Periquitaquara. Eu falei pra universitária pra mode que me mandaro aqui eu coisava e elas achavo muita graça. Aí ficou esse nome. Foi isso. Ela empolgada se deito no quarador. Agora já não fazem mais isso, mas antigamente faziam, era assim em quarado, botavam pra lavar. E em tudo assim os nomes de rio, igarapé surgiu assim de coisas

¹⁴ Os significados aqui justapostos foram pesquisados no Dicionário Ilustrado Tupi Guarani, o qual é um site criado para divulgar a origem de palavras que fazem parte do cotidiano brasileiro, mas que muitas vezes desconhecemos sua origem e de seus povos originários. Acessado em 17/07/2018.

Há também as elucubrações indígenas para explicar a etimologia da palavra Periquitaquara. Se dividirmos a palavra por suposições de origens variadas encontramos o seguinte: Peri é um prefixo grego que significa ao redor ou, por sua origem tupi, significa caminho de água; Qui é segundo a origem tupi o galho do parente, os colaterais, espinho; Quara é um sufixo tupi que significa refúgio, toca, buraco, lugar, sitio. Nesse sentido podemos supor que Periquitaquara significa *ao redor de um lugar de espinhos* ou *lugar que a água caminha por espinhos*.





TANTA HISTÓRIA, TANTA ÁGUA

Eu tenho que cuidar dele (o rio), tenho que ter essa relação mais próxima, uma relação mais sadia com essa água, porque eu preciso, ele é o lugar que me aproxima da cidade, ele é o meio, e que me distancia também, mas eu penso mais como uma aproximação.
(Giselle Trindade)

Morar aqui na beira do rio, olha, se torna mais fácil pra várias coisas né!? Olha a água pelo menos né!? A gente tem água aí com abundancia. Se a gente morasse lá dentro (da cidade) e não tivesse condições de fazer um poço artesiano né!? Uma encanação, como a gente vivia né!? E aqui não, tá perto, a qualquer hora que tu tivé disposição tu vai lá pesca, colocá um matapi, lanceá, tudo isso. Aqui esse igarapé a gente preserva um bocado ele.
(S. Bebézinho)





Periquitaquara, olha... eu, o rio, pra mim, eu acho bacana, né!? Que tem um rio bem na frente da minha casa, um igarapé bem na frente. Ah! Eu gosto, eu gosto também quando chove, desde que não dê truvão, tudo bem. Pra cá, assim, nós temos com a graça de Deus, que ela (a chuva), pode chover como chover, mas passou dali ela acabou. Em Belém já é diferente né!? Fica tudo cheiro.

(D. Creuza)

Ah! Eu sou mais aqui... a cidade pra mim é só pra fazer minhas compras e médico que é mais pra lá, mas a minha vivência mesmo é aqui. Daqui só pra última morada.

(D. Gracina)

Os recortes de falas acima são um trecho daquilo que pra mim foi muito impressionante nesse processo de pesquisa. Percebi, com essas conversas, que todas as pessoas com as quais tive oportunidade de ouvir enfatizam seu amor pelo território do Periquitaquara. Território que tem na água todo o movimento de suas vidas. A água nesse contexto é meio, é provento, é lazer, é sabedoria.

Aqui não cabe falar de centro-periferia, pois estou falando de uma territorialidade que diferencia o sítio e a cidade, mas o sítio é tão próximo que eles dizem que é agitado e quieto o suficiente. Dessa feita, o sítio não é nem de longe sinônimo de pobreza econômica, política e social e vem sendo cada dia mais valorizado pelos olhos do capital, que tende a fincar suas raízes exploratórias e de construção e manutenção de desigualdades. Aqui destaco a fala do antropólogo Arjun Appadurai (1996, 50) sobre esse tipo de abordagem





global a qual estou me referindo

A nova economia cultural global tem que ser considerada uma ordem complexa, estratificante, disjuntiva, que já não podemos compreender nos termos dos modelos centro-periferia preexistentes [...] A complexidade da economia global actual tem a ver com certas disjunturas fundamentais entre economia, cultura e política.

Como já vimos, a força comunitária no contexto da Ilha do Combu é tão significativa que marca sua história e as melhorias das políticas públicas a que as moradoras e moradores têm acesso lá mesmo. A experiência de conhecer esse território só pode ser refinada dentro do hibridismo concernente a ele, juntamente com uma duração em que o processo seja de aprendizagem para além do óbvio. O amor é a coisa mais indispensável quando se trabalha em busca de nossas essencialidades, não por purismo, mas por ser o procedimento que efetivamente encontra ou tem o potencial desse tipo de encontro. O influente não é mais importante que o influenciado, caso contrário estaremos só reproduzindo o colonialismo em outra esfera. No Periquitaquara cada moradora e cada morador que pude ouvir deixou muito evidente o papel que ocupa dentro de suas histórias pessoais, as quais acompanham diretamente a história coletiva delas e deles.

Vida e morte andam continuamente lado a lado. Que o diga o cachorro da Vera que morreu defendendo a dona. Mas essa é uma história que vai além, pois me evidenciou como, por exemplo, a Cobra Grande não é só uma lenda, mas parte da realidade de vida





dessas pessoas que estão na beira do rio.

Em uma de minhas imersões no igarapé Periquitaquara um dado dia amanheceu e a maré estava enorme, de modo que invadiu a terra e estava muito próxima ao assoalho da casa. Meu olhar, no momento, foi de pura contemplação e encantamento com a beleza da cena. Toda aquela água do rio que avançou e respirou até ficar em baixo da casa. Imaginei os peixes descobrindo caminhos novos por onde nadar, os camarões se aventurando naquelas seis horas que a maré só sobe e voltando aos habitats nas seis horas seguintes quando ela só baixa. Tanto a Giselle quanto a dona Socorro, na ocasião, estavam no trabalho e eu estava sozinha na casa. Quando a maré baixou fui lavar a louça no *girau*¹⁵. Enquanto eu estava lá ambas chegaram e cada uma seguiu com seus afazeres. De repente ouvimos gritos e latidos vindos de dentro do mato. No momento em que olhei, seu Jô já estava com uma arma em mãos e correndo em direção aos gritos de sua esposa. Um minuto depois ouvimos o estampido do tiro. A Giselle correu para casa do tio a fim de saber o que tinha acontecido. Eu, com medo, terminei de lavar a louça o mais rápido que pude e corri pra dentro da casa. Quando a Giselle voltou nos confirmou o ocorrido. A Vera havia entrado no mato para apanhar o *bébe*¹⁶, e junto com ela foram também os cachorros. Até que um deles se lançou na frente dela e avançou em uma cobra que estava pronta para dar o bote. Os cachorros enfrentaram a cobra, mas um deles foi mordido antes do tiro que pôs fim a vida do animal selvagem. Todos voltaram do mato com a cobra morta, o cachorro mordido e o ar espantado pelo susto. O animal abatido pelo tiro ficou como “troféu” da situação, o cachorro ficou um tempo agonizando e logo se foi, e a Vera só agradecia pela vida dela que foi poupada pela bravura do seu cão.

¹⁵ Girau é um tipo de pia sem encanamento, ao ar livre, que auxilia em todas as atividades domésticas que envolvam água. É usado tanto no trato da comida quanto na lavagem de roupa e louças etc.

¹⁶ Bébe é o açaí tirado na hora para ser batido e servido para o jantar.





A partir de então não desci mais para o terreiro até a hora de ir embora. Nesse momento, ecoou em meus pensamentos uma frase solta a muito tempo ouvida aqui e acolá que diz que “quando a água é grande todos os bichos se movem”. Foi aí que entendi que as histórias não são somente lendas. O Seu Bebezinho e a Dona Gracina em nossa conversa também falaram um pouco de algumas dessas histórias.

Tinha visagem, mas não aqui nesse setor. Eu já corri, mas foi em outro lugar. Pois é, o seu Acelino ele saía 1h, 2h pra poder riscar todas as seringueiras que tinha aí nessa área. Aí uma determinada vez ela apitou, só que ele não tinha medo. Ela estava de um lado da seringueira e ele de outro. Ele riscando e ela apitava assim, só que ele não tinha medo, aí acabou e foi embora. A Matinta Perera só se o cara mexer com ela que diz que ela mexe. Ela enxerga as pessoas só pela unha da gente. Diz que ela só enxerga assim a unha, ela tipo acende pra ela, aí que ela enxerga. O rosto mesmo da gente ela não enxerga. E foi ele quem contou uma vez pra nós. Não sei se ele ainda lembra disso aí que ele viu. E várias pessoas contam. Eu tava lá, matava porco, todo Sábado, eu tava na casa do Jucelino, ele era vivo ainda, Eu tava fazendo o fogo pra nós pela o porco, a gente pelava umas 3h pra levá de manhã pra Belém pra vender. Ela apitou do lado ali da casa do Chico, daquele rapaz ali. Aí ele gritou de lá do porto pra mim: - Olha, ela vem vê se esse porco não é dela, o Diquinho falou pra mim. Aí tá, então ela vai errar, que esse porco nós comprou lá na terra firme, em Santa Maria. Daí eu subi pra mode fazer um café foi quando eu vi aquele negócio de mode que me arrupia, Ela estava, parece que, atrás daquele cajueiro que tem





lá. Eu peguei o terçado e botei do meu lado aqui. Chamei ele, que eu fiquei com medo. Aí quando ele veio de lá parece que aquilo sumiu. Ele disse: - Ela veio mesmo vê mesmo se o porco não era dela, que ela criava porco diz quê. Foi isso. Mas vê assim, graças a Deus eu nunca vi e nem pretendo e nem mexo.
(Seu Bebezinho)

Num tempo desse, a menina que viu... - foi a Paulinha, né!? -, que ela tava secando a água do casco, né!?, aí tava me contando, né!?, que ela ia ver os espinhel dela que ela colocou pra pegar peixe, né!?, aí quando ela acabou de secar a água, que ela olhou pro lado, ela vinha tufando, era a cobra; aí ela desmaiou, caiu pra dentro do casco, foi, ela me contou, que quando ela tornou, ela só correu, com medo, né!?... foi o livramento que Deus deu, né!?, ela caiu pra dentro do casco, que se ela cai pra fora, né!?, talvez, né!?... ela disse que foi muito, ficou muito com medo mesmo... mas eu, pra falar a verdade, eu ainda não vi, né!?, eu mesmo ainda não vi... mas o pessoal, o pessoal vejam, né!?...pra cá, assim...mais aí pra longe, né!?, pra cá não.
(Dona Gracina)

São histórias que mesmo que não tenham acontecido com as pessoas que as contam, estão carregadas de uma íntima relação com a paisagem, com os ciclos de seca e de cheia, com as atividades produtivas do período em que aconteceram, com as histórias pessoais de cada uma e de cada um que entre o nascer, o crescer e o envelhecer foram carregadas de múltiplas emoções que ainda lhes move. Sem esquecer que há





também uma forte relação com a onda de mudanças que vem ocorrendo no Igarapé Periquitaquara, destaco aqui: o crescimento populacional, a entrada da energia elétrica, a proximidade com a área continental, entre outras. Ou como diz o filósofo japonês Tetsuro Watsuj (2016, 36)

la transcendencia se realiza por medio de lo concreto del clima y el paisaje en los que el ser humano se descubre a si mismo. Considerado desde la perspectiva individual, este hecho consiste en la toma de conciencia del propio cuerpo. Pero, desde el punto de vista de la vida humana en su realización concreta, este hecho se refleja en el modo de formar comunidades, en las diversas formas de conciencia y en las formas de lenguaje, en la construcción de viviendas o en la fabricación de productos. El existir trascendiendo, como estructura de la vida humana, debe incluir todos estos aspectos.

Descobrir a mim mesma, fazer descobrir a si mesma e a si mesmo cada um dos pequenos com os quais trabalhei é considerar todas essas estruturas. E ouvir as moradoras e moradores do Igarapé Periquitaquara me trouxe muito a ser aprendido e admirado dessa relação que elas e eles tem desde sempre com a paisagem que os constitui e vice versa.











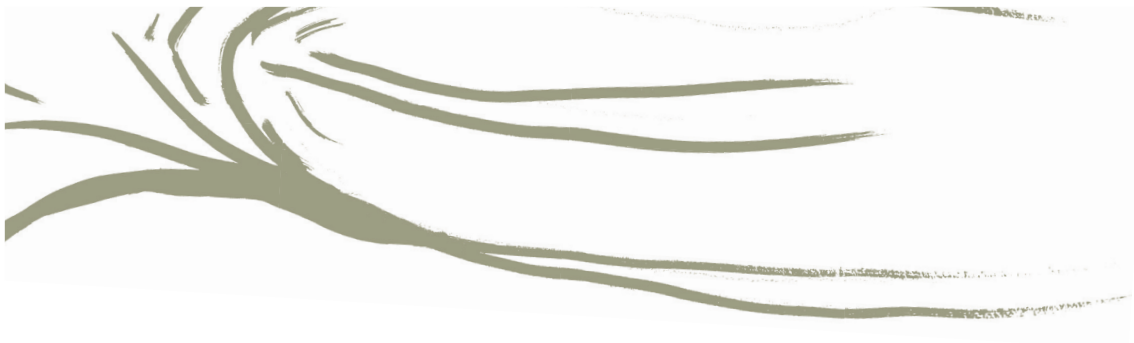
CRI.CRI.CRI...
CRIAR.CRIANÇA.
O GRILLO QUE ESCUTO, NÃO VEJO
E TAMBÉM SOU...
CRI,CRI,CRI...

OU DAS TEORIAS COM CRIANÇAS

O amor nos faz ver os aspectos positivos que podemos ajudar os outros seres a desenvolver para que os obstáculos limitantes sejam removidos e para que, além disso, eles possam desenvolver plenamente suas capacidades, gerando felicidade para eles mesmos e para os outros.
(Lama Padma Samten, 2006, 48)

O amor é a linguagem que me move ao encontro com essas crianças. E o amor e a gratidão pela profissão que escolhi, a docência, é o que me faz olhar além dela. Educação é essencialmente encontro e troca humana. Cheia de afetos e sentidos. Impossível ser o contrário, pois quanta energia é movida em cada um desses encontros. Algumas vezes energias de calma, outras de praticidade, outras de fogo que queima com os conflitos. Enfim, navegando pelo amor vou narrando-as.





HÁ! UNIDADE PEDAGÓGICA SANTO ANTÔNIO Cheguei ao Igarapé Periquitaquara no ano de 2013 como professora de Artes da Unidade Pedagógica Santo Antônio (UPSA). Fiquei responsável por três turmas do Ensino Fundamental, sendo elas: CI 1º e 2º ano, CI 3º ano e CII 1º e 2º ano¹⁷.

No ano de 2015 estava finalizando a execução do planejamento pedagógico da disciplina de Artes que tinha 2 (dois) anos de duração para as turmas da UPSA, ou seja, finalizando um planejamento iniciado em 2014. Naquela ocasião me interessava conhecer melhor a comunidade a partir das histórias e das relações que eles estabeleciam entre si e entre nós da escola. Poder a partir da sala de aula conhecer melhor suas narrativas, suas construções de criança, criando dispositivos para de interação que iam desde entrevistas, passavam por pesquisas de campo, pela (re)elaboração e/ou (re)criação de narrativas e tantas outras coisas. Utilizando de diferentes atividades, modos de fazer, como de contação de histórias, escrita de poesias, construção de dispositivos ópticos, desenhos,

¹⁷ No Município de Belém temos uma estrutura curricular que preza por Ciclos de Aprendizagem ao invés de uma Educação Seriada. De forma prática muitas e muitos profissionais não fazem diferença entre um conceito ou outro, mas eles são essencialmente distintos. Enquanto os Ciclos de Aprendizagem consideram a flexibilização do tempo de aprendizagem, a Educação Seriada impõem esse tempo que se não alcançado simboliza fracasso escolar (a maioria de nós viveu esse modelo escolar). O Ciclo de Aprendizagem tende a possibilitar uma educação democrática e a Educação Seriada tende a perpetuar uma educação autoritária. Portanto CI significa Ciclo de Formação I – 6,7 e 8 anos (três anos de duração) e CII significa Ciclo de Formação II – 9 e 10 anos (dois anos de duração). E esses ciclos de formação tem de dois a três anos de desenvolvimento para que se alcance os objetivos de aprendizagem propostos em cada área de conhecimento.





pinturas, escrita de textos em prosa, leitura de imagens, e tantas outras experiências que apenas as crianças e a equipe de trabalho podem nos proporcionar em uma escola. Pensando a partir da arte educadora e criadora da proposta triangular, Ana Mae Barbosa (1998,16) vejo que “a arte capacita um homem ou uma mulher a não ser um estranho em seu meio ambiente nem estrangeiro no seu próprio país. Ela supera o estado de despersonalização, inserindo o indivíduo no lugar ao qual pertence.”

Todas as atividades envolvidas nesse processo de trabalho contribuíram para a manutenção do meu interesse pela pesquisa. Por tantas vezes o via como uma pesquisa em educação, mas sempre me deparava com questões que iam muito além. Pois, a comunidade sempre se apresentava de maneira tão intensa e recortada ao tempo de 1h30min de aula, em cada uma das turmas. Precisava mergulhar mais a fundo na comunidade, dialogar com outras pessoas, ouvir as histórias que eles queriam contar. Tentando compreender esse contexto da região insular de Belém, buscava integrar sempre o plano pedagógico de trabalho de forma que este abarcasse as relações entre o eu/nós e a paisagem ou no que seria essa paisagem para eles a partir de seus pontos de vistas, de suas vidas, ou suas próprias histórias.

Cada turma apresentava um aspecto distinto a ser desenvolvido, como a turma do Ciclo I 1º e 2ª ano que funcionava pelo turno da manhã contava com 24 (vinte e quatro) estudantes matriculados, dos quais 08 (oito) meninas e 16 (dezesesseis) meninos. Destes um total de 13 (treze) crianças progrediram da educação infantil para o 1ª ano e as outras 11 (onze) crianças progrediram para o 2º ano. Essa turma possuía uma boa integração afetiva entre si, mas havia um grande cuidado para preservar a autonomia dos mais





jovens que continuamente eram “ajudados” pelos mais velhos em atividades relacionadas a escrita.

A turma do Ciclo I 3º ano que funcionava pelo turno da tarde contava com 13 (treze) estudantes matriculados, dos quais 6 (seis) meninas e 7 (sete) meninos. Todos os estudantes progrediram do Ciclo I 2º ano para o ciclo de aprendizado acima citado. A turma possuía 5 (cinco) crianças com muitas dificuldades de trabalhar em grupo, e sem querer, lideravam conflitos em classe. Elas persistiam em um comportamento egocêntrico em que as ações são realizadas sem considerar o outro. Devido a essa constatação as intervenções foram planejadas e continuamente realizadas visando o desenvolvimento dessa habilidade de trabalho coletivo ou individual respeitando os diferentes espaços e tempos ocupados e produzidos pelos/para os pequenos sujeitos.

E a turma do Ciclo II 1º e 2º ano que funcionava também pelo turno da tarde contava com 18 (dezoito) estudantes matriculados, dos quais 4 (quatro) meninas e 14 (quatorze) meninos. Destes um total de 10 (dez) crianças progrediram do CI 3ª ano, outras 6 (seis) crianças progrediram dentro do ciclo do 1º para o 2º ano e 2 (duas) criança permaneceram na turma por conta da retenção no referido ciclo de aprendizado. Era uma turma que possuía uma grande diversidade de sujeitos em aspectos afetivos, intelectuais, morais e sócio culturais, que me ofereceu por essa diversidade um amplo leque de possibilidades de trabalho que tenderam a uma intensa troca de conhecimentos pela diferença. Ela possuía facilidade em trabalhar coletivamente e em expor suas colocações diante dos assuntos trabalhados.





¹⁸ Tanto os pressupostos dos ciclos de formação quanto a avaliação por processo de aprendizagem adotados pela Rede Municipal de Educação de Belém ver nas Diretrizes Municipais de Belém (2012).

¹⁹ Éramos na ocasião uma equipe docente majoritariamente de mulheres, sendo: Professora Rosecléia Nogueira (Educação Infantil), Giselle Trindade (CI 1º, 2º e 3º ano), Professora Regina da Silva (CII1º e 2º ano), Professora Adriele Silva da Silva (Artes), Professor Raphael El Rusny (Educação Física) e Professor Edney Alves (Coordenador Pedagógico). Mas a equipe de trabalho como um todo, juntando operacional, merendeiras, barqueiros, ajudantes de barqueiros e vigilantes nos tornávamos minoria feminina.

SOBRE MODOS DE FAZER EM ARTES Dito isso, podemos passar a uma descrição dos processos desenvolvidos em sala de aula durante os dois semestre letivos de 2015. Cada um desses semestres foi planejado a partir dos próprios pressupostos dos ciclos de formação que são: o desenvolvimento humano, a inclusão social, a educação ambiental e a interdisciplinaridade. E avaliados dentro de uma abordagem que preza o processo de aprendizagem em 5 (cinco) funções avaliativas, são elas: a função contínua, a função dinâmica, a função investigativa, a função diagnóstica e a função participativa¹⁸.

Em todas as etapas do planejamento e da execução dele fui alinhavando a partir da primeira atividade proposta para o início do ano letivo. Durante a semana pedagógica a equipe docente acordou que esse primeiro dia letivo seria integrado entre todas as crianças e suas respectivas docentes¹⁹, portanto, o primeiro dia de aula naquele ano letivo era responsabilidade das disciplinas de Artes e Educação Física passou a ser uma responsabilidade compartilhada entre todas e todos os docentes da UPSA, demonstrando





o grau de confiabilidade entre a equipe docente.

Estou chamando de constelação de desejos a sequência pedagógica que buscou articular uma interlocução com as crianças que são, a meu ver, parte fundamental do lugar, o Igarapé Periquitaquara, na construção dessas territorialidades. Assim, passamos no primeiro semestre letivo de 2015, por uma listagem de nossos desejos para o ano letivo, que deram base para as tentativas de compreensão do lugar a partir da própria escola, para construção de análises sobre os sentimentos cultivados em casa a partir de dispositivos construídos em classe, para o cuidado de si e do outro, para a escuta como ensino possível a partir da fala dos mais velhos da comunidade, para refletir sobre o jogo como brincadeira e representação. E no segundo semestre letivo de 2015 mergulhar profundamente nos exercícios sobre territorialidade mediados/inspirados no trabalho de Paula Sampaio e pela produção da imagem fotográfica.





²⁰ Horas de trabalho que são remuneradas para estudo, formação continuada e preparação acompanhamento do trabalho pedagógico.



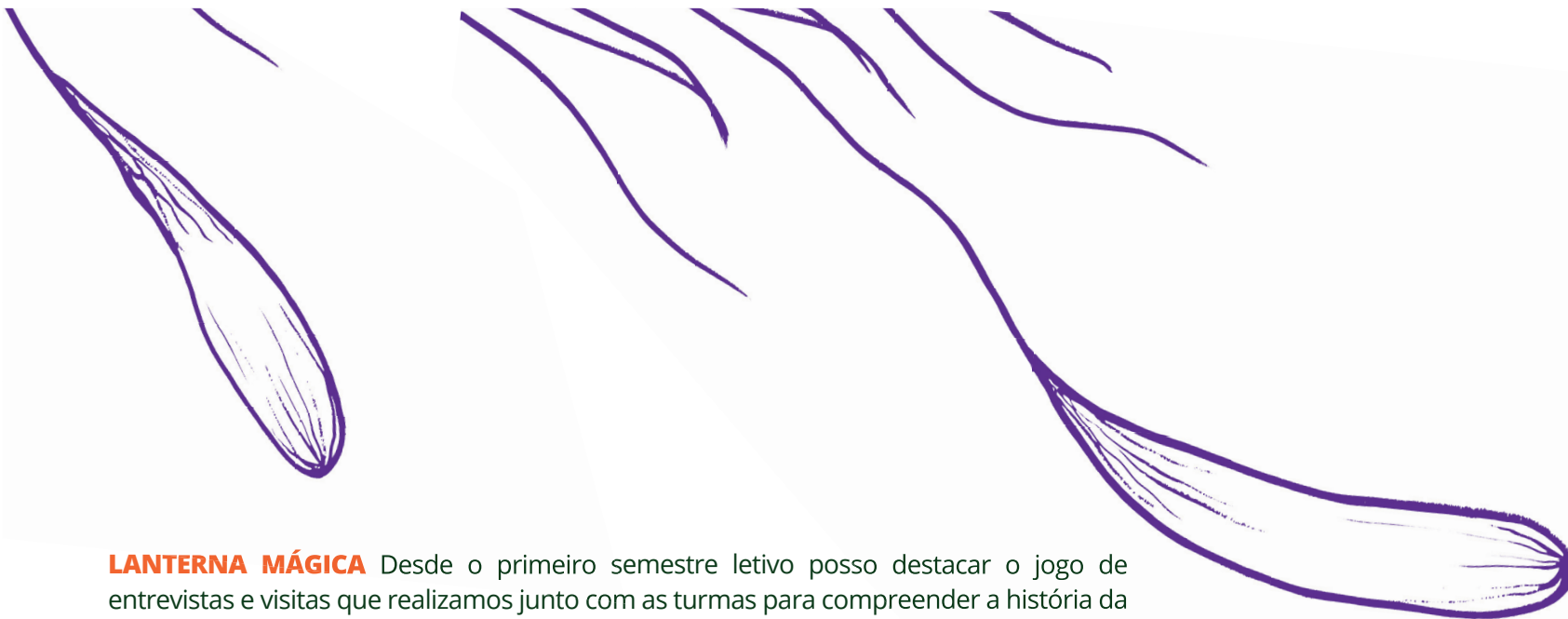
CONSTELAÇÃO DE DESEJOS Na Unidade Pedagógica Santo Antônio eu ia uma vez por semana, juntamente com o professor Raphael, de Educação Física, enquanto as professoras regentes cumpriam suas horas pedagógicas²⁰, quando estas não tinha formação continuada na região continental. Nossa chegada a escola era sempre as 7h10 da manhã e saída, geralmente, às 16h45 da tarde das segundas-feiras. Pela manhã, nós dois, dividíamos a turma do CI 1º e 2º ano. Sendo que o primeiro horário (de 7h45 às 9h15) a turma tinha aula de Educação Física e no segundo horário (de 9h30 às 11h) a aula era de Artes. E pela tarde tínhamos as turmas do CI 3º ano e do CII 1º e 2º ano. Eu cumpria, normalmente, o primeiro horário (de 13h15 às 14h45) com o CI e o segundo horário (de 15h às 16h30) com o CII.

Em nosso primeiro dia letivo preparamos uma programação em que juntamente com as crianças buscamos dicas daquilo que construiríamos como percurso pedagógico integrado entre as docentes e o docente. Fizemos dinâmicas de acolhimento a partir

do toque carinhoso de todos em todos. Uma criança era escolhida a ser envolvida por um tecido, nesse casulo de tecido as demais se aproximavam para tocar com o mesmo carinho que gostaríamos de receber. Depois fizemos uma atividade de alongamento e relaxamento até a hora do lanche. Na volta do lanche passamos para uma atividade em que doávamos um sentimento para o colega, essas doações foram materializadas em uma grande teia construída com barbante. Quando todas as crianças e profissionais já tinham sua ponta de barbante nas mãos, convidei-os a encostar o barbante no chão e fixá-lo com uma fita gomada para permitir a todas e todos que visualisassem aquele fios que ali simbolizavam sentimentos para o ano letivo. Conversamos um pouco, andamos na sala para ver de todos os ângulos possíveis e finalmente passamos a proposta de desenhar aqueles fios e escrever sobre aqueles sentimentos e desejos. Surgiram assim várias “estrelas” do que chamei de constelações de desejos auspiciosos para serem realizados ao longo do ano de 2015.







LANTERNA MÁGICA Desde o primeiro semestre letivo posso destacar o jogo de entrevistas e visitas que realizamos junto com as turmas para compreender a história da própria escola. Em sala, criamos nossas “lanternas mágicas” que serviriam de dispositivo para contação e registros de histórias da própria comunidade. Cada turma levava de 3 (três) à 5 (cinco) dias para montar sua lanterna.

Esta era feita de papel cartão, cola e as mãos. Apenas na parte externa da caixa é que usamos tesoura trabalhando técnica de cortes simétricos. Antes de experimentar na caixa, exercitamos em uma aula inteira cortes em folhas de papel jornal. Até que chegou o dia de finalizar as caixas recortando, colando, explicando seu funcionamento com terra e vela e o papel com a pequena “entrevista” em que explorávamos para o CI questões como Me conte a história do meu nascimento? Como foi a escolha do meu nome? E o senhor(a), qual a história do seu nascimento e do seu nome? A fim de trabalhar a motivação, a afetividade e a parceria a partir das histórias de vida de cada um daqueles pequenos





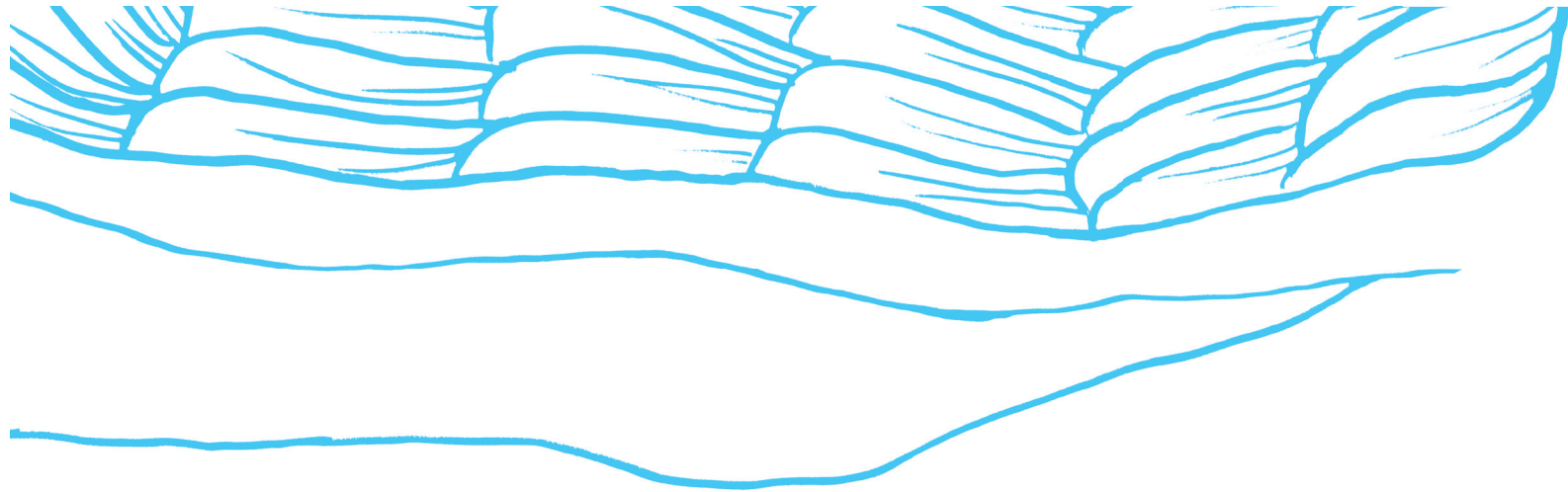
protagonistas em uma parceria entre a família e a escola pensado o papel da educação. E para o CII as questões giravam em torno da busca pela identificação de práticas, hábitos, ambientes, ou seja, nesse caso, seus conhecimentos sobre a principal fruta da região contando e ouvindo histórias a partir de perguntas como: Existe um período específico para colher açaí? Qual? Existe alguma relação dessa colheita com as fases da lua? Qual? E qual a relação da maré com a colheita do açaí? Existe?

As lanternas em ambos os casos eram apenas um objeto agregador/motivador desse encontro das crianças com suas famílias, para, quem sabe, contar e ouvir as histórias no tempo de queima da vela.

Fotos
ADRIELE SILVA DA SILVA
Exercício das lanternas
(detalhe do Diogo olhando
através do corte simétrico)







SENTIMENTOS TROCADOS NO AR Retornamos das entrevistas com dois momentos distintos, um que relatava através do desenho a experiência e outro que fazia pensar sobre o sentimento cultivado naquele momento. As lanternas buscavam ser um dispositivo de mediação entre diferentes gerações para falar daquele lugar a partir das pessoas que o constituíam. De modo que o

Conhecer significa ter uma experiência e não apenas ter experiência. Uma experiência completa é tão íntegra que sua conclusão é uma consumação e não uma cessação. Consumação é a conclusão significativa impregnada pela apreciação perpassiva que penetra o todo da experiência. (BARBOSA, 1998, 22)

Compartilhar essa experiência era fundamental para o processo pedagógico, mas uma forma apenas não cabia a toda experiência. Pois estamos falando aqui também

que “Experiência (*Erfahrung*) é, justamente, o que se passa numa viagem (*Fahren*), o que acontece numa viagem. [...] e que tem suficiente força como para que alguém se volte para si mesmo, para que a viagem seja uma viagem interior.”, como defende o professor, de Filosofia da Educação, Jorge Larrosa (2017, 67). Essa viagem simbólica não viria, portanto, de forma direta e imperativa, mas através de outras experiências que apresentassem os indícios da viagem anterior. Daí a divisão em dois momentos e duas novas experiências em classe.

O primeiro momento era simples, os alunos ficavam em roda, sentados no chão, para falar e ouvir as histórias de cada uma e cada um, alguns com belas narrativas sobre como as sombras e luzes que refletiram nas paredes faziam tudo “brilhar”, outros com relatos tristes de não conseguir acender a vela porque era uma noite de muito vento, e ainda as histórias que renderam risos, pois uma dupla de irmãs quase pôs fogo em casa porque teimaram em dormir com a lanterna acesa. Depois de muita conversa cada uma e cada um se pôs a desenhar sua experiência em papel A4 com grafite, lápis de cor e lápis de cera. À medida que os desenhos iam sendo concluídos eles imediatamente iam constituindo um mural na escola.

O segundo momento de reflexão sobre essa experiência consistia na possibilidade de cuidar de si e do outro. De forma que todos pudessem trocar carinho, sentimentos, afetos em uma grande brincadeira. Cada criança escreveu em um pequeno pedaço de papel seu sentimento movente daquela experiência. Depois disso elas dobraram o papel e colocaram dentro de balões. Encheram seus próprios balões e começamos a brincar.

Sentimentos foram trocados no ar. Após o jogo corporal cada uma e cada um possuía nas mãos um outro sentimento que vai sendo lido e “explicado” por quem o

Fotos
ADRIELE SILVA DA SILVA
Atividade com os balões
(crianças escrevendo, enchendo e
brincando com os balões.)



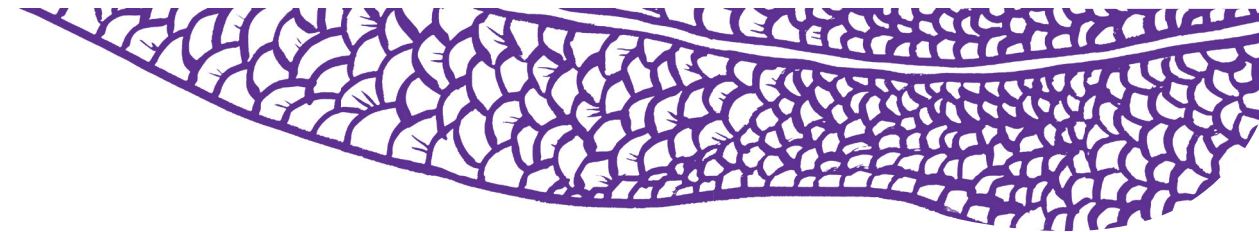








escreveu. Cada um ganhou de presente esse novo sentimento para ser cuidado, pois, como defende o filósofo Walter Benjamin (2002, 49) “[...] as manifestações na vida infantil não pretendem outra coisa senão conservar em si os sentimentos essenciais” e o amor é um desses sentimento que para o também filósofo Peter Sloterdijk (2016, 15) as “histórias de amor são histórias de formas, e que toda solidarização é a formação de uma esfera, isto é, a criação de uma espaço interior”. Cuidar desses espaços interiores gerados tanto na experiência com a lanterna quanto na experiência em classe eram portanto cuidar também da minha própria história de amor, meu sentimento essencial desde a infância.



²¹ Disponível em: <https://www.geledes.org.br/descolonizacao-do-pensamento-na-obra-de-grada-kilomba/> Acessado em 20 de abril de 2018.

VISITAR E OUVIR Na esperança de um tipo de educação em arte que aposta na potência dos encontros e das histórias de amor propus que realizássemos visitas a moradores antigos da comunidade do Igarapé Periquitaquara. Pois apenas eles podem falar de seu lugar como defende a artista Grada Kilomba quando diz, em entrevista concedida a Suely Rolnik a revista Brasileiros²¹, que

Trabalhei com a ideia de que as narrativas são silenciadas porque outras vozes falam mais alto; não é que nós não estamos a falar, mas sim que nossa voz não é escutada. Então não é que a gente não tenha estado a produzir conhecimento e narração. A gente sempre fala, a gente sempre entrega conhecimento, mas não escutam nossa narração, não escutam nossa história.

Fotos
ADRIELE SILVA DA SILVA
*Visita a casa da D. Nair
e S. Osmarino.*

Nesse exercício eu estava novamente como interlocutora desses encontros a





²² O conselho de Ciclo é, dentro da estrutura educacional do município de Belém, a maior esfera avaliativa das escolas. Conta necessariamente com a presença de toda a comunidade escolar que avalia os processos de ensino-aprendizagem trabalhados nos semestres letivos de forma democrática e humanizada, pois considera as particularidades de cada criança.

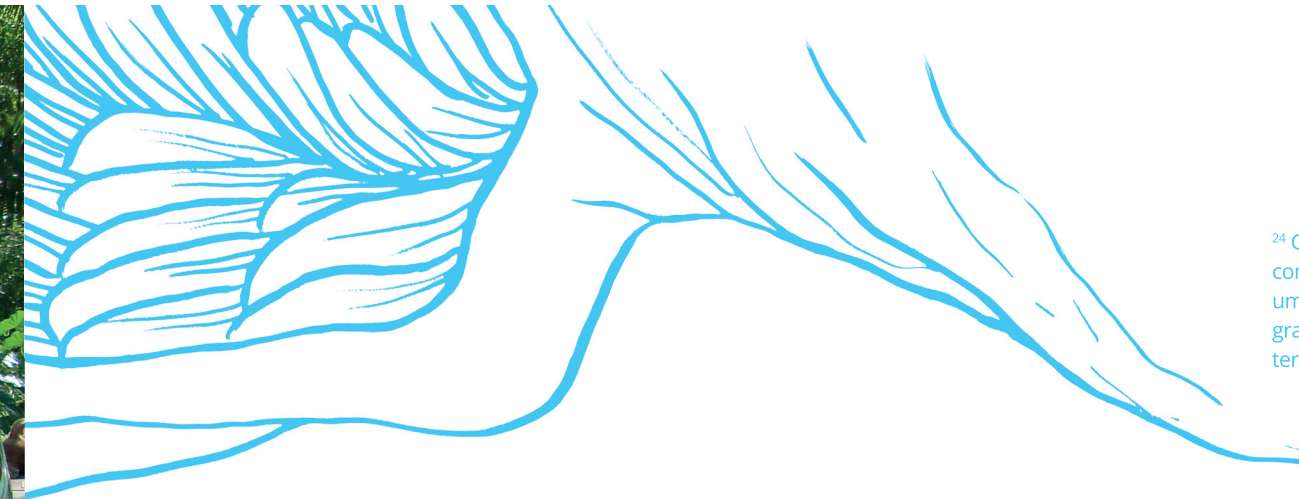
²³ Seu Osmarino faleceu em 05 de fevereiro de 2016. Quando realizamos a visita ele não conseguia mais falar, em decorrência dos AVCs que já tinham lhe acometido, mas sem dúvidas vibrava visivelmente de alegria com a presença das crianças ouvindo as histórias de Dona Nair, sua companheira de vida inteira.

partir da escola. Eu também desejava encontrá-los, conhecê-los, ouvi-los. Em princípio, seriam duas visitas, sendo uma a família que doou o terreno para a construção da UPSA e outra para a moradora mais antiga do Igarapé. Porém apenas a primeira foi possível, pois no dia planejado para a atividade, no turno da tarde, houve uma reunião de Conselho de Ciclo²².

A visita a casa da Dona Nair e do Seu Osmarino²³, moradores que doaram o terreno onde foi construída a escola, foi realizada com a turma do CI 1º e 2º ano durante uma manhã ensolarada, para conversar um pouco sobre como havia surgido aquela escola, a quanto tempo eles moravam ali, que tipo de atividades eles desenvolviam para seu sustento, que tipo de materiais eles usavam para o trabalho, e sobre eles gostarem ou não de sua rotina ali.

Foi um encontro essencialmente humano entre as crianças que faziam as perguntas elaboradas em diálogo entre os que já conheciam a família e os que não conheciam. Acreditando profundamente “que é nos encontros humanos que crescemos, aprendemos, ampliamos nossos horizontes.” (MARTINS, 2012, 13)



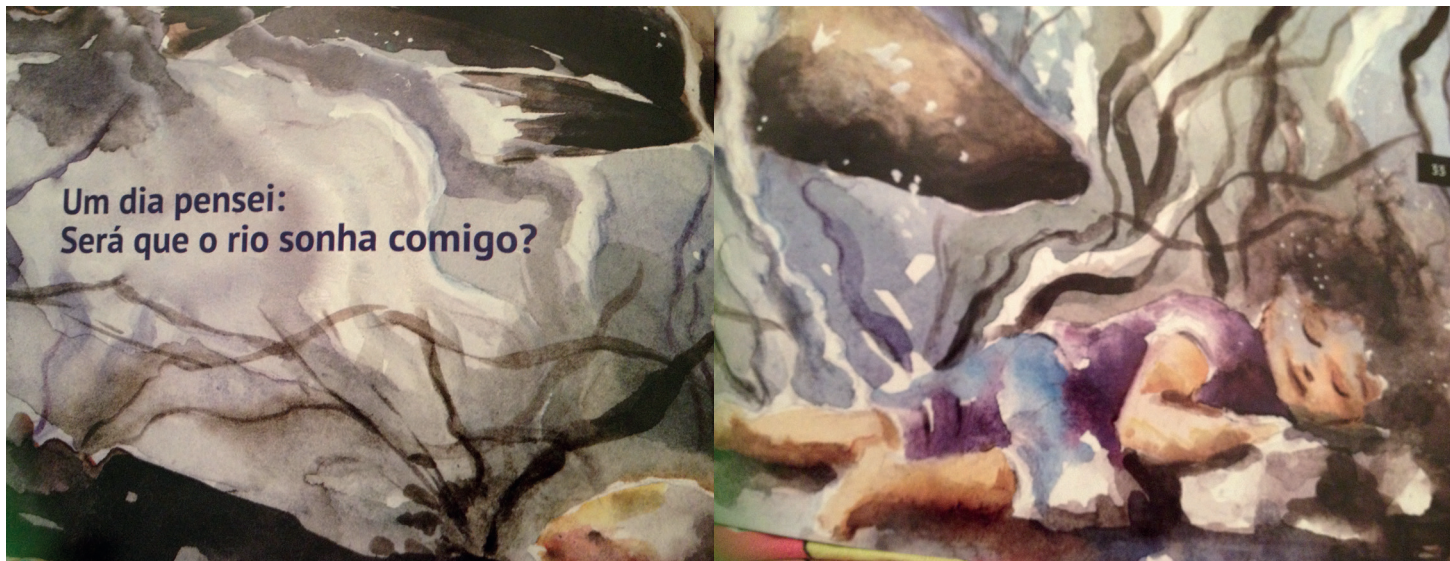


²⁴ Gapuia é um tipo de pesca que consiste na secagem da água de um “lago” formado pelas águas grandes nas áreas mais altas do terreno de várzea.

BINGO DOS SONHOS A conversa com a D. Nair e o Sr. Osmarino giraram em torno de suas memórias da juventude e de como tudo estava relacionada ao rio. O rio que se navegava, o rio que respirava ao fundo da casa e também habitava o quintal, o rio que no tempo dele molhava e secava a terra, que produzia açaí, cacau e ingá. O mesmo rio que dizia dos tempos da pesca do camarão ou de *gapuia*²⁴ que completavam o alimento da grande família. O rio que era também nascedouro de muitas histórias sobre os habitantes de sua bacia.

Eram tantas riquezas narradas de uma vida inteira morando ali no Igarapé Periquitaquara que logo me lembrei do livro que narrava a história de um homem que tinha saudades de seu tempo de menino a beira do rio e desse tempo em que sonhava tantas coisas com o rio. Os pequenos começaram, nesse momento posterior as entrevistas, a imaginar seus sonhos baseados na relação entre a visita e a leitura do livro “A história das crianças que plantaram um rio”, do autor paraense Daniel Rocha Leite.

Fotos
ADRIELE SILVA DA SILVA
Reprodução dos detalhes do livro
“A história das crianças que
plantaram um rio” de Daniel Rocha
Leite e e ilustrações de Maciste Costa.



Será que ele sonhava os meus sonhos, a minha correria em suas margens, o meu andar de menino, o seu andar de rio, a gente ali, lado a lado, sonho a sonho, correndo juntos, vivendo uma vida de menino e rio?

Sabia o rio dos meus sonhos: um barco, canoa, casco ou montaria, sempre sonhos?

Mãe d'água, folha navegando, formigas atravessando, correria de jacundás?

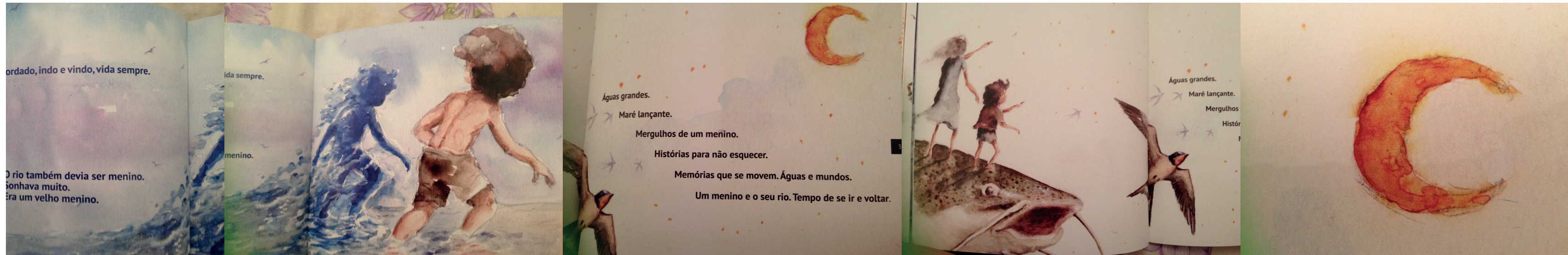
Será que o rio sonhava barcos como se fossem brinquedos? Sonhava o rio com as casas da gente como se fossem caracóis? Em seus sonhos de rio, ele sonhava gentes como se fossem peixes, pássaros e outros bichos?

Sonhava o rio os nossos sonhos de gente e águas?

Para mim o rio sonhava acordado, indo e vindo, vindo e indo.

O rio também devia ser
Sonhava muito.
Era um velho menino.







²⁵ Ver livros Filosofia da Caixa Preta que fala inteiramente sobre a nossa relação com o mundo das imagens e também O Mundo Codificado.

Era uma sequencia pedagógica que continha a acolhida dialogada em roda sobre a experiência da visita e seguia com a leitura/contação de parte da história do livro que foi lido por cerca de três aulas. Depois da leitura, ainda na roda, conversávamos sobre a relação entre a leitura, os sonhos deles e as narrativas da D. Nair. E como conclusão do exercício, nesse dia, desenhamos esses muitos sonhos e suas múltiplas relações. Pois, assim como o psicólogo analista junguiano James Hillman (2013, 72-73), acredito que

[...] um sonho é menos um comentário sobre a vida e uma indicação sobre a direção na qual ela está crescendo, e mais um afirmação das profundezas ctônicas, dos estados frios, densos, imutáveis – aquilo que tão frequentemente hoje em dia chamamos de psicopático, pois como enxergou Freud, o sonho não apresenta uma moralidade, nem sentimentos humanos, ou mesmo um sentido de tempo. [...] Os sonhos nos mostram que somos plurais e que cada uma das formas que lá figuram são “o próprio homem inteiro”, potenciais inteiros de comportamento.

Nesse sentido busquei colher dessa profundidade ctônica, dessa inteireza que os sonhos apresentam as palavras que cada um poderia ter e compor o que seria o nosso “Bingo de Sonhos”. Ele é um jogo, um bingo feito de palavras e de movimentos com a própria linguagem. Pois, segundo o filósofo Vilén Flusser²⁵ (2002), existe a realidade, a imagem e a palavra. A realidade seria a própria existência. A imagem seria um véu a essa realidade, apenas uma representação. E a palavra é um segundo véu nessa realidade, distante duas vezes dela, pois abstrai a uma segunda imagem completamente linear. O caminho que busquei trilhar ia sendo conduzido tanto pelos ventos do sonho quanto pelo vai e vem entre realidade, imagem e palavra.



²⁶ As câmeras obscuras existem desde muito antes das câmeras fotográficas. Uma das primeiras que se tem registro data do século XII. A diferença básica entre as câmeras obscuras e as câmeras fotográficas é que a primeira permite ver/observar a natureza da luz enquanto a outra além de ver e observar permite a fixação dessa imagem.

CÂMERA OBSCURA As turmas, do CI 3º ano e CII 1º e 2º ano, tiveram um exercício distinto, tendo em vista que elas não puderam fazer a visita. Os maiores passaram por um processo de construção de uma câmera obscura²⁶ pinhole²⁷, ou seja, um objeto ótico que permite a visualização da natureza da luz apenas por um furo de espinho, sem auxílio de lentes.

A câmera que fizemos composta por materiais como papel cartão, papel vegetal, papel alumínio, cola e um furo de espinho de pupunheira. A ideia era usá-la como dispositivo de ver por outro ponto de vista a mesma paisagem. A câmera obscura pinhole é um dispositivo que tem em sua natureza parte da artesanania e da ancestralidade do processo fotográfico. Portanto,

Sua apropriação para efetivar o procedimento criativo por si só já imprime força política à imagem contemporânea, pois, ao reinscrever o passado no presente, considera experiências vividas como fator de mudança e de transformação social. Ver, assim passa a ser também conhecer e conceber o mundo social. (Milton Guran, in Altberg (org.) 2013, 06)

²⁷ Pinhole ou Estenopeica ou Furo ou Sem Lente. Quando buscamos a etimologia das palavras Pinhole encontramos que Pin+hole são originárias do inglês que significa buraco de agulha ou buraco de alfinete. E Estenopeica tem origem no grego stenós que significa estreito.

Fotos
MIGUEL CHIKAOKA
Construção das câmeras obscuras.





Cada turma levou três dias para deixar suas câmeras prontas para uso. E nesse período separei 20 minutos de cada aula para ler o mesmo livro usado com a turma do CI 1º e 2º ano. No fim dessa construção e da leitura, as crianças se espalharam no espaço da escola (e um pouco além) para experimentar o dispositivo e aos poucos ir conseguindo ler as imagens ali formadas.

De volta à classe e a roda de conversa cada uma das crianças falou de sua percepção naquela primeira experiência. E perguntas como “porque a imagem está de cabeça pra baixo?”, ou observações como “quando a gente olha para o sol, parece que ele fica pequetito” surgiram em meio a risos, surpresas, constatações e explicações sutis sobre a luz que não faz curva. Voltei a pegar o barbante usado no início do ano, mas dessa vez para “materializar” o raio de luz e seu comportamento ao passar pelo furo. Cada criança voltou para casa com sua câmera obscura e a pequena tarefa de registrar em um mini-livro uma história deles com a câmera obscura ou através dela, relato que fosse importante de ser compartilhado por elas.

Fotos
MIGUEL CHIKAOKA
*Crianças explorando os espaços
com a câmera obscura.*







²⁸ Atividade escrita desenvolvida em sala de aula.

MINI-LIVRO Apostei na experiência de uma observação consciente das crianças em sua realidade aliada ao registro feito exclusivamente por elas. Uma folha de papel A4, algumas dobraduras e um corte na vertical do papel fazem rápido um mini-livro com oito laudas, nas quais poderiam ser feitos a capa, as ilustrações e o texto. Os mini-livros eram ferramentas desse registro que poderiam ser feitos em desenho, em texto, com colagens, ou mesmo misturando um pouco de tudo.

A câmera escura era meio de acesso a múltiplas realidades e histórias e o mini-livro a ferramenta de registro e partilha. Dessas histórias surgiu de tudo um pouco como a lenda do boto, uma homenagem a mãe heroína, muitas histórias de princesas e príncipes, outras de corrida de barcos, de suas rotinas, e tantas mais pequenas histórias. E também deixaram de surgir outras, já que nem todos fizeram seus mini-livros.

Dessas escritas os estudantes Jaime e Lorrán²⁸ apresentam uma interessante atmosfera. Eles oferecem títulos e um breve enredo como podemos ler a seguir.





A minha casa – A minha história é sobre a minha casa. Na minha casa tem um terreno que tem muito açazeiro. E quem não sabe subir em açazeiro vai cair e se quebrar todinho.

(Jaime Elias Gomes Corrêa)

Eu sou apanhador de açai – Pra subir na árvore de açai tem que se segurar bem para não cair. Um dia eu fui subir em uma árvore “altona”, aí eu caí lá do alto. Sorte que foi na beira do rio. Aí eu falei pra mamãe que era muito alto, mas alto que lá em casa. Mas ela só falou: “tá” bom filho!

(Lorran)

Acho curioso como essas falas evidenciam a estrutura de relação com a natureza, com a paisagem viva que faz parte deles e constrói tanto sua história quanto sua geografia humana como diz Watsuji (2006,35) “El cuerpo como sujeto posee una estructura dinámica que consiste en independizarse uniéndose, y en unirse independizándose.”

A existência deles vinculada a essa relação com a principal palmeira da região. Nesse momento ainda é apenas brincadeira, mas já molda o corpo e prepara para a tão próxima e acessível fonte de renda nos tempos de safra.

Foram todos exercícios realizados como forma de perceber o entorno a partir de outros pontos de vista. Seja pelo relato do outro, em um esforço de empatia, seja pela sua própria experiência que tanto olhou quanto registrou a vivência.





²⁹ A história em si é traumatizante, pois foi uma morte repentina por suicídio de um jovem que vivia entre o continente e a ilha, irmão de uma estudante egressa da escola.

RELÓGIOS D'ÁGUA O segundo semestre letivo geralmente me traz a sensação de ser um semestre curto, seja pela relatividade do tempo que parece correr, pela necessidade de “finalização” das atividades para as culminâncias gerais, seja pelo grande número de feriados locais e nacionais que se concentram nesse período.

Pensando sobre esse tempo e a relatividade dele, busquei provocar reflexões sobre o mesmo no trabalho de recomeço letivo junto com as crianças. Nossas rodas de conversa começaram com as contações de histórias sobre o mês de Julho. Estava viva na memória, porém, não o mês de Julho, mas o início de Agosto que adiou por uma semana o nosso encontro, pois no que seria nosso primeiro dia de aula no retorno das férias se transformou em dia de luto pela morte de um dos moradores²⁹ da comunidade. As crianças trouxeram essa história. Não havia peso, mas leveza e brincadeira, seja com o medo de fantasmas, seja com o luto que para eles simbolizava na maioria das vezes uns dias a mais de férias e muitas brincadeiras, ou mesmo pelas elocubrações do que teria levado o menino a morte.





Mas esse tempo era uma questão interessante a nós, logo, começamos explorando as possibilidades de trava-línguas, músicas e busca de palavras sinônimas. Começamos a pensar nas diferentes formas de contar o tempo e com isso pude introduzir a experiência de construção de pequenos relógios d'água ou clepsidras, feitos nesse caso com dois copos plásticos, água e um furo. Cada relógio apresentava um tempo diferente, pois cada furo – feito artesanalmente – era diferente do outro, portanto, alguns mais estreitos, outros mais largos que faziam a diferença na passagem da água entre um recipiente e outro.

Fazer nossos próprios relógios d'água foi o mote necessário para pensar nos tempos das águas que são tão importantes aos moradores do Periquitaquara. As crianças assim concluíam as atividades levando para casa as seguintes questões: *Quantas horas a maré leva para encher? E quantas horas a maré leva para baixar? É sempre a mesma quantidade de água ou isso muda? O que será que influencia no tamanho das marés?*

A maioria delas, das crianças das três turmas, já sabiam as respostas, mas a escrita era parte do exercício, o diálogo com alguém da casa, seja para essa escrita, seja para ter certeza dessa informação e colocá-la com mais detalhes, era fundamental.

Mais uma vez estava na tentativa de usar os exercícios da escola como potência de encontro familiar e comunitário, pois, acredito piamente na força propulsora desses encontros, assim como a arte educadora Mirian Celeste Martins (2012, 13), quando diz que

é nos encontros humanos que crescemos, aprendemos, ampliamos nossos horizontes. Uma viagem cultural mesmo a rua da escola, oferece-se como espaço de encontros com âmbitos das realidades, como campos de ação (...). Encontros que germinam sensações, ações, sentimentos,





pensamentos que vão configurando nossa forma de habitar o mundo. Encontros prazerosos que acolhem com curiosidade e abertura as descobertas e novas inquietações, ou encontros dificultados pela apatia, pela omissão, pelo confronto e oposição gratuitos, pelos preconceitos. É assim que os seres humanos constroem sua própria compreensão de mundo.

No retorno desse exercício e a busca da compreensão de cada uma e cada um sobre aquele mundo de águas fizemos nossa roda de conversa. Tive ali a oportunidade de aprender muito sobre os diferentes nomes das águas relacionadas as marés, sua relação com a lua, sobre a média de metros que sobe e desce diariamente ali no Igarapé Periquitaquara.





ERA UMA VEZ CADA CRIANÇA E SEU RIO Toda a relação com o tempo, com a paisagem e com as pessoas destacados nos exercícios anteriores foram muito importantes dentro do processo para chegarmos a construção dos textos sobre a relação das crianças com o lugar, e depois sobre como eles se relacionavam com a região continental.

No dia 24 de agosto de 2015 realizamos um exercício que se chamava “Era uma vez cada criança e seu rio”. O comando do exercício era simples: “Escreva um texto em que o rio seja parte da história”. As crianças tinham total liberdade de falar de uma história delas, de uma história de alguém que elas conheciam, de poder inventar algo, tinham em mão várias possibilidades de criação de narrativas. Foi nesse contexto que surgiram algumas das preciosidades já citadas no texto e outras que seguem abaixo.

Era uma vez o meu tio estava pela praia arrastando o casco pela areia quando a arraia ferrou ele. Aí o meu tio chegou em casa com o pé





ferrado. Meu avô logo foi buscar ele e levou pra casa dele. Colocaram remédio no pé dele, do meu tio.
(Luiz Fernando de Souza Lobato)

A vida – A minha vida é muito bonita. Eu não trocava por nada. As vezes eu vou pra casa do papai. Eu fico lá, mas sinto falta daqui. Aí quando meu pai me traz eu fico feliz aqui, mas também sinto saudade de lá, da casa dele.
(Marcelo Sarmanho Soares)

Eu moro na beira do rio e vejo a paisagem. Eu derrotei as minhas primas brincando de pira-pegas. Elas me derrubaram no rio. Aí eu tomei logo banho. Depois eu fui trocar de roupa. Depois eu durmo na cama. De dia eu acordo e vou brincar com meu amigo de vôlei. Quando chega de noite eu vou jantar e depois eu vou dormir. Depois que eu acordo eu chamo o meu pai e agente toma café.
(Felipe Alfaia)

Eu adoro o rio – Moro na frente de um rio e eu tomo banho nele todo dia. Gosto muito de brincar de sereia e também de andar de “rabeta”. Eu amo o rio. Sem a água do rio não dá. Não gosto quando jogam lixo no rio, gosto de ver o rio limpo.
(Joelma Martins)

A maré é legal – Todo dia eu ando de casco e eu brinco de pira-pegas. Na maré eu brinco de tomar banho. É legal que eu brinco com os cachorros.





Eu levo eles todo dia pra passear no casco. E eu gosto muito de ajeitar pra lá e pra cá. É legal.
(Esmael Araújo de Deus)

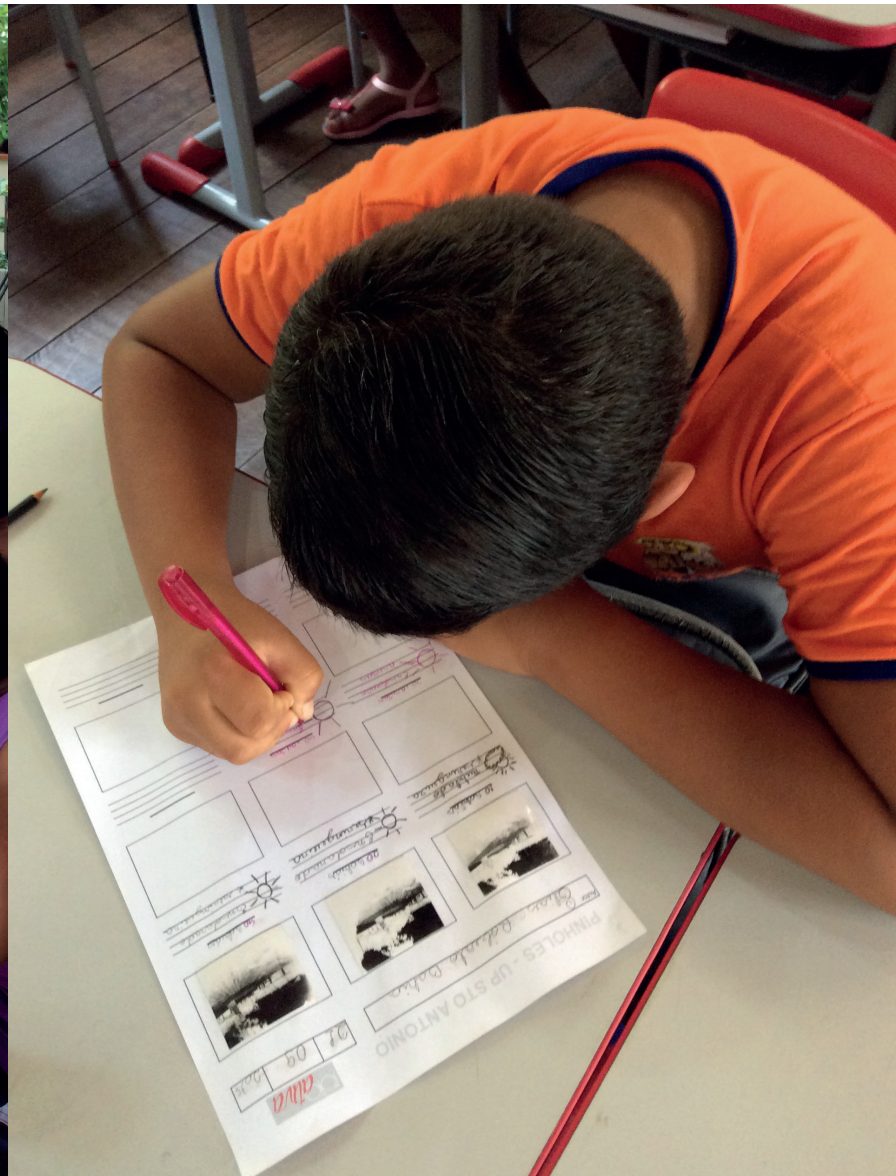
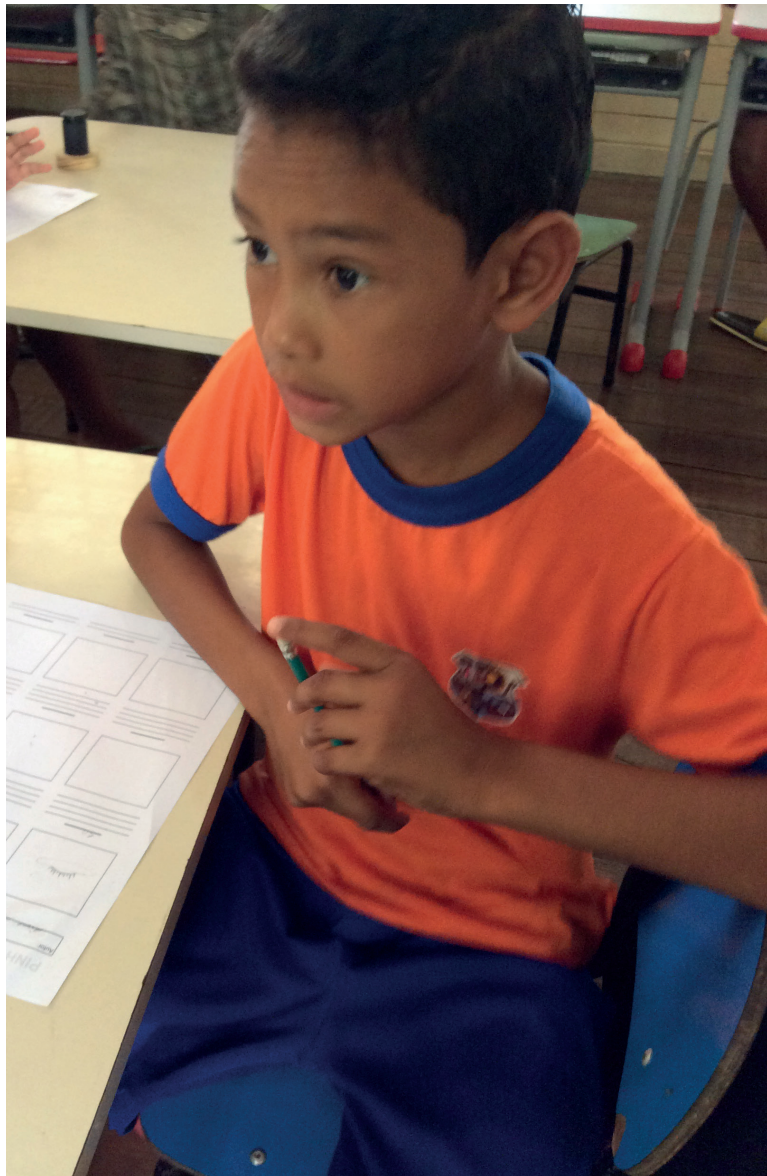
São escritas que, a meu ver, não precisam de tradução ou interpretação, elas já são sua própria potência e existência inteiras, pois na simplicidade e objetividade próprias da criança cada um e cada uma selecionou e escreveu suas histórias mais significativas, trazendo a tona um rio que vai além dos clichês sobre a importância da água, mesmo que estes apareçam, mas entra profundamente nas rotinas, no jeito de brincar, nas responsabilidades já assumidas e percebidas.



DA ESCRITA EM GRAFITE À ESCRITA DA LUZ Nos dias 21 e 22 de setembro de 2015 dentro da Unidade Pedagógica Santo Antônio realizamos a atividade de experimentação do Laboratório de Fotografia Pinhole que é uma técnica de fotografia artesanal feita a partir de câmeras de tubo plástico de filme fotográfico, tal tubo possui um furo que é isolado com papel alumínio, em que por sua vez também há um furo, mas com diâmetro produzido pelo espinho de pupunheira. Participaram da atividade todas as turmas, todas as professoras e os professores, todos os operacionais, tais quais vigilantes, serviços gerais e merendeiras. Essa atividade aconteceu em 2 (dois) dias consecutivos nos dois turnos da Unidade.

O primeiro passo foi oferecer a eles e a elas a autonomia pela seleção dos temas que seriam abordados no exercício de fotografar a comunidade. Todo o percurso que havíamos trilhado e as limitações técnicas teriam que ser levadas em conta. A partir disso listamos as possibilidades de temas e dividimos os grupos para prever se seria necessário

Fotos
MIGUEL CHIKAOKA
Dobradura do mini-livro em classe







acrescentar ou subtrair a quantidade deles. Daí chegamos a 7 (sete) temas e grupos que são: A Ponte, A Seringueira, A Horta Escolar, A Escola, A Igreja, O Rio e Os Barcos.

A intenção inicial era usar a junção dos textos e imagens para produzir um jornal inspirado no trabalho “A Folha da Cidade”, da fotógrafa Paula Sampaio que de forma muito poética uniu narrativas e fotografias sobre o bairro da Cidade Velha. O jornal não foi possível produzir, mas com certeza as muitas aulas de nutrição estética, uma vez que víamos e líamos “A Folha da Cidade” até a exaustão, articularam muito da potência imagética experimentada na prática do laboratório de fotografia pinhole e nos textos que foram produzidos sobre a comunidade, como já citamos um pouco acima.

Os estudantes e funcionários conjuntamente foram induzidos a observar a luz, a contar o tempo, a anotar as referências e a observar os “resultados” como possibilidades de se compreender o processo para além dos “erros” e “acertos”.

Durante a prática foi importante observar continuamente o outro, nós mesmos, as possibilidades de experimentação dos materiais ali dispostos e de reflexão e diálogo daquilo que queríamos construir.

O laboratório fotográfico era uma atração a parte, viver nele a magia da luz vermelha, o cheiro de químicos fotográficos e a mágica do surgimento de imagens ficou marcado como um momento único. Junto a isso, marcante também foi a própria experiência de viver a escola de forma exploratória no mesmo lugar, pois cada grupo tinha um tema, ou seja, eles precisavam testar várias maneiras de fotografar o mesmo lugar/tema.

Nesse sentido foi fundamental ter o apoio da equipe de trabalho, pois foram 2 (dois) dias letivos dedicados a experimentação em arte. Sem essa parceria nada seria

Fotos

ADRIELE SILVA DA SILVA
Práticas no Laboratório Pinhole





possível. Todas e todos acreditávamos muito na potência da educação como libertadora de sentidos, sentimentos, posturas, pensares. Ao todo foram 438 imagens produzidas em câmeras mini-pinhole e algumas reflexões abaixo escritas.

Eu gostei que nós fomos para a ponte e que nós batemos foto da escola e também nós batemos fotos da nossa horta. Gostei também do laboratório de revelar fotos. Eu aprendi que para bater fotos quando está ensolarado temos que contar menos e quando está sombreado nós temos que contar o dobro.
(Jaime Elias)

Eu gostei de ir para o laboratório e de conhecer os professores e gostei de tirar foto na camerazinha e foi o melhor dia na escola. Do que eu não gostei foi de esperar no barco e de esperar na fila para entrar no laboratório.
(Joelma Martins Soares)

Eu gostei da segunda foto porque foi a foto que saiu a mais bonita de todas. Eu também gostei da parte que a agente entrou lá dentro do laboratório. Eu gostei muito também que a gente fez a câmera diferente, essa câmera é muito diferente de todas as coisas, foi muito legal. Eu também gostei de bater fotos. Eu gostei da parte que a gente foi para a ponte bate foto.
(Nathália Soares dos Santos)

Eu gostei de bate fotos com a câmera diferente. E eu gostei dos professore novatos e aquelas câmeras diferentes tirei fotos bonitas. O professor Raphael me levou para fora, para bater a foto da paisagem. Eu não gostei da foto que ficou branca







e não gostei quando a gente teve que ir embora.
(Jamily Monteiro Soares)

Em cada grupo as crianças exploravam ao máximo as possibilidades de fotografar os temas escolhidos. Um dos exercícios em grupo que mais me chamou atenção foi dos meninos Luan, John Wellington, Felipe Alfaia, Felipe Nascimento, Elias Roberto e Erick Silva. O tema escolhido por eles foi A Seringueira.

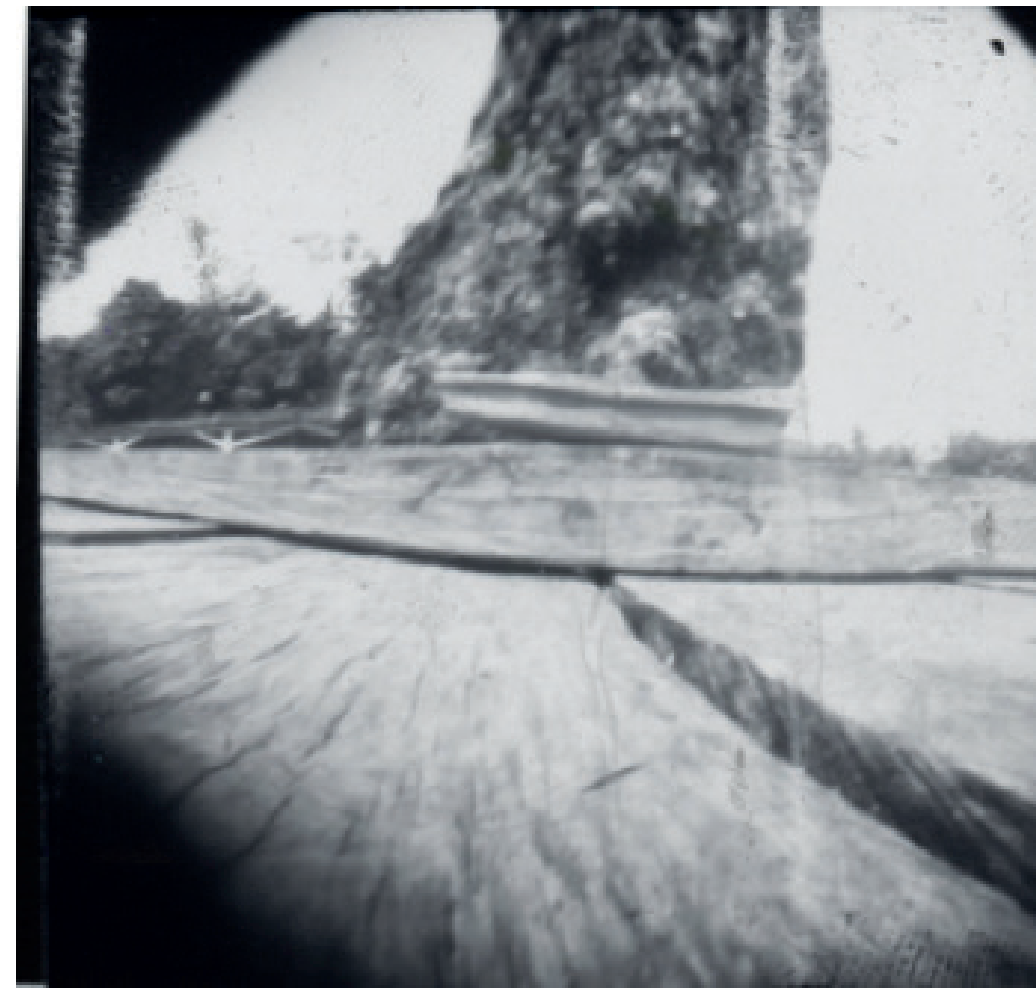
Esse grupo decidiu fazer fotos da folha da seringueira, do tronco da seringueira e da seringueira inteira. Mas nessa última, que seria da seringueira inteira, fizeram retratos do grupo. Novamente as crianças se colocaram como medida de sua realidade. E dessa vez estavam juntos testando o ato fotográfico e as possibilidades oferecidas pela experimentação das imagens.

Fechamos o ano fazendo uma exposição na escola dos textos, das fotografias e principalmente uma grande reunião com a comunidade escolar sobre esses momentos e sobre a importância da participação desta no cotidiano da escola. A constelação de desejos que abriu o ano também o finalizou, mas agora em uma grande lua/roda que emanava conhecimentos e afetos nossos na relação com as águas.

Foto
LUAN
Folha da seringueira

Foto
ELIAS ROBERTO
Tronco da seringueira

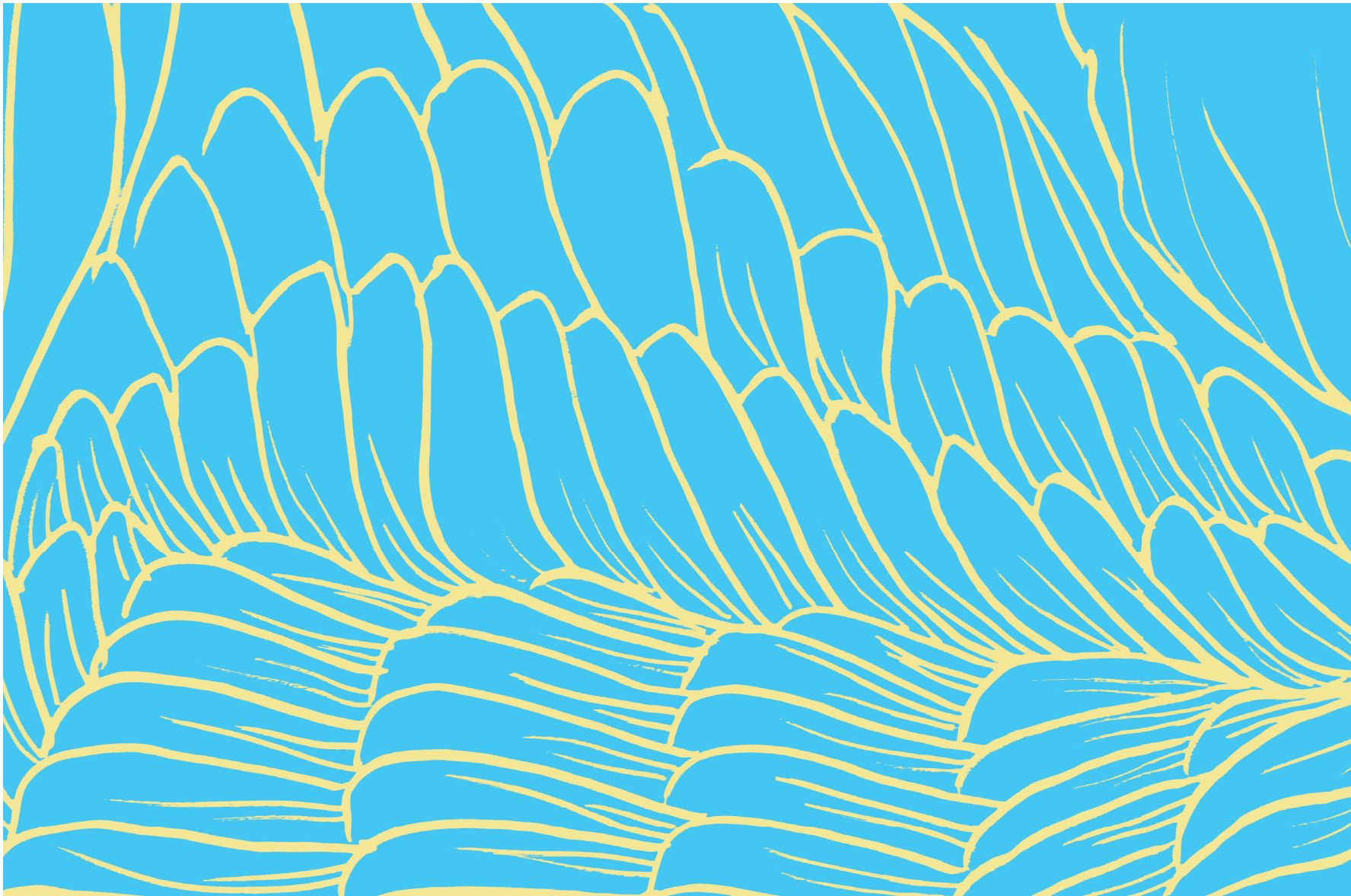
Foto
JOHN WELLINGTON
Seringueira e retrato do grupo













DES[CON/S]TRUIR TU-IR

FOI

OU MAPAS DE UM PLANETA CHAMADO COMBU

Nós entendemos que somos capazes de mover uma pedra que está na beira do igarapé represando toquinhos e folhas, mas sabemos que não podemos mover o destino das águas.

Nós somos parte dos eventos. Interferimos neles a partir da nossa virtude e do nosso conhecimento, da nossa interação com aquele lugar, mas não podemos agir como seres externos aos eventos.

(Krenak, 2015, 92)

Já fiz a primeira parte da travessia até o Igarapé Periquitaquara, na Ilha do Combu. Olhei e descrevi sua geografia, ouvi suas histórias na voz de seus moradores e moradoras e também entramos em parte da rotina de sala de aula na disciplina de Artes que foi, durante aqueles anos, minha missão e entrega. Agora, é chegado o momento de conhecer quem são essas crianças que vivem e estudam no local. Uma articulação que nos leva ou levará a ver como elas, as crianças, desenham e escrevem seu mundo





de águas, seus mapas, que diferenciam toda nossa percepção de leitura do território de Belém, pois, como diz Ailton Krenak, no epílogo desse texto nós somos parte dos eventos, do lugar e essa interferência, que também é afetiva, é que constitui o que identificamos como território.





EXPERIÊNCIA, INFÂNCIA MÚLTIPLA E CRIANÇA Olhar a infância é olhar a experiência com a qual descobri essa etapa da vida. Não posso ser criança novamente, mas posso preservar em mim essa energia de liberdade de pensamento e trazer narrativas minhas e das mulheres do Periquitaquara sobre essas infâncias, já que, como defende o educador Paulo Freire (2003, 56)

Não havia uma fronteira entre minha forma de estar sendo em casa e os meus exercícios na escola. Daí que esta não fosse para mim uma ameaça a minha curiosidade, mas um estímulo a ela. Se o tempo que levava brincando e buscando, livre, no meu quintal, não era igual ao que vivia na escola, não tinha nele porém, um oposto que, só em ser pensado, me fizesse mal. Um tempo se escoava no outro e eu me sentia bem em ambos.

Assim, tento compor essa escritura entre essas narrativas para chegar às crianças





que habitam o Igarapé Periquitaquara. Começo com minha lembrança de criança, sobre a sensação de balançar na rede a beira da janela da casa em que morei em Belém. Deitada ali, ora via o telhado de barro da casa, ora a grandeza do céu com suas nuvens. Não posso dizer o que pensava naqueles tão longínquos anos, mas com essa imagem gravada na memória e a sensação gravada no afeto, imagino que ali naquele ato de balançar-me, tranquila a beira da janela, exercitava o fluxo infinito de estar no mundo, de experimentar o mundo, mesmo que só olhando pela janela de casa. Ali moravam meus sonhos, os pássaros, o vento, as estrelas, a lua e o sol. Ali construí parte de minha existência espacial e imaginária. Atualmente, me admiro em ver a potência desse momento da existência humana, o momento em que somos crianças. Pois todas e todos nessa idade de vida são inteiros, mas com múltiplos potenciais que vão sendo explorados dia a dia a medida da curiosidade que lhes é ferramenta.

Essa experiência vivida na infância me permite compreender o quanto estamos integradas e integrados aos lugares que habitamos e como essa relação chega diretamente a vida adulta marcada em nosso corpo, em nossa personalidade, em nossa afetividade, em nossa territorialidade, a qual só se constitui a partir da construção de identidades e vice versa.

A infância, portanto, é plural, pois é um conceito que considera sujeitos que produzem modos de subjetividade e constroem seus processos culturais, sociais e sensíveis na relação com o mundo. Desse modo, toda infância é singular, única e preciosa, nos fazendo questionar “verdades”, revendo tudo em uma contínua observação de práticas e discursos, como apontam as educadoras Gabriela Meireles, Marilda Pedrosa e Roney de Castro (2012, 183).

Considerando que cada sujeito pode alguma coisa, no sentido da potência,





Korhan (2007, p. 95) estabelece uma diferença entre alguns modos de se viver a infância: “Uma infância afirma a força do mesmo, do centro, do tudo; outra a irromper, diversificar e revolucionar”. Estes posicionamentos diversos diante da vida nos apontam para a existência de infâncias plurais.

E dentro dessa pluralidade da infância sempre haverá um conjunto de relações com o tempo, com a espacialidade e com os demais seres que habitam as infâncias. É nesse ponto que quero trazer o estudo antropológico de Rosilene Pereira Holiparkorhó e uma fala do líder político e intelectual dos povos originários Ailton Krenak que ampliam ainda mais a ideia de infâncias, pois consideram o contexto em que essa criança está inserida.

a ideia de infância não existe em todas as culturas, ou não existe da mesma forma. Desse modo os estudos devem refletir sobre o que é ser criança num determinado contexto.

(Rosilene Pereira Holiparkorhó, 2013, 19)

Escrever e ler para mim não é uma virtude maior do que andar, nadar, subir em árvores, correr, caçar, fazer balaio, um arco, uma flexa ou uma canoa. [...] Na nossa tradição um menino bebe o conhecimento do seu povo nas práticas de convivência, nos cantos, nas narrativas.

(Ailton Krenak, 2015, 86)

No contexto ribeirinho, o Igarapé Periquitaquara possui uma pluralidade de crianças que desde muito cedo reconhecem, aprendem e ensinam, aos que estiverem dispostos a





vê-los, sobre seus valores, suas tradições, seus afetos guardados e demonstrados das mais variadas formas. Daqui em diante, portanto, usarei a palavra “criança” que compreende a ideia de Holiparkorhó e Krenak em refletir o contexto ribeirinho de Belém, da Ilha do Combu, do Igarapé Periquitaquara.

Essas crianças de tantas gerações vão aos poucos nos contando de suas brincadeiras, seus trabalhos, e de como tudo isso está relacionado a outras crianças e a natureza predominante da Ilha do Combu. Destaco abaixo a fala de duas mulheres sobre seus seres crianças.

Gente, era a oitava na maravilha do mundo poder passear de canoa, ir pra casa do vizinho, brincar, era muito legal quando a gente dava aquela emprestada, sem a pessoa saber, da canoa do outro, né!? ia brincar pro rio. Então no rio como um espaço de brincadeira, a canoa em si, ter o rio pra banhar e brincar, aproveitar de uma forma, assim, magnífica, o nosso parque, brincar, todas as brincadeiras que você pudesse fazer na água, com a água, essa relação assim, era maravilhoso. A tradicional brincadeira de ‘pira-pegá’ na água, né!? ‘pira maromba’, que é com a bola, na água... então quando a gente pensa na criança, essa relação é mais com o brincar, é a relação que eu tenho com a água.

(Giselle Trindade)

Antes os meninos pulavam muito na maré, esses meus filhos mais velhos, eles pulavam, tinha o balancete aí pro igarapé né!? aí eles pulavam de lá e vinham na vazante. Não se queixavam de perigo de





cobra, nem de jacaré né!?. Agora não, agora é difícil a gente vê tomarem banho assim né!? no porto. As crianças, eles tomam banho no rio, mas já maneiraram mais aquele negócio de ficarem pulando, assim, na água, passar horas no rio, tomando banho né!? Tem maneirado mais, que as crianças ficaram com medo. Quando eles vão querer... 'olha, o jacaré!', aí eles vup, pra cima, ficam com medo.

(Dona Gracina)

As falas da Giselle e da Dona Gracina são fortes por si só. Apresentam por elas próprias a criança que foram e/ou viram crescer tão próxima a natureza, a força da água, aos perigos e maravilhas da mata. Apresentando dessa forma a criança, como qualquer sujeito, é engendrada em um processo de construção social, cultural e discursiva, ou seja em contínua transformação, como bem esclarecem as educadoras Gabriela Meireles, Marilda Pedrosa e o educador Roney de Castro (2012, 179) quando sublinham que os seres criança “são constituídos por práticas discursivas e não-discursivas e a produção de suas subjetividades é mediada por relações de poder, envolvendo conflitos, negociações, avanços e recuos”. Anda acerca disso, o pesquisador e educador Eugenio Tadeu Pereira (2009, 24) diz que “As crianças, por mais que sejam doces, trazem dentro de si toda condição humana de afetos, desafetos, preconceitos, leveza e crueldade.”

Não se trata, portanto, de apresentar um conjunto de crianças fantásticas guardadas em um mundo de maravilhas e encantarias, mas sim de dialogar com elas em pé de igualdade, pois todos estamos mergulhados nas mais básicas condições humanas e em um processo de formação que não cessa pela hora marcada nos ponteiros dos relógios.





AS CRIANÇAS DO PERIQUITAQUARA conheci dentro do contexto de sala de aula, ou seja, dentro de situações pedagógicas, uma vez por semana, a cada segunda feira. Mas quando me interessei em ter um olhar um pouco mais atento a elas percebi que não existiria pedagogia que funcionasse se eu não descobrisse quem era cada uma delas, para assim estabelecer diálogos sensíveis que pudessem beneficiar a própria atividade artística em sala de aula. A arte educadora Mirian Celeste Martins (2012, 15) diz que

O saber e as informações que professores possuem valem muito, certamente. Mas, do mesmo modo, é importante a disponibilidade para o encontro com o outro, com a abertura e a sensibilidade para abrir brechas de acesso ao seu pensar/sentir, levando-o a tecer diálogos internos que possam gerar ampliações, inquietações e novas relações.

Permitir-me conhecer aquelas crianças foi o primeiro passo de muitos. Mas o





³⁰ São festas em que a música é o principal atrativo. Essa musica é comandada por um DJ que afina-se com um ou outro estilo musical popular. E o próprio equipamento sonoro é que dá o nome e o volume das festas. São festas para ouvir e dançar. Não são festas para conversar.

processo foi longo e levou o tempo de meu trabalho por lá. Mesmo assim é certo que ainda não as conheça, não tenha compreendido questões que só elas entendem e resolvem. Dentro dessa perspectiva, pude perceber que era muito comum a ausência das crianças as segundas feiras, dia de nossas aulas. Em princípio sondei com o próprio corpo pedagógico da escola o motivo, e de forma ingênua, talvez, aceitei com a mesma (in)sensibilidade que me foi transmitida que elas faltavam muito nesse dia porque muitas participavam de festas junto com seus (ir)responsáveis.

A compreensão desses eventos a partir somente do ponto de vista que aprendi como institucional me levou a várias vezes chamar a atenção das mães e pais sobre as ausências que poderiam levar a retenção diretamente pelo baixo índice de frequência em nossos dias de aula que somados com a disciplina de Educação Física possuem 20% da carga horária total do aluno. Naquele momento eu havia vestido o jaleco institucional e estava olhando apenas um lado da relação, desenvolvi ações de poder a partir daquele lugar que eu ocupava.

Entretanto, ainda bem, o tempo passou e tive a oportunidade de abrir em mim brechas de acesso às crianças a partir da minha imersão no cotidiano delas. Quando comecei a frequentar a comunidade fora do meu horário de trabalho percebi que uma das principais práticas sociais e culturais da região consiste na frequência das festas de aparelhagem³⁰. E nessas festas as famílias não se separam, muitas vezes não porque “gostem” de estar o tempo todo com suas crianças, mas porque não há outra alternativa. Aqui percebi que ao mesmo tempo que esse estar juntos significa toda uma prática de interação social, de consumo de práticas culturais, de desenvolvimento de





uma corporeidade, é também a única alternativa para essas mães e pais se divertirem e socializarem, pois não há babás, não há escolha possível que não esta e que

Então você passa a compartilhar o conhecimento, os compromissos e o sonho do seu povo. As grandes festas se constituem em instantes de renovação permanente do compromisso de andar junto, de celebrar a vida, de conquistar as suas aventuras. Então a nossa tradição consiste, de maneira resumida, nesses eventos. A formação é isso.
(Krenak, 2015, 87)

As festas possuem como rotina começar em uma noite e terminar na manhã ou tarde seguinte. Logo, os corpos dessas crianças e também desses adultos não estão dispostos à normatização da escola, mas na experiência já descobriram tantas coisas como dançar, pular, correr, equilibrar, cansar, dormir, ouvir, girar, ter medo, chorar, acordar e sorrir no retorno para casa, para rede ou para a cama que já de dia lhes esperam, após um mergulho refrescante no rio.

As pessoas que constituem a escola quando percebem isso têm em mãos as sementes, as ferramentas de trabalho, a terra fértil, o sol e a abundância de água que são necessários ao cultivo de jardins poéticos e práticos. Possuem então variadas opções de trabalho conjunto com os saberes que apenas esse território disponibiliza. Eu, em meu fazer docente, tive essa oportunidade de cultivo partilhado com as crianças do Periquitaquara. Elas são protagonistas de suas histórias que passam de forma muito forte pela relação com o ambiente de água e mata e que vão e voltam para o aconchego desse lar. As crianças são parte desse lugar e





sabem dizer sobre esse protagonismo, pois sentem na pele o que significa viver ali.

Quando em dois exercícios de leitura e recriação de texto lhes perguntei sobre a relação delas com a Belém continental e sobre um conhecimento/história que elas pudessem compartilhar, surgiram várias observações acerca da relação delas e com elas, não era a relação de seus pais, avós ou outros adultos de referência, mas com seus pais, avós, etc. que desde muito cedo estão totalmente mergulhadas nessa paisagem de comunicação, atravessamento e respeito com o rio. Percebo, a partir desses textos, o nível de independência que eles e elas vão ganhando à proporção que olham com responsabilidade as embarcações, que saem para fazer compras, que se admiram das luzes, da velocidade e aprendem sempre sobre essa cidade com seus medos e seus encantos. E quando se trata de seus lugares de morada há também outros medos e encantarias, algumas certezas e muitas dúvidas, como elas explicam em seus exercício de escritura e quiçá solidificação de identidades inerentes. Então, elas por elas e isso basta.

A vida – A minha vida é muito bonita. O meu pai comprou uma lancha e eu fiquei passeando na “voadeira” até acabar a gasolina. Então tive que ir remando pra casa.

(Felipe Nascimento)

Eu vou para Belém com meu pai, com minha mãe e com meu irmão na rabeta. Eu vou passando pelo igarapé até chegar na casa da minha avó. Só depois disso eu chego no rio grande. É assim que chamamos o rio. Então chegamos depois de atravessar o rio grande no Porto da Palha. (Elias Roberto Bahia)





O que eu faço – Eu brinco de casinha com a minha irmã e ajudo a minha mãe com as coisas da casa. Eu vou brincar aí a minha mãe me chama pra vim comer e onze e meia eu vou tomar banho de novo e vou me arrumar pra vim pra escola. Quando dá meio dia o barco da escola me leva. Duas hora eu lancho e volto para o dever. Aí demora alguns minutinhos e eu volto pra casa. Eu geralmente vou pra casa da minha avó eu brinco bastante, depois eu volto pra casa e vou tomar banho, jantar e vou dormir. Essa é a minha história.

(Jamily Monteiro Soares)

Quando eu atravesso o rio eu vejo aquele monte de prédios e o rio. Depois eu chego no Porto do São Benedito.

(Jaime Elias)

Eu vou sempre pra Belém com meu pai na rabeta. Quando a gente chega, meu pai sobe lá pra cima e compra comida. Enquanto ele está lá em cima eu fico na rabeta. Quando ele compra tudo ele volta pra rabeta e a gente volta pra casa.

(Renan Pereira Alfaia)

Belém é uma cidade muito legal e muito bonita. Eu passava por Belém quando morei em Bujaru. Era muito legal lá. Eu morava com a minha avó. Mas quando eu tinha quatro anos a minha mãe foi me buscar. Aí eu vim pro outro lado do rio. Eu gosto de ir pra Belém. A noite é tão lindo. Ver de longe as luzes dos prédios e dos carros. Eu gosto de prédios e de carros.

(Adriany da Mota Nascimento)





Atravesso geralmente do Paciência pra Belém pra eu ir pro supermercado. Mas eu ainda caminho mais pra fazer as compras na feira. Depois eu volto pra casa.

(Luiz Fernando)

Eu fui em Belém com meu pai. Ele foi vender açaí e eu fui comprar peixe e outras coisas. Quando a gente foi embora tinha muita maresia. Quase a voadeira vai no fundo. Eu tive que ir tirando a água. (Felipe Nascimento)
Todas as vezes que eu vou para Belém eu vejo muitos prédios e barcos, rabetas e lanchas muito grandes.

(John Wellyngton)

Eu gosto de Belém porque lá quando fica de noite fica luminosa e quando fica luminosa fica bonita.

(Diego Alfaia)

Como foi na casa da minha tia – Eu entrei no barco e fui pra casa da minha tia. Foi muito legal lá. Eu brinquei com as minhas primas, a gente via os carros passarem lá na rua. Era tão legal que os carros passavam muito rápido. A gente ficava brincando até a noite. A gente tomou banho na chuva. Era uma casa tão linda de altos e baixos. Foi tão legal quando nós fomos lá.

(Nathália Soares)

Eu acho de Belém uma cidade bem movimentada e adoro ir para Belém que lá é muito legal e gosto de ver as luzes de Belém é tão bonito. Só me dá medo quando tem muita maresia e quando eu estou com o meu pai não





sinto medo.

(Joelma Martins Soares)

Eu gosto de ir para Belém porque ela tem muitas coisas interessantes como prédios altos, praças bonitas, bosque e museu e outras escolas e outras casas. Eu gosto também de merendar nas lanchonetes e gosto de ver os aviões bem baixinhos. Eu gosto de andar de barco para ir para a cidade de Belém.

(Dhenmenson)

Um dia eu fui viajar. Passei cinco dias. Nesses cinco dias mataram um boi. Depois, um dia eu fui pro mato caçar passarinho. Aí eu encontrei um córrego e banhei nele. Mas lá tinha piranha, boto e arraia.

(Luis Felipe)

A poluição do rio – Um dia eu estava lá em casa e pensei nos peixes, as pessoas jogam lixo na água, e os peixes moram lá. É tão lindo os peixes na água, eu tomo banho no rio, os camarões ficam picando no meu pé, no pé da minha prima. A gente fica tomando ar de tarde aí a gente sobe da água. A gente também bebe água.

(Nathalia Soares dos Santos)

O que eu faço – Lá em casa é assim, a minha mãe é toda doida de tanto trabalho em casa, aí ela falou para mim e para a minha irmã ajudar ela. A minha irmã arruma casa e eu lavo a louça. Todo o dia eu me acordo cedo e vou direto para lavar a louça e quando eu termino eu vou arrumar





as minhas coisas para ir para a escola. E se eu terminar a tempo eu vou arrumar as minhas coisas aí dá o tempo de eu ir me arrumar pra ir pra escola. Aí eu me arrumo e depois o barco passa e ele pega todos os alunos da beirada, Ele pega e deixa os alunos. Ele deixa os da manhã e pega os da tarde. E acaba aqui a minha história. Fim (Darlene Moía França)

A minha vida – Oi, eu vou contar um pouco da minha vida. Eu moro no igarapé chamado Aninguau, eu moro com os meus pais e meu irmão. Eu não tenho medo de nada. Eu tenho alguns medos de madrugada, da Matinta Perera e de Jacaré. Sabia que meu pai já matou um jacaré? O mau pai tirou o coração do jacaré, mas o coração do jacaré não morreu. Uma vez eu pensei que um pau era um jacaré, eu fui correndo avisar meu pai, quando ele viu ele também pensou que era um jacaré, mas a minha mãe falou – isso não é um jacaré, é um pau. Fim.

(Elias Roberto Bahia)

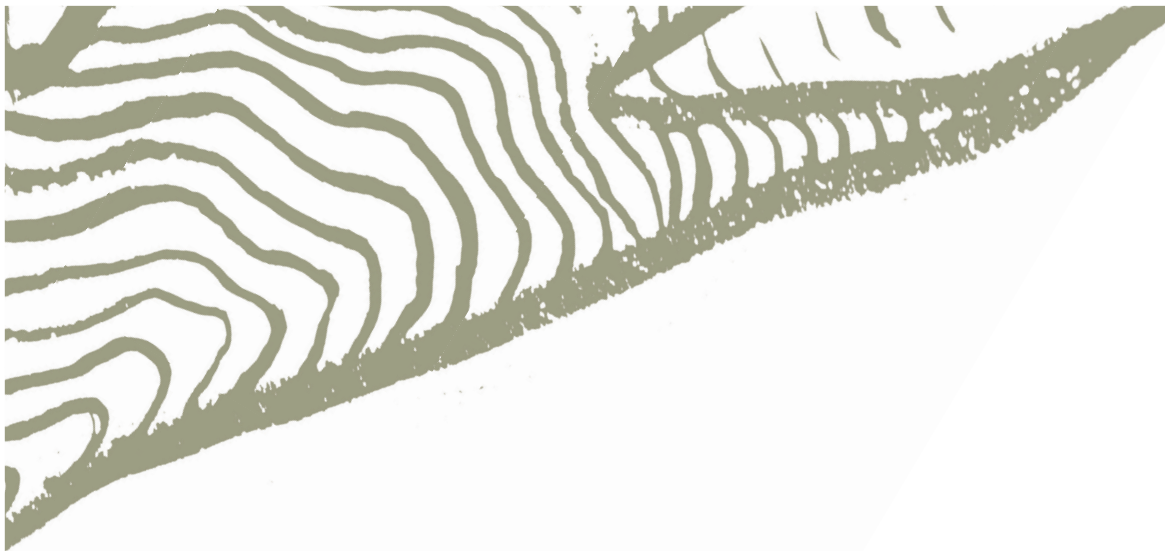
O rio é legal – Lá em casa eu brinco muito no rio e é legal e brinco muito no barco e também é legal. Eu ando muito de barco com meu padastro.

(Josiel)

Como eu amo a água – Eu amo a água porque ela me ajuda quando eu preciso dela, eu moro na beira do rio, eu tomo banho no rio. Uma vez eu pulei de costas na água que eu bati a minha costa. A minha costa ficou vermelha igual a um tomate. Eu utilizo a água de jeitos diferentes, eu brinco com água, eu lavo louça, eu tomo banho e utilizo a água pra isso.

(Elias Roberto Bahia)





A VEIA, A FOLHA O FLUXO foi o nome de uma atividade realizada em sala de aula com as crianças do Igarapé Periquitaquara. Era uma atividade de fim de semestre letivo e tinha como objetivo desenvolver um exercício poético visual que começasse individual e que depois se tornasse coletivo.

Essa atividade consistia na simples tarefa de coletar em casa uma folha que cada criança considerasse muito bonita e levar para a escola na segunda-feira indicada. Aquelas que, no dia combinado, esqueceram sua folha, puderam sair no terreiro da escola e catar alguma folha do entorno que tivesse o mesmo sentido. A beleza da folha poderia ser medida esteticamente ou a partir de alguma relação afetiva, ou seja, que fosse da árvore que gera o fruto preferido, que fosse da árvore que dá a flor mais querida, que fosse da árvore que de suas partes elas tirassem seus brinquedos e brincadeiras favoritas.

Propor essa abordagem para a escolha das folhas foi aliar a forma de conhecimento relativizada defendida pela arte educadora Ana Mae Barbosa (1998, 38) em sua proposta





triangular ao falar especialmente da contextualização quando diz que “Contextualizar é estabelecer relações. [...] É através da contextualização que se pode praticar uma educação em direção à multiculturalidade e à ecologia”, pois considera que

A Proposta Triangular é construtivista, interacionista, dialogal, multiculturalista e é pós-moderna por tudo isto e por articular arte como expressão e como cultura na sala de aula, sendo esta articulação o denominador comum de todas as propostas pós modernas do ensino da arte que circulam internacionalmente na contemporaneidade.
(Barbosa, 1998, 41)

O exercício consistia em desenhar individualmente os veios das folhas coletadas em pequenos pedaços de papel verde e depois criar um único desenho coletivo a partir da união dessas pequenas partes que coladas em uma folha de papel madeira criariam uma nova imagem. Utilizamos do desenho e da colagem para experimentar a mistura entre o universo visual das crianças e trazer isso para uma ação artística desenvolvida em sala de aula. Tanto a folha como a relação com a mesma, eram apenas de cada criança, mas que ao se encontrar com as outras perceberam e foram ligando seus caminhos de sangue que corre nas veias, de águas que correm nos rios, de veios de folhas por onde passam a seiva ou o que mais coubesse naquele grande desenho.

Esse título foi dado pelas crianças, pois o exercício inicial era apenas “A Folha, o Veio”, mas ao ver o processo de criação delas percebi que estavam tratando de “A veia” e que quando começaram a unir suas veias no papel madeira logo falaram de “Fluxo







de águas” como em um mapa. Elas, as crianças, inventaram tudo e com isso deram a atividade um novo título chamado “A veia, A folha, O fluxo”, que registrei em grafite na mesma coluna que seus nomes em assinaturas de crianças que eram.

Foto
NAILANA TIELY
*Reprodução do exercício
“A folha, o veio, o fluxo”*





DE BEIRA A BEIRA TEM UM PLANETA CHAMADO COMBU Cada dia ou noite que eu atravesso de uma beira a outra do rio Guamá também sou atravessada por um turbilhão de emoções, sentimentos e sentidos que as pessoas e as águas nos fazem encontrar. Imagine viver isso desde criança? As falas das crianças do Igarapé Periquitaquara já carregam em si uma força imensurável. Com seus desenhos não é diferente. Cada desenho é a marca de cada uma dessas crianças, das suas existências, de ser o que são, seja de seus lugares de afeto, de suas distâncias e proximidades, de suas paisagens de beira de rio, seja da vida de seus sonhos de meninas e meninos. São seres que vivem em estado de poesia como diria o poeta Manoel de Barros, onde a brincadeira ocupa um espaço expandido. Que vivem a experiência da arte que está muito além do objeto artístico criado, mas vivem o processo e as marcas de sua existência. Em um ensinamento budista o Lama Padma Samten (2001, 101) diz que



A arte talvez seja uma linguagem a ser explorada no Dharma, porque proporciona experiência. A experiência não está dentro do objeto de arte; o objeto apenas permite que vejamos diretamente o que está dentro de nós, o nosso conteúdo.

Nessa perspectiva, trago aqui os mapas criados pelas crianças. São as imagens de um lugar, aquelas de quem se reconhece nesse lugar e que é maior que o continente na outra beira. Nelas há a chuva, a água, o vento n'água, a maré de lance, seus parentes e conhecidos, as casas, os barcos, o açai, o coração, pontes, furos, cada igarapé, cada pedaço... Eles sabem do seu lugar... E seus nomes, Felipe, Jaime, Francisco, Adrienny, Isaac, Ewerton, Nathália, Esmael, estão escritos no meio delas, para dizer que eles estão lá. As imagens são elas. Elas são as crianças e, são principalmente, a via para fazer as muitas travessias entremundos. Naturalmente e, ao mesmo tempo, com toda a certeza, os mundos na Ilha do Cumbu, no Igarapé do Perequitaquara, no Furo da Paciência, são muito maiores do que se imagina daqui do outro lado

Há algum tempo estávamos dialogando sobre os conhecimentos delas e deles, as crianças, sobre o lugar que residiam e sobre a relação com o lado continental. Mas, para mim, como docente, havia a necessidade de uma representação visual do conhecimento que as crianças estavam compartilhando há meses. Então, sugeri que cada criança sentasse em dupla para realizar o trabalho a ser feito em papel A3 e giz de cera. A partir da parte estrutural organizada descrevi o que seria a parte sutil e de criação de cada dupla. Seria necessário desenhar três trajetos ou escolher um deles. Os trajetos poderiam ser entre a casa de cada uma das crianças da dupla, das casas até a escola ou da casa até o lado continental.





Devido ao tempo de aula as próprias crianças decidiram ficar só com uma opção de trajeto, que poderia ser de qualquer uma das opções propostas. Como apoio elas teriam o mapa³¹ representativo da ilha no quadro branco para ser consultado sempre que tivessem dúvidas.

As crianças do Periquitaquara ao desenharem seus mapas impregnaram o papel com a grandeza delas e do planeta chamado Combu. Em todos os desenhos a presença da água é marcante, pois são seus caminhos até a casa dos amigos que muitas vezes são representados pelo movimento dos barcos ou por tracejados como os vistos em desenhos animados de mapas ao tesouro. Nesse caso, os tesouros são suas próprias casas, de seus amigos, de seus territórios de existir. Como um território que além da água do rio tem a presença constante da água da chuva, essa também aparece banhando as ilhas, as pontes e fazendo crescer o rio. Na maioria dos casos o continente nem precisou aparecer, suas escolhas foram por suas inteirezas, e apesar de conhecerem o continente, lhe dão apenas o lugar em que cabe, sem mais nem menos.

Essa ação se assemelha muito com o que diz Ailton Krenak (2015, 86) sobre sua resolução em aprender a ler e escrever em que ele fala “quando aceitei aprender a ler e escrever, encarei a alfabetização como quem compra um peixe que tem espinha. Tirei as espinhas e escolhi o que eu queria.”

Nesse momento as crianças Felipe Alfaia, Diego, John, Dhenmenson, Renan, Felipe Santos, Adrian, Jamily, Lorrán, Luis Felipe, Jaime, Esmael, Geovanny, Nathália, Darlene, Isaac, Josivan, Gabriely, Adrienny, Yasmin, Francisco e Ewerton tiraram as espinhas ou os pedaços de terra que não lhes servia e ampliaram ao máximo o rio, as beiras de suas casas e seus planetas chamados Combu.

³¹ Descobri no decorrer do semestre letivo que a escola possuía desde anos anteriores dois mapas feitos artesanalmente da ilha do Combu mostrando seus principais igarapés e rios ao redor.

Fotos
NAILANA TIELLY
Exercícios de desenho
de trajetos na ilha do Combu

Fotos
ADRIELE SILVA DA SILVA
Planeta Combu

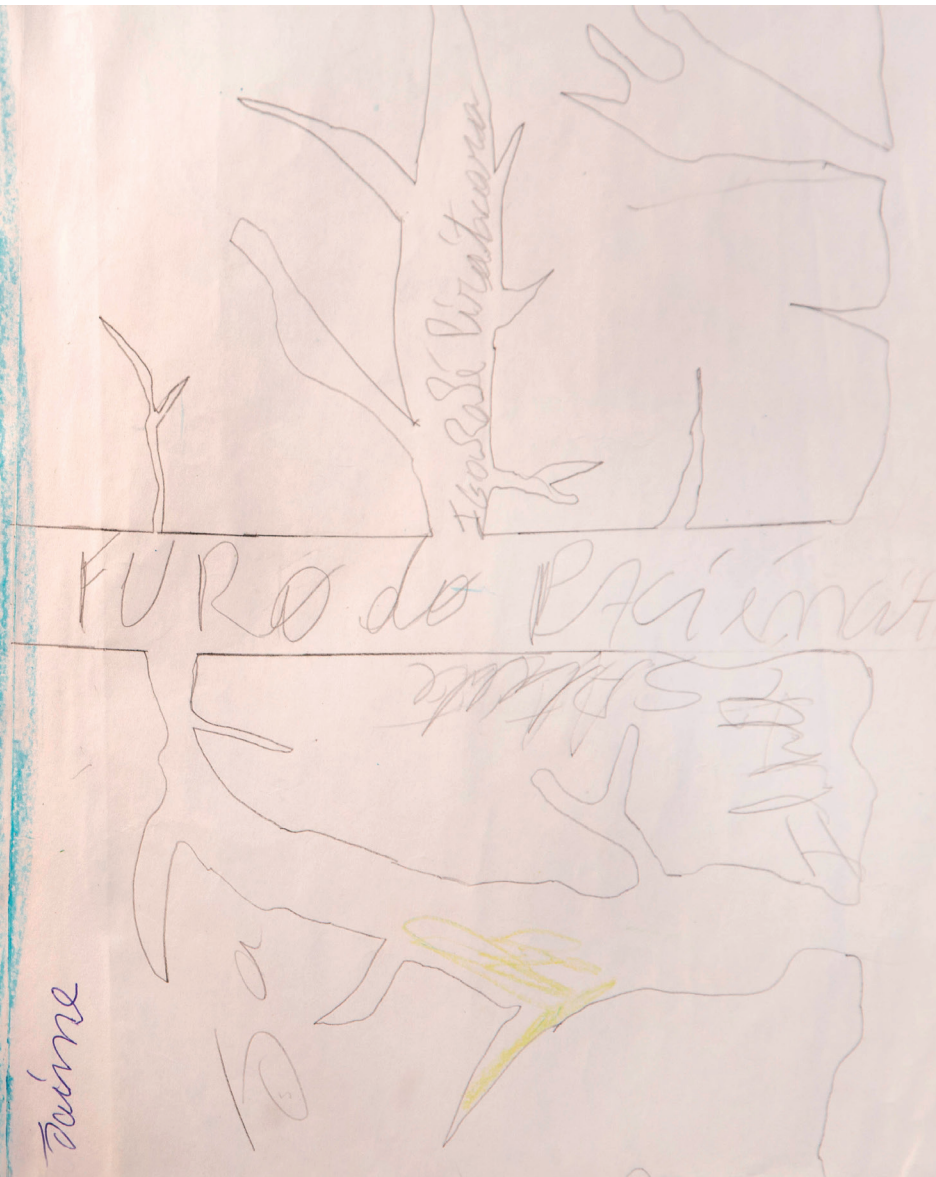










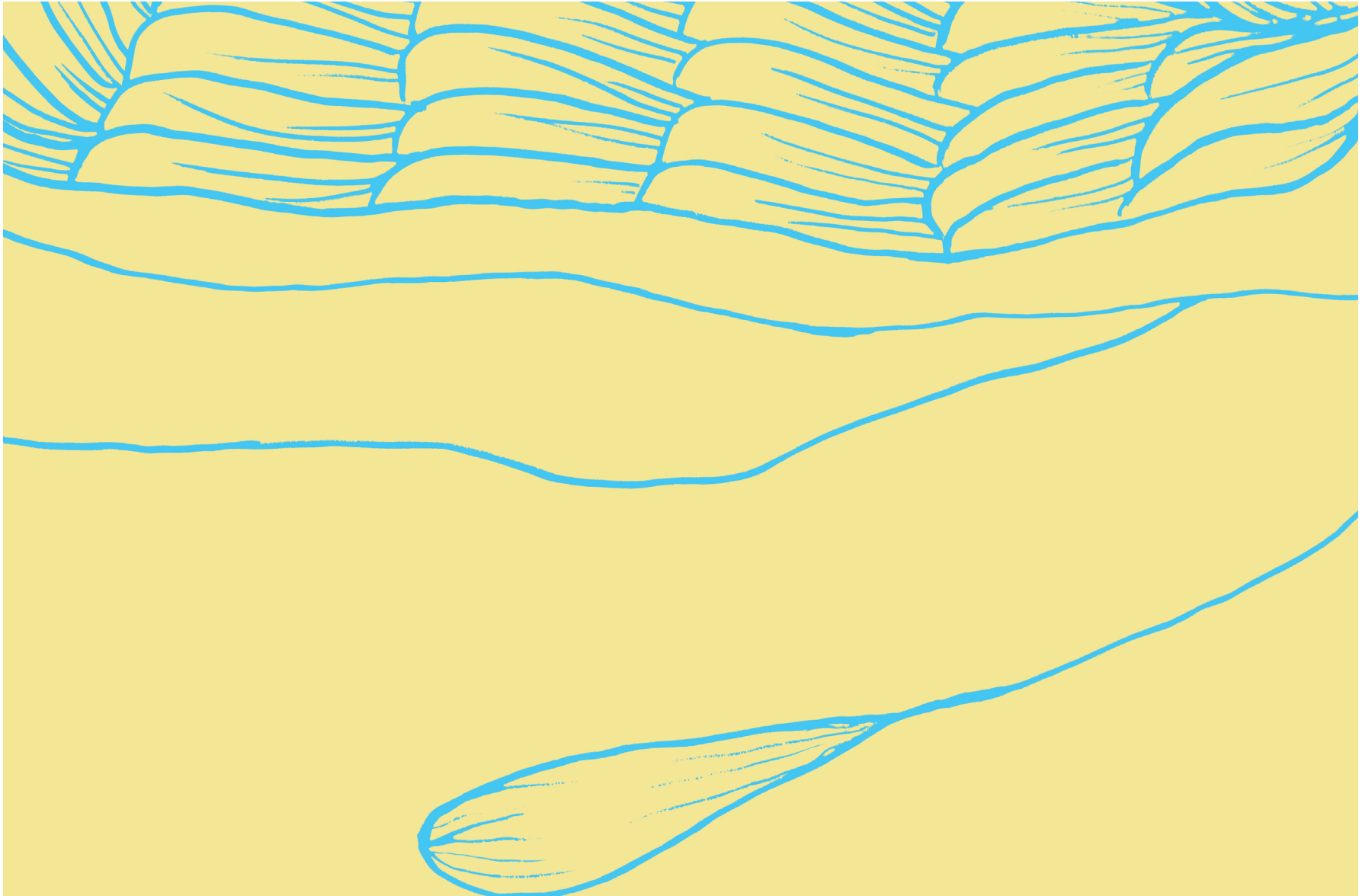














1ª CARTA

POR EXISTÊNCIAS PRECIOSAS OU CONSIDERAÇÕES POSSÍVEIS

*A minha história é a experiência coletiva do meu povo.
A minha história de maneira nenhuma se resume
ao conjunto de documentos públicos que o governo me deu.*
(Krenak, 2015, 84)

Queridas crianças,

A vocês eu escrevo algumas considerações sobre esse tempo que compartilhamos conhecimentos, experiências, afetos, esperas. Tenho na densidade das pequenas partículas soltas nas águas do pensamento a vontade de decantar dessa escritura algumas das coisas que tem haver com a luta por outro tipo de visibilidade, que evidencie cada uma de vocês, crianças da comunidade, cada moradora e morador, como protagonistas de sua história e em pleno exercício de sua territorialidade.





Penso muito na responsabilidade pela continua construção de presentes, de memória cultural que é memória política, sem reproduzir lógicas de uma aprendizagem castradora, de uma postura colonialista.

Estou imersa naquilo que pode vir a ser minha fala e escrita, e como isso pode ou não impactar a fala de vocês, o seu território, as suas existências. Creio que preciso ir além da visão utilitarista apontada criticamente pela educadora Shaula Sampaio (2012, 284) quando diz que

as populações tradicionais são valorizadas por se constituírem como um reservatório de tecnologias úteis para o desenvolvimento sustentável da Amazônia, o que não deixa de ser uma visão utilitarista, que parece só admitir o direito à existência dos outros se estes servirem a algo para nós.

Vocês são bem mais do que seres úteis a qualquer causa. Vocês são, e isso basta. Mas, quando vejo que dentro das instituições escolares, inclusive das que eu faço parte, se repetem falas como: “- Oh! Coitadinho dele que tem que trabalhar desde tão cedo!” ou ainda quando é tempo de festas de fim de ano e se multiplicam as iniciativas “caridosas” de doação de brinquedos e cestas básicas a comunidade do Igarapé Periquitaquara e a outras comunidades da Ilha do Combu, percebo o quão distantes estamos institucionalmente e individualmente de ver o outro como igual e não como alguém que “precisa” da nossa intervenção, da nossa ajuda. Quem diz o que é necessário, o que é ou não ajuda, são vocês.





Vejo que, institucionalmente e individualmente, ainda estamos muito distantes de perceber a inseparabilidade do tempo e do espaço para a compreensão da existência humana, como defende o filósofo japonês Tetsuro Whatsuji (2006, 33) quando diz que “Si se capta, ante todo, el doble aspecto individual y social de la existencia humana como algo constitutivo y esencial, resultará evidente lo inseparable de la temporalidad y la espacialidad.” E essa inseparabilidade não é exclusiva das pessoas que vivem no continente, como eu, mas de todas e todos, de cada uma de vocês, as crianças, que participaram dessa pesquisa, de cada moradora ou morador que compartilhou um pouco de suas existências comigo, da comunidade que vocês juntas e juntos formam há anos.

Existências preciosas que podem estar atentas ao risco inerente dos olhos do capital ou de quem é detentor do capital. Percebo dia-a-dia como os ricos descobriram a beleza da beira do rio e agora a querem particularizá-la. Já são muitas as áreas de frente para o rio Guamá que foram “vendidas” por filhas ou filhos de moradores antigos, que não vivendo mais na Ilha do Combu encontram na venda uma alternativa de renda. Mas, o preço dessa venda não recai apenas sobre a vida de quem negocia, mas daqueles que ficam e precisam aprender a lidar com estrangeiros nem sempre dispostos ao convívio. O líder indígena Ailton Krenak (2015, 108) em uma de suas entrevistas disse que

Você habita aquele lugar, o defende e o protege. Mas você não o defende como propriedade, e sim como habitat. Quando nós fazemos a defesa dos nossos territórios, estamos utilizando o sentido mais completo da palavra “territorialidade”, que envolve um povo, uma tradição, uma cultura, um ecossistema.





Esse habitat, esse território do Igarapé Periquitaquara, ao que eu senti é semelhante ao que o líder indígena diz, pois trata-se de um lugar que vocês protegem como parte de vocês, como parte importante do seu modo de vida, como lugar que é origem, meio e fim de sua tranquilidade. Cada novo visitante que passa ou para de lancha ou de barco sorrindo e se encantando é observado por vocês com alegria e ao mesmo tempo com desconfiança. Cada novo ou nova trabalhadora da escola é sempre “testada” das mais variadas formas pela própria comunidade para então ser ou não “aceita” nesse lugar por vocês. A velocidade com que cada embarcação passa no igarapé ou no Furo do Paciência é que demanda a ação de educação desses pilotos, pois a força das águas causa a olhos nus assoreamento do leito do rio, e são vocês quem apitam com força e chamam a atenção para o fato. Cada projeto que se aproxima da comunidade ou de moradoras e moradores é acolhido ou não por decisão de vocês.

³² Até o ano de 2018.

Nessa dissertação trilhei um caminho que primeiro atravessa da beira continental para a beira insular e então apresenta, no primeiro capítulo, como vocês, ao longo dos anos, foram responsáveis por apresentar demandas para o acesso a itens básicos do exercício de cidadania perante os poderes públicos. Alinhado a essa primeira parte também busquei destacar como existe no município de Belém um distanciamento entre definições legais e a ação dos órgãos competentes na efetivação desses marcos legais. Depois de atravessar chegamos ao Igarapé Periquitaquara, conhecendo pelo nome (ou apelido) de cada uma das 48 (quarenta e oito) famílias que tem suas casas construídas³² no igarapé. Mergulhamos nas várias significações do nome que o batiza e uma delas é narrada pela voz do Sr. Bebezinho, morador ilustre da comunidade. N'água densa





do Periquitaquara destaco como ao longo da narrativa não posso reduzir as relações que percebo e estou inserida para a ideia de centro e periferia, mas posso ampliar as disjunturas de pensamento e ouvir todas as histórias que se originam na relação que cada uma e cada um possui com esse lugar, sua paisagem, seu clima e como tudo afeta diretamente cada corpo.

No segundo capítulo assumo o amor como minha principal linguagem dentro da minha prática educativa como docente de Artes. Prática que foi possível de se fortalecer quando entrei e descobri a existência da Unidade Pedagógica Santo Antônio, suas turmas de ensino fundamental e a construção coletiva de um plano de trabalho que esteve atento às relações entre o eu/nós e a paisagem. A partir desse preâmbulo mergulhei nos modos de fazer em artes descrevendo algumas das atividades mais significativas que sempre tinham a responsabilidade compartilhada como pressuposto. Doação de sentimentos, audição de histórias, observação dos ciclos da natureza, produção de conhecimento, partilha de sonhos, deslocamento do olhar, registros com autonomia de escolha, reflexões sobre o tempo, histórias com o rio, escolha de temas, e narrativas escritas com luz foram algumas das nuances que trabalhei com vocês e que aqui descrevi carinhosamente.

O terceiro e último capítulo foi onde, depois de desconstruída, caminhei ao encontro dos mapas que vocês desenharam. Mas, para isso precisei visitar meus sonhos, alguns pássaros, ouvir a voz do vento, das estelas e até da lua para entender como a curiosidade quando se é criança é ferramenta de descobertas e de construção de pluralidades. Só assim pude me encontrar e conhecer vocês, crianças, entendendo que esses encontros foram mais potentes quando considerei todo o entorno, suas rotinas,





suas visões, seus gostos, seus medos contados em histórias vivas de cada uma e cada um de vocês. Com esse movimento caudaloso de narrativas contextualizamos juntas e juntos um grande desenho de veias, de folhas e de fluxos como nosso primeiro mapa subjetivo do emaranhado que é cada uma de vocês, e que juntas formam um outro corpo maior e mais forte de emoções.

Na última parte chegamos ao exercício que desencadeou a vontade de escrever essa dissertação, o exercício em que vocês, crianças, desenham os trajetos d'água entre uma morada e outra, entre as beiras que são suas marcas de ser, transfigurando em imagens muito do que lhes constitui. As chuvas, os ventos, as águas, as casas, os barcos, as palmeiras de açaí, os seus nomes escritos em giz de cera e grafite apresentam o planeta chamado Combu.

Dessa forma, sonhando juntas, vamos construindo a profundidade de abraços conscientes. Os sonhos nos mostram que somos plurais e que cada uma dessas formas que lá figuram são o próprio “homem inteiro”, potenciais inteiros de comportamento, somos nós mesmos com nossos conflitos internos. Somente nos despedaçando nas múltiplas figuras podemos entender a consciência no sentido de abraçar apontado pelo psicólogo James Hillman (2013, 72-73). Desse abraço também alcançamos um trecho do que o antropólogo Arjun Apaadurai (1996, 48-49) diz sobre a responsabilidade do imaginário

[...] a imaginação como prática social. Já não é mera fantasia (ópio do povo cuja verdadeira função está alhures), já não é simples fuga (de um mundo definido principalmente por objetivos e estruturas





mais concretos), já não é passatempo de elites (portanto, irrelevante para as vidas da gente comum), já não é mera contemplação (irrelevante para novas formas de desejo e de subjetividade), a imaginação tornou-se um campo organizado de práticas sociais, uma maneira de trabalhar (tanto no sentido do labor como no de prática culturalmente organizada) e uma forma de negociação entre sedes de acção (indivíduos) e campos de possibilidade globalmente definidos. Este desatar da imaginação liga o jogo de pastiche (em certos cenários) ao terror e a coerção dos Estados e dos seus competidores. A imaginação está agora no centro de todas as formas de acção, é em si um facto social e é o componente-chave da nova ordem global.

Sendo a imaginação a nova ordem global, seus desenhos carregam em si o movimento de conscientiz[ação] de seu território, pois ele ainda tem na espera sua como condição fundamental, em uma tríade que equilibra tempo, espaço e humanidade. Só assim vocês poderão escolher quando deixarão de tomar banho no rio, não porque tem cobra grande, mãe d'água ou porque esteja na maré de quarto, mas, porque podem ser atropeladas a qualquer momento por lanchas ou jetskis que passam em alta velocidade, uma vez que esse processo de mutação está acontecendo de forma rápida. Porém se as suas ações afirmativas sobre o território se perderem, se perde também possibilidade de manter o que para muitos de vocês ainda é o mais caro, o afeto, o amor que os une às pessoas e ao seu território.

Refletindo sobre o trecho da fala do líder indígena Ailton Krenak no prólogo dessa



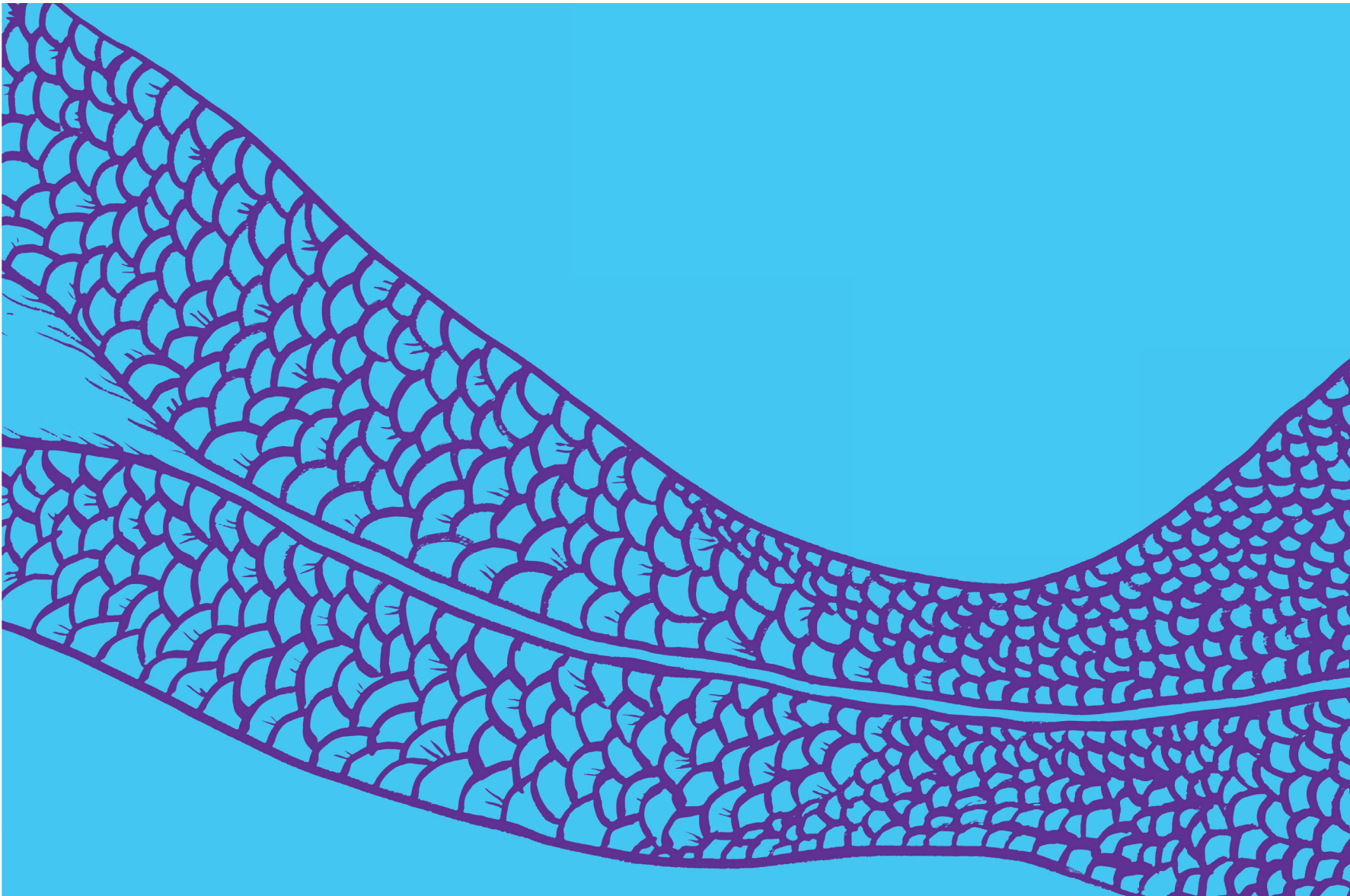


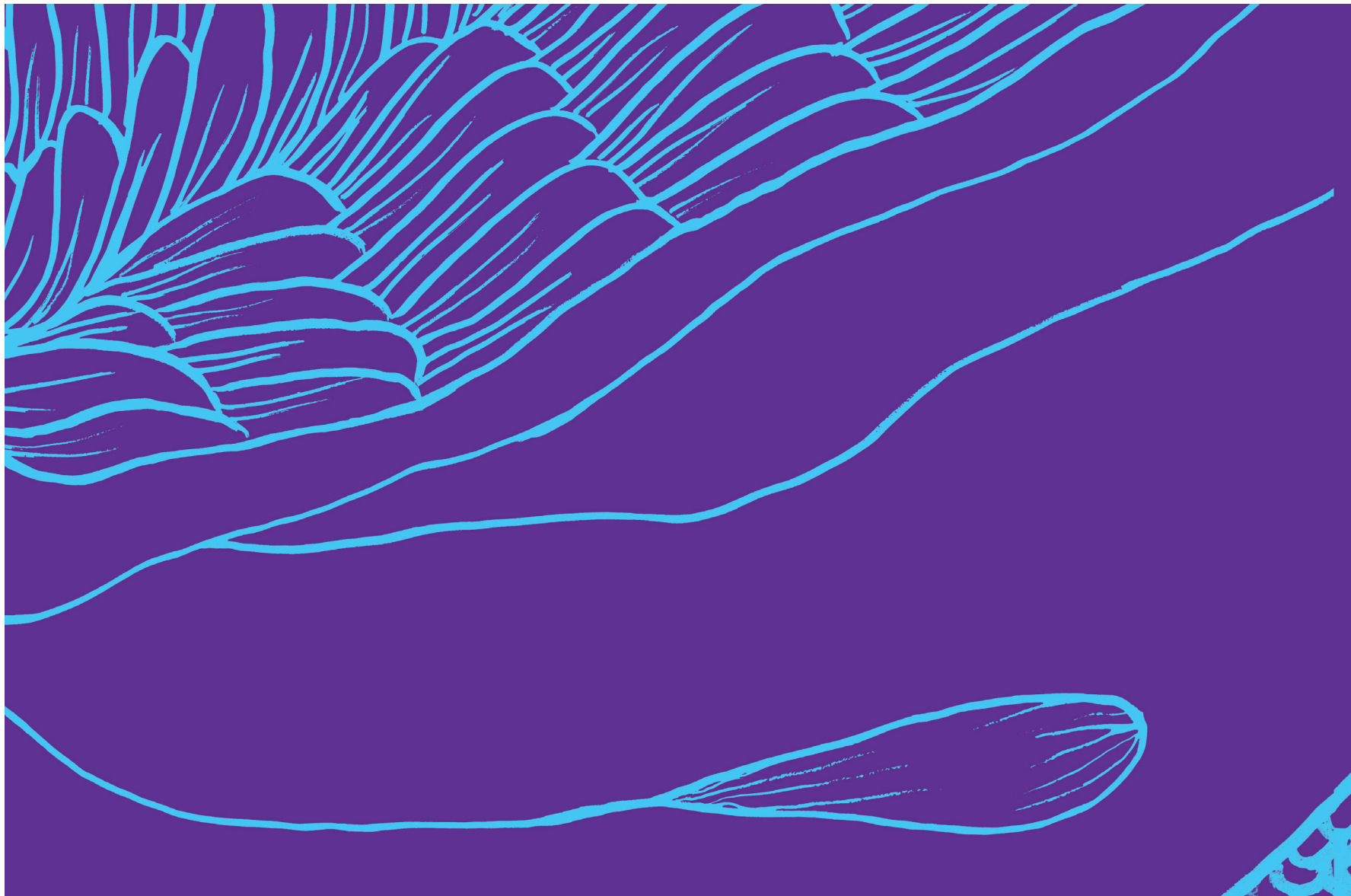
carta percebi que ela não fala só de vocês, mas também de mim, pois mesmo que pessoas da atual prefeitura não me permitam voltar pra essa escola, para a Unidade Pedagógica Santo Antônio, não será esse papel, essa autorização, essa lotação que dirá da minha história com vocês. Então, ainda assim, tudo isso é, apenas, o início.

Com carinho

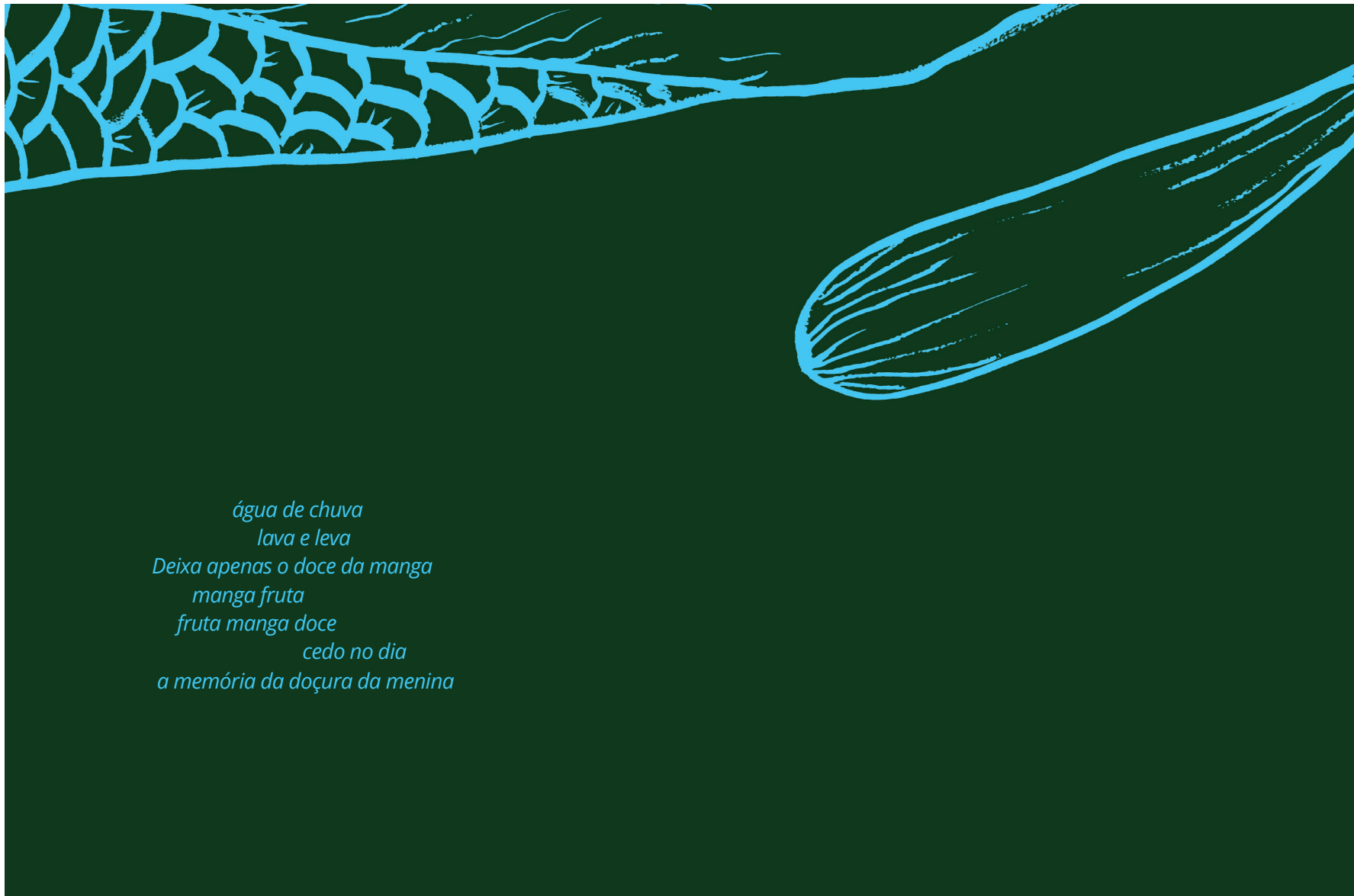
Adriele





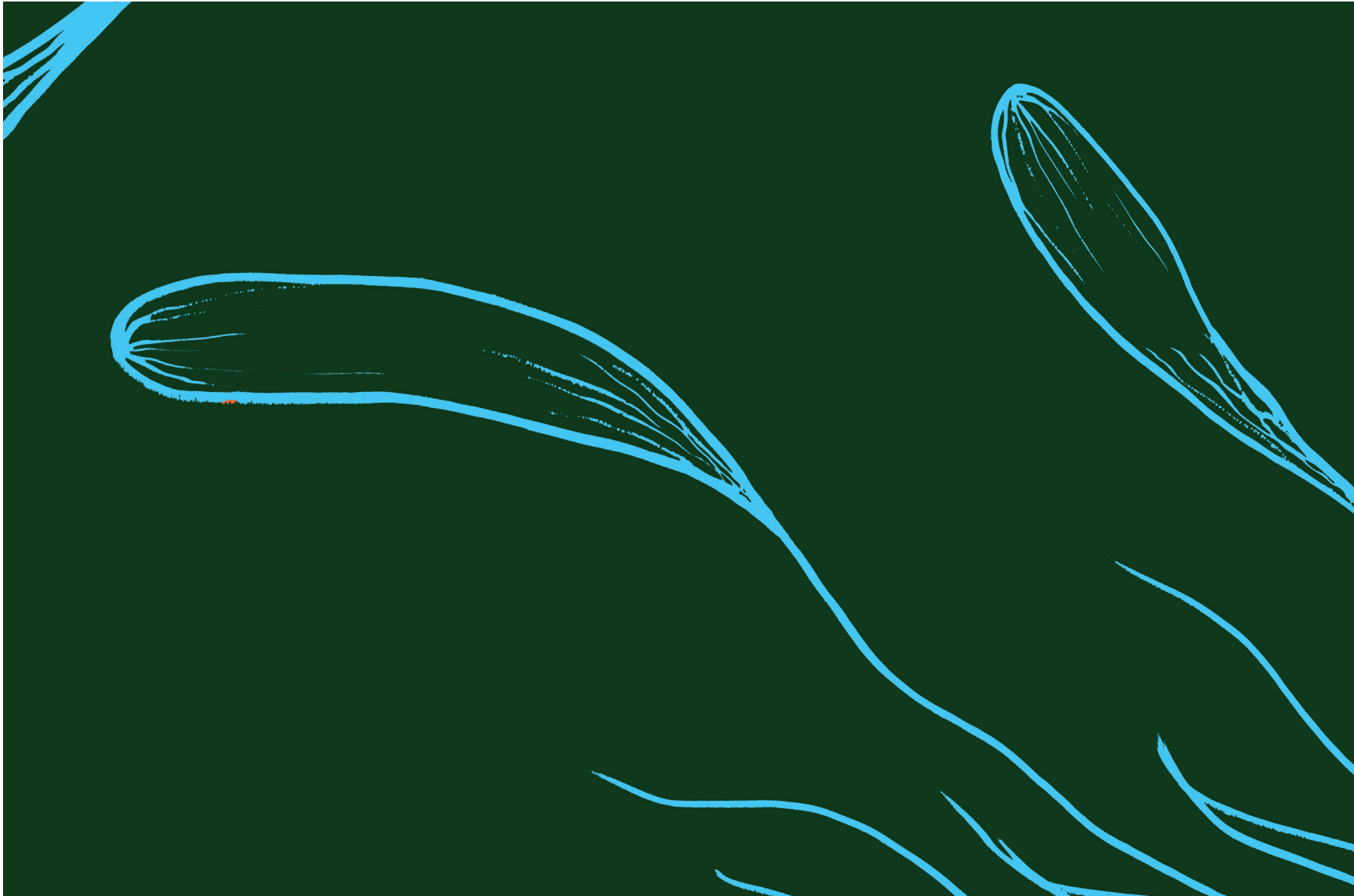


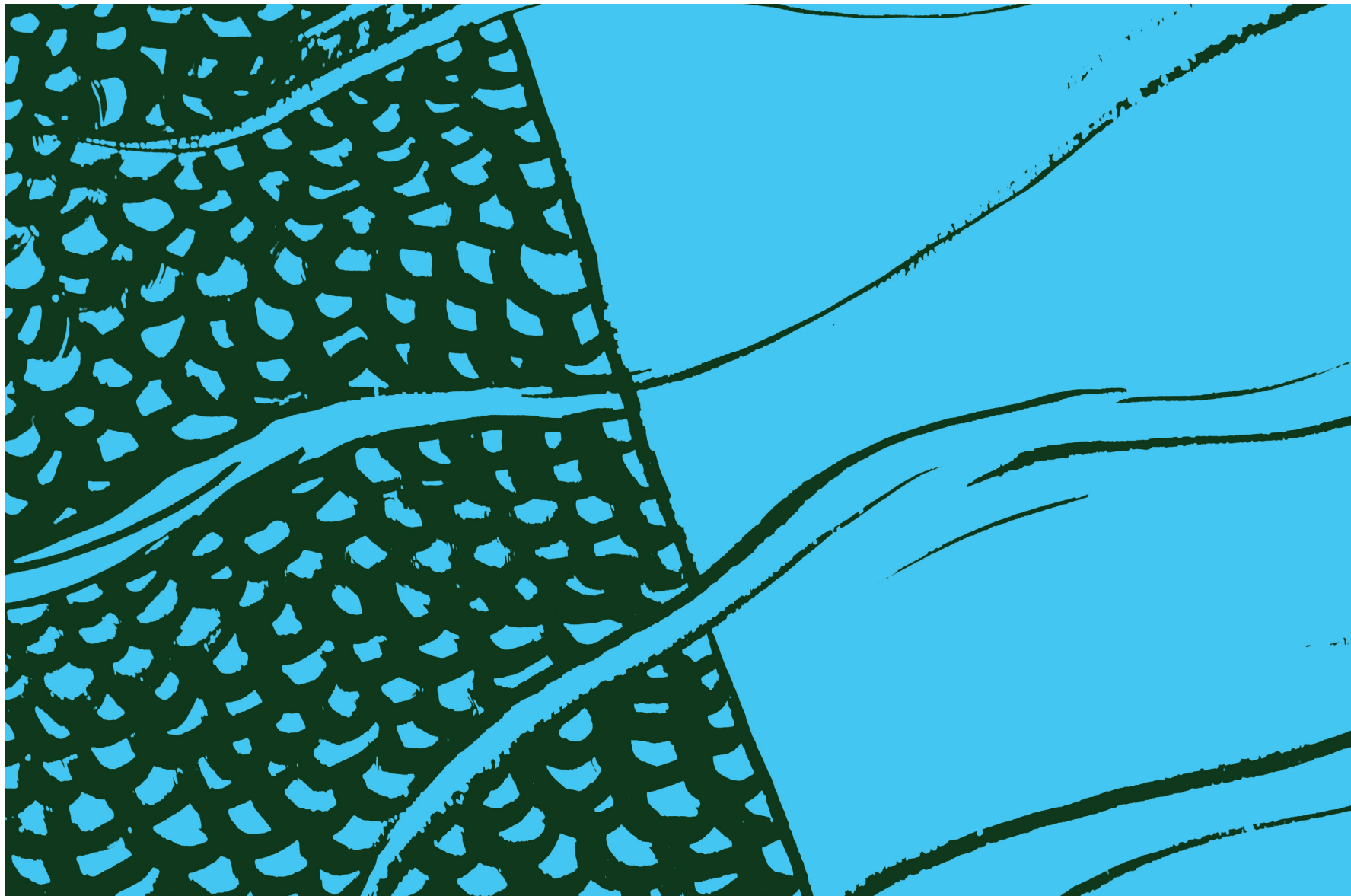




*água de chuva
lava e leva
Deixa apenas o doce da manga
manga fruta
fruta manga doce
cedo no dia
a memória da doçura da menina*









REFERÊNCIAS

APPADURAI, Arjun. **Dimensões Culturais da Globalização**. Lisboa: Editorial Teorema, 1996.

BARBOSA, Ana Mae. **Tópicos Utópicos**. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.

BENJAMIN, Walter. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. 2ª edição. São Paulo: Duas cidades: Editora 34, 2002.

BRASIL. LEI Nº 7.603, de 13 de Janeiro de 1993. **Plano Diretor do Município de Belém. Belém, PA, Janeiro 1994**. Disponível em: http://www.belem.pa.gov.br/segep/download/coletanea/PDF/n_urban_p/pdu_belem.pdf Acesso em: 11/07/2018.

BRASIL. LEI Nº 7.682, de 05 de Janeiro de 1994. **Regionalização Administrativa do Município de Belém. Belém, PA, Janeiro 1994**. Disponível em: http://www.belem.pa.gov.br/segep/download/leis/lei_distritos.pdf Acesso em: 11/07/2018.

BRASIL. LEI Nº 7.682, de 05 de Janeiro de 1994. **Regionalização Administrativa do Município de Belém. Belém, PA, Janeiro 1994**. Disponível em: http://www.belem.pa.gov.br/segep/download/leis/lei_distritos.pdf





pdf Acesso em: 11/07/2018.

BRASIL. LEI Nº 6.083, de 13 de Novembro de 1997. **Criação da Área de Proteção Ambiental da Ilha do Combu - no Município de Belém.** Belém, PA, Novembro 1997. Disponível em: <http://www.pge.pa.gov.br/sites/default/files/lo6083.pdf> Acesso em: 11/07/2018.

BRASIL. DECRETO-LEI Nº 9.766, de 05 de Setembro de 1946. **Os Bens Imóveis da União.** Rio de Janeiro, RJ, Setembro 1946. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Decreto-Lei/Del9760.htm Acesso em: 11/07/2018.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil, de 05 de Outubro de 1988.** Brasília, DF, Outubro 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm Acesso em: 11/07/2018.

CAVALCANTE, Diego D'Avilla. **De quem é essa terra? - Uma análise histórico-constitucional da propriedade dos terrenos marginais (margens de rios).** Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/31894/de-quem-e-essa-terra> Acessado em 17/07/2018.

CIRILO, Brenda Batista. **O Processo de Criação e Implementação de Unidades de Conservação e sua Influência na Gestão Local: o estudo de caso da Área de Proteção Ambiental da Ilha do Combu, em Belém/PA.** 199f. Dissertação de Mestrado em Planejamento do Desenvolvimento. Programa de pós-graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido. Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Universidade Federal do Pará. Belém, 2013.

COSTA, Tânia. **Entrevista de Dedé Mesquita.** Data da Entrevista: 26/09/2017. Belém. SEMEC. Ilha do Combu. Disponível em: <http://www.belem.pa.gov.br/semec/site/?p=130> Acessado em: 12/07/2018.

DERGAN, João Marcelo. **História, Memória e Natureza: as comunidades da ilha do Combu - Belém-PA.** 174f. Dissertação de Mestrado em História Social da Amazônia. Departamento de História. Centro de





Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2006.

DICIONÁRIO Ilustrado Tupi Guarani. Disponível em: <https://www.dicionariotupiguarani.com.br> Acessado em: 17/07/2018.

DID-HUBERMAN, Georges. **Que Emoção! Que Emoção?** São Paulo: Editora 34, 2016.

FERREIRA, Regina Célia Brabo. **Análise dos Circuitos de Produção, Reprodução e Subsistência do Transporte Hidroviário de Passageiros nas Ilhas da Região Metropolitana de Belém: uma contribuição para a revitalização do setor.** 155f. Tese de Doutorado em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido. Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Universidade Federal do Pará, 2011.

FLUSSER, Vilém. **A Filosofia da Caixa Preta.** Relume Dumará. São Paulo. 2002.

_____. **O Mundo Codificado: por uma filosofia do design e da comunicação.** São Paulo: Cosac Naify, 2007.

FREIRE, Paulo. **Cartas a Cristina: reflexões sobre minha práxis.** 2ª edição. São Paulo: Editora UNESP, 2013.

GURAN, Milton. Latas Letras Luz. In: ALTBURG, Tatiana (org.). **Cada dia meu pensamento é diferente.** Rio de Janeiro: Nau, 2013.

HILLMAN, James. **O Sonho e o Mundo das Trevas.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

INSTITUTO Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Disponível em: Acesso em 12/12/2017.

INSTITUTO de Desenvolvimento Florestal e da Biodiversidade do Estado do Pará – Ideflor-bio. Disponível em: <http://ideflorbio.pa.gov.br/unidades-de-conservacao/regiao-administrativa-de-belem/area-de->





protecao-ambiental-da-ilha-do-combu/ Acessado em: 13/07/2018.

KILOMBA, Grada. **Entrevista de Suely Rolnik**. Data da Entrevista: 05/10/2016. Revista ARTE!Brasileiros. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/descolonizacao-do-pensamento-na-obra-de-grada-kilomba/> Acessado em: 20/04/2018.

KRENAK, Ailton. COHN, Sérgio (org.). **Encontros Ailton Krenak**. Rio de Janeiro: Azougue, 2015.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas**. 6ª edição. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

MARTINS, Mirian Celeste. PICOSQUE, Gisa. **Mediação Cultural para Andarilhos na Cultura**. 2ª edição. São Paulo: Intermeio, 2012.

MEIRELES, Gabriela; PEDROSA, Marilda; e CASTRO, Roney. **Infâncias, Gênero e sexualidades: perspectivas plurais para educação infantil**. In: RIBEIRO, Claudia Maria (org.). Tecendo Gênero e diversidade sexual nos currículos da Educação Infantil. Lavras: UFLA, 2012.

PEREIRA, Eugenio Tadeu. **Brincar e criança**. In: CARVALHO, Alysson ... [et al], organizadores. Brincar(es). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

PEREIRA, Rosilene Fonseca (Holiparkorhó). **Criando gente no alto rio negro: um olhar Waikhana**. Dissertação de mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Amazonas. Manaus: 2013.

PONTE, Juliano P. X. **Belém do Pará: cidade e água**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cm/v17n33/2236-9996-cm-17-33-0041.pdf> Acesso em: 12/12/2017.

PONTE, Juliano P. X. **Cidade e água: Belém do Pará e estratégias de reapropriação das margens**





fluviais (1). Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.085/237> Acesso em: 29/12/2016.

QUANDO EU ERA UM PEIXINHO. Paulo Tatit e Zé Tatit (compositores). Sandra Peres, Paulo Tatit (intérpretes). São Paulo: RIMO, Pauleco e Sandreca, DVD, 2013.

RIBEIRO, Jocilete de Almeida. **Área de Proteção Ambiental da Ilha do Combu, Belém/PA: desafios de implantação e de gestão de uma Unidade de Conservação**. 155f. Dissertação de Mestrado em Gestão de Recursos Naturais e Desenvolvimento Local na Amazônia. Programa de Pós-Graduação em Gestão de Recursos Naturais e Desenvolvimento Local na Amazônia. Núcleo de Meio Ambiente. Universidade Federal do Pará. Belém, 2010.

SAMTEN, Padma. **Mandala do Lótus**. São Paulo: Peirópolis, 2006.

_____. **Meditando a Vida**. São Paulo: Peirópolis, 2001.

SECRETARIA Municipal de Educação. **Diretrizes Curriculares do Ensino Fundamental Ciclos I e II. Diretoria de Educação**. Secretaria Municipal de Educação. Prefeitura Municipal de Belém. Belém, 2012.

SILVA, A. C. S. **A Margem de um Território de Cuidado: processos de cuidado na Galeria Theodoro Braga (1986-2012)**. Monografia de Conclusão de Curso de Artes Visuais - Bacharelado, Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Arte, Faculdade de Artes Visuais (2012).

SIMMEL, Georg. **Ensaio sobre a teoria da história**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2011.

SLOTERDIJK, Peter. **Esferas I: bolhas**. São Paulo: Estacai Liberdade, 2016.

WATSUJI, Tetsuro. **Antropologia Del Paisaje: climas, culturas y religiones**. Salamanca: Ediciones Sigueme, 2016.









PROJETO GRÁFICO
ILUSTRAÇÃO MAPAS, CAPA E MIOLO
IMPRESSÃO E ENCADERNAÇÃO

Nathalia Queiroz

FOTOGRAFIAS

Adriele

Miguel Chicaoka

ILUSTRAÇÕES CRIANÇAS

<i>Adrienny</i>	<i>Darlene</i>	<i>Diego</i>	<i>Isaac</i>
<i>Gabriely</i>	<i>Dhemenson</i>	<i>Felipe Santos</i>	<i>Josivan</i>
<i>Yasmin</i>	<i>John</i>	<i>Lorran</i>	<i>Jaime</i>
<i>Ewerton</i>	<i>Adriany</i>	<i>Luiz Felipe</i>	<i>Renan</i>
<i>Francisco</i>	<i>Jamily</i>	<i>Geovanny</i>	
<i>Nathalia</i>	<i>Felipe Alfaia</i>	<i>Esmael</i>	

*Este livro foi impresso
sobre papel Avena 90g/m2
e offset 240g/m2 para a capa
(colada sobre papel chumbo),
em impressora fotográfica.*

*Para o texto foram
usadas as famílias tipográficas
Open Sans e 1rial.*



